

A Defesa Nacional

ASSUMPTOS MILITARES

(XIV - Agosto - 164)

EDITORIAL

O MOMENTO MILITAR

"A necessidade absoluta de uma ordem rigorosa impõe, como de maior urgência para o Brasil, a organização definitiva e acelerada de seu poder militar".

Somos dos que creem não haver no Brasil problemas a resolver, senão um único: o da prosperidade nacional a ser obtida visando o papel civilizador que nos cabe, indicado por nossos antecedentes históricos e calcado nos recursos grandiosos de toda ordem que o passado nos legou.

legou. A Nação constitue um todo, que tem de crescer conforme a lógica de uma evolução natural, mas que tem sido constantemente perturbada pela inaptidão theorica ou prática dos nossos homens influentes, que abandonam aspectos de verdadeiro interesse nacional para se dedicarem excessivamente a outros menos importantes. A continuar assim, as crises, os desequilíbrios hão de tornar-se cada vez mais graves e poderão chegar até ao perigo de morte.

E' o problema unico do Brasil, o da *ordem*. E' claro que, não podendo haver *verdadeiro progresso* sem que os emprehendimentos assentem numa *ordem previa*, as crises nacionaes não poderão ser eliminadas sem o restabelecimento *completo da ordem total*. As perturbações esporadica da desorganização geral, porém, perceptíveis com mais facilidade por serem mais violentas.

A nossa prosperidade tem tido um carácter quasi anarchico e desconnexo e tem sido interrompida por períodos críticos mais ou menos agudos, porém quasi ininterruptamente existentes desde a fundação da Nacionalidade. Ha, apesar disso, uma evolução lógica mas, por golpes e saltos espaçados de longos intervalos cheios de resistências e acções retrogradadas, feito que põe em risco a obra da fatalidade.

Nossa crise financeira é endémica e se agrava continuamente desde que os cofres da Independencia se vieram vazios; a nossa crise económica é fatal consequência da inobservância das nossas leis económicas naturaes, desde a eliminação tardia da escravidão até ás dedicações excessivas por um unico producto agricola, como o café; a nossa crise de communicações é uma revelação do desprezo com que tratamos as cousas patrias, onde os negocios individuaes tudo encarecem e tudo deturpam todas as nossas crises, em summa, nada mais são de que

uma prova flagrante de que temos sido incapazes de estudar, *de conhecer, de saber para prever*. E tão illudidos temos andado que nos envaidecemos ás vezes com o infeliz qualificativo de "improvizadores" — que melhor fôra chamar "imprevidentes!" — supondo encontrar ai uma excellente qualidade nacional!

E' esse caracter de acções improvisadas, sem continuidade, fruto de uma mentalidade impropria ás realizações duradouras, que devemos combater a todo custo. Sem o desaparecimento dessa *mentalidade infantil* e que se torna antipatriotica, jamais será possível restabelecer, no Brasil, a ordem e criar o verdadeiro progresso.

Não nos têm faltado estudiosos capazes de discernir e demostrar as nossas verdadeiras conveniencias, mas têm-nos faltado homens realizadores, com o espirito cultivado e o coração preparado, capazes de comprehender e sentir com a Patria o valor das conclusões dos estudiosos.

E' por isso que vemos os recursos da Nação serem jogados ao sabor de vistos meramente pessoaes, sem logica e sem medida, ora em prol do reerguimento financeiro, ora dos portos commenciaes, ora das seccas do Nordeste, como se todas estas questões pudessem ser resolvidas separadamente e sem ligação com os demais phenomenos da Nacionalidade.

Dai este crescer desordenado, que jamais tem permitido atacar integralmente uma obra qualquer, porque ogo a crise se accentúa e as dores nacionaes sobrevindo ecoam clamores por toda parte.

Não se conhecem programmas de acção nacional abrangendo o conjunto das necessidades patrias e propondo a sucessão natural e gradativa dos esforços que cada questão requer, calcados numa apreciação lógica da evolução que naturalmente se propõem a continuar. Jamais passamos de analyses, sob vistas pessoaes, de um momento dado, cujos males pretendemos remediar, sem nos importarmos com as causas que lhe deram origem.

No momento presente em que attingimos um novo *maximum*, talvez o maior, — de nosso desequilibrio chro-nico, onde a desordem é evidente em toda parte, apparece nitidamente que o problema nacional por excellencia é um problema *de ordem*. Restabelecer a *ordem geral*, não meramente policial, eis tudo que é necessario fazer, ou melhor, a unica cousa que é mais urgente fazer.

As forças armadas — a Nação Armada — offerecem ainda o aspecto da mais flagrante desordem e onde as

proporções são mais graves, porque em face da guerra não ha paliativos, sophismas ou delongas capazes de valerem qualquer cousa. A guerra só se faz com valores reaes, realizados e fortemente explicitos.

* * *

A maior consequencia da desordem na esphera militar é a indisciplina que logo germina espontaneamente e e tudo avassala; e perdura enquanto houver o minimo pretexto para persistir.

Não é só á disciplina cujas infracções os codigos e regulamentos punem expressamente que nos referimos, mas sobretudo ao conceito moderno em que é tida; á disciplina que a guerra para ser victoriosa impõe esteja realizada; á disciplina intellectual, á disciplina mesmo dos sentimentos; á que se traduz por um perfeito conhecimento dos deveres e por um amor insophismado ao cumprimento dos deveres; á que se estampa claramente nos habitos e costumes correntes tanto individuaes como collectivos.

A base essencial dessa disciplina é a capacidade technica de cada um, e ella é revelada no modo porque cada um effectúa os trabalhos que lhe cabem, explicita ou implicitamente, e que exige a existencia de uma *cultura theorica appropriada* e habitos de trabalho perfeitamente educados.

Essa disciplina só pode ser obtida pelo exemplo, não só da propria conducta individual, pessoal, mas sobretudo pelo modo com que os chefes, de toda ordem, tratam as cousas nacionaes e cumprem com os seus proprios deveres. Reside essencialmente na *justeza* e na *justica* da acção dos directores.

Ella desapparece sempre que individualismo se sopreja á collectividade, porque os *directores* perdem o prestigio real e porque esse individualismo é uma prova de cultura insufficiente e imperfeita.

* * *

A influencia que as forças armadas podem exercer na educação nacional e a natureza sempre urgente de suas necessidades dão-lhe proeminencia no problema geral da reconstrucção nacional que é preciso realizar quanto antes.

Podem elles — e devem — constituir os nucleos em torno dos quaes a Nação recomponha os laços que atacam seus interesses mais evidentes e onde apoie o ressurgimento geral da noção da ordem de que precisa para progredir.

Ha, porém, uma condição de efficacia necessaria a realizar e é que as forças armadas — Exercito e Marinha — estejam em condições de bem poder desempenhar-se de suas obrigações fundamentaes: — *preparar a Nação para a guerra; poder conduzir a Nação a uma guerra victoriosa*, se esta lhe fôr imposta pelas circumstancias. Isso exige que o Exercito e Marinha vivam num ambiente sadio de *disciplina real* — não apparente — o que é consequencia de uma *hierarchia logica e logicamente preen-*

chida; de uma organização adequada; e de um apparelhamento material satisfactorio.

* * *

No Exercito impõe-se como de ha muito vimos accentuando a organização de uma *nova lei de promoções* acompanhada de regras justas de eliminação dos que se tornarem aquem de suas missões; a organização complementar do que falta para o bom funciconamento do conjunto; do apparelhamento material — sem o luxo de casernas grandiosas — mas adequado ás necessidades da instrucção para a guerra. Na Marinha, é essencialmente material que falta.

* * *

Não ha duvida que o problema militar se liga intimamente ao problema financeiro e ao economico, mas pode ser atacado desde já e convém mesmo que o seja, como parece estar sendo, pela recomposição e reajustamento das peças já montadas mas cujo funcionamento se acha emperrado ainda por causas perfeitamente removiveis dentro dos recursos orçamentarios communs.

Não sabermos, através de todas as difficultades, recompor intelligentemente o nosso organismo militar é deixarmos a Nação sem força, á mercê das forças que se oppõem á sua evolução e que tendem a desaggregá-la ou delapidá-la, internas ou externas.

O *problema immigratorio*, para não ser illogico em sua solução, impõe, exige um orgão de *fusão e consolidação da Nacionalidade* e nenhum mais efficaz que o Exercito com o seu serviço militar seriamente montado; o problema da *reeducação nacional* não encontra melhor instrumento para fazer a educação physica, criar a noção da disciplina, cultivar a idéa civica, que o Exercito bem apparelhado e organizado; os proprios problemas industriais e agricolas encontram na satisfação das necessidades e nas previsões de emprego militares, estimulantes e reguladores poderosos.

Nenhum melhor guia encontrarão jamais os problemas ferroviarios, rodoviario, das vias de communicação em summa, que seguir os roteiros traçados pelas necessidades militares, que se calcam na *força nacional já existente* — POPULAÇÕES E RECURSOS ECONOMICOS REALIZADOS — e não investem impensada e desnecessariamente contra as fronteiras alongando e tornando debéis as vias já existentes, espalhando os recursos, agravando as cruzes e tornando a Nação indefesa!

Infelizmente, tardam certas medidas annunciatas, muito embora seja segura a marcha actual denunciada pelos actos do Governo, mas ainda é tempo de neste resto de anno serem decretados os actos officiaes necessarios, à reorganização fundamental cujos pontos capitales a mensagem presidencial tão bem assinalou. Pelo menos o "Conselho da Defesa Nacional" e a nova "Lei de promoções" não dependem essencialmente de vastos recursos financeiros.

A GUERRA CHIMICA

Dr. Alvaro Bittencourt de Carvalho

O que abaixo publicamos é um extracto de uma conferencia que o illustre professor Dr. A. B. de Carvalho deixou de fazer em 1922 e que ainda permanece inedita. N. R.

GASES DE COMBATE

A Guerra Chimica é um novo methodo belicoso que, repellido embóra pelos utopistas e seus sectarios inconscientes ou, só em publico, pelos *hypocritas internacionaes*, é acariciado atrás das cortinas das chancellarias e dos estados-maiores como o meio de guerra mais logico no espaço e no tempo, producto que é do aperfeiçoamento do gênero humano.

Não penseis que exagero ou que estou a fazer a apologia de innovações que, por deshumanas, cairão fatalmente. Não me queiraes lembrar que a Guerra Chimica, condenada antes de nascer pela Conferencia de Hayn 1899 e pelo artigo 23 das regras de guerra do Congresso da Paz de 1907, foi solennemente sepultada pelo artigo 171 do tratado de Versalhes; não vos sirva de argumento contra mim a clausula V das conclusões da Conferencia do Desarmamento aprovadas a 16 de fevereiro do anno passado, em Washington, e agora ainda a se arrastarem pelas camaras legislativas européas, em busca de ractificação; nem, finalmente, me perturbeis o raciocinio fa-

zendo vir á minha imaginação a deusa eternamente linda da Paz, que ainda agora, de braços abertos no píncaro dos Andes, bafejava com seu halito sadio, no templo augusto da Capital do Chile amigo, amor, concordia, harmonia, nas almas jovens das nações americanas.

Na ordem inversa, eu vos responderei: 1º) como já disse alhures, os carinhos dessa deusa, que é tanto mais bella e desejada quanto, através de todas as idades, mais tem sido profanada e repellida, a Paz, não se gozam quando se quer e sim quando nô-lo permittem. A conclusão c) do illustre chileno dr. Huneus, relator da Comissão de Armamentos na Conferencia de Santiago, e por todas as nações deste continente com muita satisfacção aprovada, nada mais é que uma reiteirão, só para as tres Americas, da proibição dos gases e substancias semelhantes, expressa na citada clausula V da Conferencia de Washington, vós o sabeis, a Sociedade das Nações, em sua terceira assembléa, adiou a discussão de tal proibição e respectiva aprovação internacional para uma conferencia a ser celebrada ulteriormente, depois da de Santiago, e, parece-me, já agora anunciada; 2º) a restrição opposta pela França á aprovação da moção Elihu Root, na Conferencia de Washington, deixou nas entrelinhas a duvida de como será observada, mesmo pelas cinco nações aí representadas, a clausula V acima referida. Por sua vez a declaração sensatissima do illustre dr.



Hydroaviões deante de uma cortina de fumaça lançada por navios de guerra.

Guilherme Valencia, presidente da delegação colombiana á Conferencia de Santiago, resalvando o direito do uso dos gases asphyxiantes, como dos submarinos e aeroplanos, como justo meio defensivo a ser usado pelas nações militarmente francesas, confirmam a minha asserção; 3º) a posterior preocupação da proibição da Guerra Chimica, mostra a confiança que a codificação de Versalhes deixou, sobre tal assumpto, nos proprios, como nós, que a assignaram; 4º) eu vos respondo perguntando: "as regras estabelecidas e solennemente subscriptas, na cida-de da Paz, pela maioria das nações do mundo, impediram talvez o nascimento da pre-condemnada Guerra Chimica?"

Sejamos pois logicos e concluamos na sensata companhia da legião de observadores modernos, militares, philosophos e scientistas em geral, que a Guerra Chimica não morreu.

Pois se ella quasi nem viveu ainda? A 22 de abril ultimo, como sabeis, foi que se passou o oitavo anniversario do seu nascimento, lá, na heroica Belgica, entre Langemark e Bixchoote, onde mais de mil e quinhentos franceses, dos 5.000 então intoxicados, ficaram mortos em holocausto ao factor tactico ainda hoje tão descurado — a surpresa... Ella agora é que está formando, não como as crianças pobres da sua idade, ao céu aberto das ruas, entregues ao Deus dará, mostrando, através dos seus farrapos, as formas rachíticas de seus corpinhos, mas, rebento unico sobre que repousem as esperanças futuras dos Estados, ella cresce bellicamente linda, no interior resguardado dos laboratorios e gabinetes de pesquisas chimicas, confiada aos cuidados de sabios e especialistas, coberta com o tecido espesso e valioso do segredo militar; só sae para jardins colossos, que são os campos de demonstração, onde tropas especiaes verificam frequentemente o grāo de desenvolvimento que vae attingindo; e é satisfeita em todas as suas exigencias pelo ouro não poupadno nos orçamentos das nações previdentes.

Ella viverá muito, viverá mais ainda que a polvora e os explosivos, pois, como bem disse a 9 de outubro ultimo no Círculo Militar Argentino o grande az francês, Capitão René Fonk, se o seu progresso continuar assim, os explosivos poderão ser suprimidos na aviação, que vae ser em terra o meio decisivo das lutas no futuro.

E depois, senhores, ai está a historia militar. Todos a conhecéis a fundo para bem poderdes confirmar vós a que ella não registra um só caso de uma arma nova e que proveitosa ou de um progresso tactico, que tenham sido abandonados, depois de ter sido comprovado o seu valor efectivo; — e o da guerra chimica está nai, que demonstrado. — Nenhum convenio ou tratado provou até hoje possuir força suficiente para impedir que uma nação em desespero, na ansia de salvar a sua propria existência, busque e lance mão do meio que julgar mais vantajoso empregar para consegui-lo.

Não se trata de bom senso militar; a propria lógica commum não permite acreditar que uma arma confeccida e proveitosa possa ser eliminada da guerra por meio de um simples convenio, de um recurso de diplomacia, rhetoricamente levado atermo em tempo de paz e de conforto.

A guerra chimica é um facto; a preparação para ella uma necessidade, que já chegou á ser comprehendida até na China, pois conforme nos disse a *Associated Press* em seu telegramma de Pekim de 21 de maio ultimo, aquella nação pediu a uma fabrica americana instruções sobre fornecimento e preços dos gases utilizados na Guerra Mundial, bem como sobre a maneira de os empregar.

A Guerra Chimica viverá e o seu apparecimento se tornará mais legendario ainda que o das primeiras bombardas inglesas no campo de batalha de Crécy, em 1346.

Procuremos pois aprendê-la e cuidemos de nos preparar para ella. *Não nos esqueçamos nunca que, no concernente á defesa nacional, o sentimentalismo é suicidio; a imprevidencia um crime, e o pouco caso uma traição.*

* * *

Já muito vos falei, senhores, sobre a entidade que ora vos vou apresentar. Conheci-a com a sua physionomia actual, mas não ponhaes peias á vossa imaginação, quanto aos aspectos com que ella aparecerá no futuro.

Ao que se sabe, ella hoje se resume nos chamados *gases de combate*, nas fumaças protectores, aggressoras ou signalizadoras, nas chammadas aggressivas, destructivas e illuminativas e nas substancias neutralizadoras.

Seria absurdo pretender falar-vos sobre tudo isto em uma unica conferencia. Só sobre cortinas de fumaça, e com extraordinario proveito para nós, se fariam varias conferencias, tanto mais lucrativas, quanto mais illustradas podessem ser.

Imaginæ eu aqui a falar-vos sobre a technica dos engenhos fumigenos, sobre sua preparação, sobre as propriedades a satisfazerem, sobre o seu emprego tactico e logo em seguida a vos mostrar, por essas janelas abertas, em pleno dia, alguns aeroplanos, antes tão visiveis a nós, desaparecerem quasi que instantaneamente a um signal meu por fumaça colorida, envolvendo-se em nuvens artificiales de denso fumo branco, por elles proprios ao seu redor provocadas; suponde, que em dado momento, interrompo a minha conferencia e convoco corra a espiar a nossa Companhia de Carros de Assaltos que, garbosa e devagar, aqui junto passa bem visivel; a um tiro de pistola que um de vós daria, um traço opaco de convencionada cor se formaria no ar e o alvo de nossas vistas, accelerando a marcha, se cobriria com espesso lençol de fumo, desaparecendo na primeira esquina, sem nos deixar ver sua manobra...

E sobre chammadas?... Aggredindo, ou então destruindo pelo incendio, material descoberto, material bem guardado, material fluctuante, material mergulhado...

Pois se a Chimica sabe casar a agua com o fogo... Haja potassio, haja mesmo sodio e verificareis: não sabemos todos nós que o ultimo tipo da "Baby Incendiary Bomb" inglesa, usada na Grande Guerra, manda chamas á superficie do liquido em que cae, inclusive a agua, mesmo de uma profundidade de mais de sessenta centímetros?...

Não sabemos nós que as bombas incendiarias americanas, de base de oleo solidificado, que se liquefaz no momento da explosão, espalham chamas á flôr das aguas?... E isto é facil de comprehendêr: o oleo é combustivel e sendo mais leve que a agua e nella não sendo e que poderia ser abafada por uma vaga que viesse a rolar sobre ella, é alimentada em virtude da reacção que se opera entre a agua e o sodio, que se distribue á sua superficie.

Não sabemos nós que as bombas marca II e III, usadas pelos Estados Unidos, penetram através das mais reforçadas coberturas de edificios e vão levar o fogo no seu interior; e que as do tipo dispersivo lançam chamas em lugares descobertos, num raio de mais de seis metros do seu ponto de contacto?...

Peña é não poder eu aqui deante de vós falar sobre tudo isto, mas tornando bem claras tales verdades, só com

satisfacção aceitaveis, no campo experimental. Como seria conveniente mostrar-vos na practica o que é o *lapis azul* com que os alemães tantos incendios causaram. Eu estou, por exemplo, junto de um deposito de material facilmente inflammavel ou combustivel: tiro um *lapis azul* do bolso e começo a apontá-lo; de longe alguem me observa, na crença de que talvez me preparam para levantar um *croquis* da região; disfarço, enterro o lapis no material que pretendo destruir e vou-me embora. Meia hora se passa e no interior do lapis o acido sulfurico, que se derrama do tubo capillar, cuja ponta eu quebrara, filtrando-se através de uma camada de argilla, vai reagir com o chlorato de potassio, atrás della collocado, e produzir a explosão, que fornecerá a chamma para o incendio. Eu estaria longe...

六

Outro ponto que daria para varias conferencias e que não nos tem preocupado, porque ainda não nos desconvencemos de que... — "Deus é brasileiro" —, é o referente aos apparelhos de protecção individual.

Eu vos provaria que, se a fatalidade nos obrigasse a aceitar uma guerra e se o inimigo *bomzinho* nos agridisse em regra, mas com o mais benigno dos gases conhecidos, bastava que o ataque fosse feito em um dos nossos dias de verão e que durasse algumas horas, para que nós depressa lhe entregassemos a palma da victoria. Isto porque, não cuidamos ainda de estudar um typo de mascara utilizavel em nosso clima.

E, entretanto, nos sabemos que o soldado moderno, sem uma mascara efficiente, não está sómente mal equipado; como bem diz o major Lefebure, no seu "O Enigma do Rheno", "achar-se assim deante do inimigo equivale a estar completamente nú". Na guerra moderna, diz o maior medico dr. Paulo Voivenel, "a mascara é tão necessaria ao soldado como o fuzil e a cartucheira"; e eu vos poderia affirmar que o é mais ainda, citando numerosos casos de retiradas precipitadas, durante a Grande Guerra, em que, entre milhares de soldados que chegavam aos pontos de concentração da retaguarda sem fuzil, sem sabre, sem cartucheiras, sem capacete e sem calçado até, rarissimos eram encontrados sem o apparelho de protecção contra gases. Mas tal não é preciso; basta que nos recordemos sempre da grande investida allemã contra Amiens, em março de 1918; dos 10.000 soldados ingleses que durante a acção se extraviaram, 6.000 foram encontrados depois sem o respectivo fuzil, enquanto que menos de 600, entre os 10.000, tinham se desfeito de suas mascaras.

Mas voltemos ao Brasil. Aí, a amizade é a amizade das melhores das máscaras conhecidas, no clima do Brasil. E que optimos sejam os cartuchos e as

Admittamos que optimos sejam os cartuchos e as caixas filtrantes dos ultimos typos do S. B. R. inglês (Standart Box Respirator), da mascara alemã, da mascara americana modelo 1919, como esplendidos na realidade o são os do A. R. S., ou a do Apparelho Tissot franceses, já entre nós conhecidos; a mascara, propriamente dita, de nenhum delles, entretanto, eu vos asseguro, se presta ao nosso clima. A do proprio K. T. M. americano (Kops-Tissot-Mask), considerada pelo Serviço Chimico de Guerra dos Estados Unidos, como o melhor dos apparelhos de protecção contra gases, eu não sei se poderíamos adaptar ao nosso uso. Entretanto, diz o Coronel Bradley Dewey, (America's Munitions, pagina 430) que uma turma de 6 homens da Field Testing Section, experimentando suas qualidades, passou uma se-

mana inteira, só a tirando do rosto durante 30 minutos em cada refeição e com ella dormindo e trabalhando, fazendo exercícios militares e tambem dansando e jogando *basc-ball*, penetrando diariamente nas mais fortes concentrações dos mais terríveis gases, sem que nenhum delles tivesse soffrido qualquer mal. Mas, não nos diz o illustre chefe da "Gas Defense Division" em que estação do anno isto foi feito. E que o dissesse: a temperatuta do curtissimo verão dos Estados Unidos está longe da que é normal durante quasi o anno inteiro na maior parte do nosso país.

Sem querer levá-los ás caatingas do nosso sertão, eu quereria vér esses heróes de comprovada resistencia physica, em certos dias de certoş mezes, na nossa bem arejada Avenida Rio Branco, supportarem algumas horas apenas aquelle apparelho no rosto.

Se lá mesmo o uso prolongado do S. B. R., inglês, feria a muitos os labios e as gengivas e o Tissot francês causava fortes dôres de cabeça, pela pressão que o reforço do contorno da mascara exercia sobre o frontal e sobre as temporas...

Os melhores typos de mascaras até agora conhecidos serão a ultima palavra quando se tratar de um clima frio; no nosso, a mascara não pôde ser collante ao rosto; valvulas adequadas devem permittir o accesso a este de ar puro e fresco, que o banho integralmente a cada inspiração, e que do seu contacto seja afastado ao rythmo da expiração.

...Quem de nós já se não viu alguma vez obrigado, para salvar um terno ou um uniforme novo, a vestir um impermeável ou capa de borracha e desta maneira arrostar uma chuva no verão; já em caminho o pobre coitado anseia por se livrar da cobertura que o incommoda, mas que lhe salvará a roupa, deixando-lhe ao mesmo tempo o corpo resguardado; chegado a destino, a decepção é cruel: livrar-se do banho de agua doce, mas tem as roupas enxarcadas pelo líquido salgado que seus póros secretam e que, impossibilitado de se evaporar, molhou-o completamente. Entretanto, o capote se abria em baixo e era folgado...

Imaginae agora uma mascara de tecido cautchutado que, além de se collocar ao rosto, só abre para o exterior pelo insignificante orificio da valvula expiratoria.

Se as simples e folgadas mascaras de carnaval sao entre nós, por insupportaveis, arrancadas a miude das faces nos dias de loucura foliona...

O problema da máscara é para nós muito sério.

* * *

Prosigamos

Gases de guerra ou gases de combate são substâncias químicas sólidas, líquidas ou gasosas, que se destinam a tornar mortal ou simplesmente molesta a atmosfera do campo de batalha. O nome de *gases* resultou, segundo uns, do estado físico normal da primeira substância química empregada — o cloro —, alias usada em estado líquido e sob forte compressão, mas tornando-se gás à temperatura e pressão ambientes, logo à saída dos cilindros que o continham. Segundo outros, porém, tais substâncias são chamadas *gases*, porque o veículo que as leva a produzir seus efeitos nocivos é o *ar*, mistura de gases.

O facto é que, a maioria dos chamados *gases* são normalmente líquidos que, ou se vaporizam, devido á sua alta tensão de vapor (volatilizam-se, como em geral se diz), logo que são lançados na atmosphera, ou, pelas acções mecanicas que ocorrem no momento da explosão por projectis que os contêm, se nebulizam, sendo as

goticulas resultantes vaporizadas depois, misturando-se com o ar.

O fim tactico da diminuição do efectivo combatente é por elles conseguido da mesma maneira que pelo emprego dos demais meios de acção: ora matam logo, sem ao menos permitir a retirada com vida das linhas de combate; ora deixam suas victimas attingir as ambulancias ou os hospitaes, permittindo-lhes viver horas, dias e até meses, mas como sobrecarga, nas organizações sanitarias; outras vezes se limitam a lhes tirar a efficiencia na luta, cegando-os passageiramente, provocando-lhes espirros consecutivos, vomitos incoerciveis, dôres de cabeça, de garganta, etc., etc.

Sobre taes modos de agir relativamente ao organismo animal, basearam os franceses a classificação physiologica já muito vossa conhecida.

E' um methodo de seriação que mais convém ao serviço de saúde; ao estado maior ou ao commando o que interessa é o numero de baixas e não o modo por que se verificam estas. Além disso, muitos gases tem ao mesmo tempo propriedades aggressivas muito diversas: a classificação physiologica para attender a tal, teria que olhar para a prevalencia de sua acção, o que nem sempre é facil de estabelecer, pois que depende em geral da concentração com que foi empregado.

Poderíamos resumir physiologicamente os gases em 4 categorias: *toxicos*, que, através das redes bronchiaes, penetram pelo sangue em todo o organismo: uns, como *asphyxiantes* (oxydo de carbono), impedem o sangue de manter a vida das cellulas; outros, como *paralysantes*, (acido cyanhydrico), actuam sobre o sistema nervoso, interrompendo as relações entre o cerebro e os órgãos. *suffocantes*, que atacam a trachéa, dos bronchios e os pulmões, difficultando ou supprimindo a respiração, (cloro, phosgenio).

Vesicantes, por alguns chamados causticos, por outros vitrioladores, atacam qualquer mucosa que atingem, produzindo, quando tocam a pelle, vesiculas, com queimaduras mais ou menos profundas. O tipo usado na guerra foi o *sulfeto de ethylo dichlorado*, gás *mostarda* ou *yperite*; mas prompto se achava para terrivelmente o substituir em 1919, a Lewisite (chlorovinnyldichloroarsina) que, além de produzir vesiculas, com queimaduras de atingirem os ossos, mata entre uma e tres horas, pela facilidade com que o organismo o absorve e pela conhecida acção ultra venenosa dos compostos arsenicaes.

Finalmente, *Irritantes*, como os *lacrimumogenos* (*bromacetona*, *brometo de benzyla*, *cyaneto de bromobenzyla*), etc., que atacam os olhos; os *esternutatorios* (*diphenyl-vomotivos* (chloropicrina), que produzem vomitos incoerciveis, e tambem, segundo o distinco medico militar italiano dr. Armando Businco, os *evacuantes* (*mercaptans*), *sulhydratos de ethyla* e de *methyla*, que desarranjam seriamente os intestinos de suas pobres victimas, obrigando-as a evacuarem... seus postos de combate.

Vejamos agora a classificação sob o ponto de vista tactico, a adoptada pelos exercitos americano, inglês e alemão, e com a qual os proprios franceses concordaram.

Ella é dominada pela propriedade physica da "tensão do vapor", admittindo, como ficou, tecnicamente, que um gás de combate deve ter uma densidade de vapor a mais forte possivel. Assim sendo, as substancias chimicas empregadas como gases de guerra são *fugazes*, isto é, de forte tensão de vapor, ou *persistentes*, isto é, de fraça tensão de vapor.

Mas, parece-me que estou a vêr alguns dos distintos camaradas que aqui me ouvem, quererem me perguntar:

como intervêm na tactica este principio da tensão do vapor?

Responderei de uma maneira concreta.

Supponhamos, por exemplo, que a artilharia bombardeou com obuzes de gases persistentes uma posição que a infantaria deverá em seguida tomar de assalto: quando os infantes chegarem á posição inimiga, serão tão molestados pelos gases de sua propria artilharia, quanto o tiverem sido os anteriores ocupantes da trincheira.

Se, pelo contrario, a artilharia se tiver servido de obuzes carregados com productos *fugazes*, o inimigo terá soffrido seus effeitos por occasião do bombardeio, mas o assaltante não será incomodado. Donde, pois, segundo a tensão de seu vapor, e gás convirá a este ou aquelle fim tactico.

A interdição de uma estrada, de um fosso, por exemplo, não poderá ser obtida senão por meio de gases persistentes; pelo contrario, quando se deseja apenas deter o inimigo, para logo em seguida sobre elle cahir em contra-ataques, os productos *fugazes* serão os empregados.

Na pratica, certa categoria physiologica de gases corresponde a um grupamento tactico; outra a outro: assim, em geral, os suffocantes, os toxicos, e os esternutatorios são *fugazes*; enquanto que os lacrimogenos e os vicinantes são persistentes.

Os alemães introduziram um terceiro grupo nesta classificação: os productos *penetrantes*, que, em estado de poeira finissima, pôdem atravessar os filtros das mascaras.

Estas tres características tacticas eram distinguidas entre elles, pela diferença de cor da cruz que ornava a ogiva do obuz: *azul*, para os que continham productos penetrantes, *verde*, para os carregados com gases não persistentes, *amarela*, para os carregados com a terivelmente persistente *yperite*.

Os americanos, como que ligando as cores de sua bandeira á guerra chimica, empregaram listas vermelhas para indicarem a persistencia do gas com que carregavam seus projectis e brancas, traduzindo a não persistencia do producto. Ainda hoje assim são caracterizados seus obuzes, avaliando-se a maior ou menor intensidade da propriedade tactica, pelo numero das listas: assim tres listas vermelhas denotam que o producto de que está carregado o obuz é mais persistente do que o que constitue a carga do listado apenas uma ou duas vezes.

Os franceses adoptam a numeração: assim seus projectis nºs 4, 4Bis, 5 e 8 são carregados com toxicos *fugazes*, extraordinariamente efficients, mas que sendo muito volateis se vaporizam inteiramente no momento da explosão, formando nuvens mortaes, mas de rapida duração; por outro lado, os projectis nºs. 7, 9, 12, 14, 16, 20 e 21 são carregados com liquidos fracamente toxicos, se bem que sempre lacrimogenos, mas extraordinariamente persistentes, que permanecem sobre o terreno, com efficiencia aggressiva por varios dias.

Entre os persistentes elles distinguem o nº. 20, pelo caracter tactico da *insidiosidade*, reservando-lhe a propriedade de *vesicante de effeito retardado*, por não denunciar a sua presença, nem pelo cheiro, nem por seus effeitos, que só se manifestam posteriormente.

Os italianos, adoptando a classificação physiologica, distinguem seus diversos projectis chimicos por meio de faixas: assim uma faixa *branca* indica que é asfixiante: *amarela* ou *cinzenta* (conforme o calibre), quer dizer que é lacrimogeno; *verde*, que é irritante, caustico ou vesicante; faixa dupla *branca* e *amarela* ou *branca* e *cinzenta*

ta (conforme o calibre) significa que o projectil é ao mesmo tempo lacrimogenio e asfixiante, etc..

Os symbolos da mesma cõr, sub-postos, traduzem entao a especie:

Na — chloropicrina; P. d. O. ou V. O. G. — phosgenio; P. V. — mistura chlorophosgenio; Ro. — iodeto de benzyla; F. Z — yperite; E. Z. — chloreto de cyanogenio, etc.

* * *

Deixemos, por emquanto, assim em esboço, o uso tactico dos gases e vamos á technica do seu emprego.

Ella se resume em gerar *vagas* toxicas ou asfixiantes, que serão levadas pelo vento ás posições inimigas e em produzir, pela explosão de projectis, *nuvens* baixas dentro de suas trincheiras ou em qualquer outro local, que se deseje infeccionar, para interditá-lo, para evacuá-lo, ou simplesmente para neutralizar a acção offensiva de seus ocupantes.

As vagas, a principio eram geradas na frente das proprias trincheiras do atacante, por meio de cylindros de grande capacidade, cheios de gás liquefeito e comprimido.

Esses recipientes, enterrados, na proporção de 1 a 2 por metro corrente, no parapeito das trincheiras, e protegidos por saccos de areia, eram munidos de tubos de chumbo, que nelles penetravam até o fundo, de maneira a permitir a franca saída total do liquido, sem que a progressiva expansão interior a detivesse. Os tubos de emissão eram, por sua vez, reunidos aos 5 ou 6 em um só, que saia muito além do parapeito e cuja extremidade, terminava em esguicho, com torneira manejavel á distancia.

Quando o sól estava occulto e, portanto, não havia ainda correntes, ascendentes, que se produzem pelo contacto do ar com a terra aquecida e que dissipariam rapidamente os gases que á superficie do terreno aparecessem; quando não havia humidade, que dissolveria os gases, na sua maior parte hidrolizaveis; quando o vento soprava constantemente na direcção do inimigo e com uma velocidade regular, não menor de 2 e nem maior de 5 metros por segundo, o atacante accionava as chaves articuladas que abriam as torneiras dos tubos de emissão e o atacado ouvia o ronco semelhante ao de um motor em *démarrage*.

Uma densa vaga se punha a rolar pelo sól, invadindo de roldão suas trincheiras, indo produzir ainda accidentes graves a 20 kilometros do ponto de partida, sentido sentido o odor do producto que a constituia até a 40 kilometros além. E não penseis que vagas taes só podiam caminhar no plano: em terreno accidentado, sabendo-se aproveitar as correntes locaes, pôde-se levar uma vaga a acompanhar as depressões em que se encontram as vilas, as aldeias, indo se fazer sentir igualmente muito longe. Foi assim que no ataque alemão na região de Richecourt, a 30 de junho de 1917, a vaga subiu uma crista e, rolando pela vertente opposta, foi levar muito á retaguarda das linhas de frente sua acção aggressiva. Já antes, a 7 de abril do mesmo anno, outra vaga dirigida contra o sector Limey-Fay-en-Haye, foi atingir a villa de Limey, tendo atravessado, primeiro, o pequeno valle que lhe fica abaixo, atravessado.

"Logares habitados, anfractuosidades do terreno, montes baixos e bosques em geral, ondulações e depressões fortes do terreno" são as condições favoraveis ao emprego dos gases, como bem escrevia já em maio de 1921, na Revista Militar Argentina, o 1º Tenente Julio Checchi, que, depois de si proprio perguntar se os gases seriam aptos para a "nuestra guerra", a si mesmo responde "Me veo tentado a affirmar que condiciones

particulares de nuestra topografia fronteriza no sólo justifican la adopcion de gases, sino que imponem" e justificando sua resposta: "Una rapida ojada a nuestro suelo hace descubrir el alto porcentaje de terreno cubierto por el "monte bajo". La neutralización del enemigo sólo podrá hacerse en ellos, apelando al gas".

Antes de vos falar sobre outros processos empregados na technica da producção das vagas durante a Grande Guerra, illustrarei com alguns casos historicos os fins tacticos por elles attingidos.

Vejamos primeiro na frente oriental: foi durante a primavera de 1915. Uma emissão de gazes de 20 minutos de duração na frente de Nieborow, a 31 de maio de 1915, deixou mortos no campo russo 120 officiaes e 1.089 praças, sendo as baixas totaes de 53 officiaes e 7.735 soldados. Outra emissão, duas semanas depois, deixou em campo muitos mortos, que não poderam ser contados, por terem os russos perdido a posição; baixaram aos hospitaes, porém, 28 officiaes e 2.034 soldados. Outra emissão, tres semanas depois, resultou, entre mortos e baixados, numa perda de 87 officiaes e 9.913 praças, sendo que nessa occasião um regimento com 39 officiaes ee 4.310 praças ficou reduzido a 4 officiaes e 400 soldados. Resumindo, em tres ataques por vagas de gazes as baixas dos russos foram 140 officiaes e 21.000 praças.

Na frente centro-meridional, só a vaga lançada pelos austriacos, ou melhor pelos hungaros, a 29 de junho de 1916, contra os italianos, que occupavam a crista 7 do Monte San Michele del Carso, pôs fóra de combate cerca de 8.000 homens da 22ª Divisão.

Se passarmos para a frente occidental, vamos observar: O ataque de 22 de abril de 1925 contra os franceses, na frente de Ypres, na Belgica, que deu nascimento á guerra dos gases; a vaga de chloro emitida pelos alemães abriu uma brecha de seis kilometros nas linhas francesas; causou cerca de 5.000 baixas, sendo que 1/3 desse numero corresponde aos que morreram intoxificados no proprio campo ou nas formações sanitarias e a perda de cerca de 50 canhões.

Dous dias depois, na madrugada de 24, ali mesmo na parte nordeste do saliente de Ypres, nova vaga de chloro, desta vez sobre os canadenses, porque signal se achavam em sua maioria dormindo e foram terrivelmente dizimados. O saliente caiu em poder do inimigo, não se podendo por isso saber o numero preciso de baixas; foi porem calculado em mais de 5.000, só os mortos.

Outras vagas de terríveis resultados foram: as emitidas pelos ingleses contra os alemães, na batalha de Loos, em 25 de setembro de 1915; as que atingiram os franceses, a 19 e 20 de outubro seguinte na Champagne, onde o chloro intoxicou 5.096 homens, dos quaes 795 morreram; outra dos ingleses contra os alemães, na região de Givenchy, em dezembro do mesmo anno; a dos alemães contra os franceses, ao norte de Fonquescourt, no Somme, em 21 de fevereiro de 1916, onde, ainda o chloro intoxicado 1.289 homens, dos quaes morreram 283, fez sentir seu cheiro caracteristico em Amiens, a 34 kilometros de distancia; outra dos alemães contra os franceses, na Champagne, em 19 de maio do mesmo anno, de que resultou a morte de 150 homens, dos 600 que intoxicou só nos primeiros 4 e meio kilometros de seu trajecto.

A vaga lançada pelos ingleses contra os alemães a 30 de agosto do mesmo anno, em Monchy, entre Arras e Bapaume, consumiu a carga de cerca 1.000 cylindros de gaz e produziu enorme mortandade no adversario, só comparavel á devastaçao soffrida pelas tropas francesas, por occasião da ultima vaga que os alemães lhes enviaram na Champagne, a 31 de janeiro de 1917. Esta at-

tingiu a 1^a linha do sector atacado, a 2^a, no sector vizinha, devido a obliquidade da direcção do vento, e foi produzir intoxicações a 22 kilómetros á retaguarda, sendo que mortas até 15 kilómetros; della resultara 2.062 baixas, das quais 250 por morte no proprio terreno e 281, dos que deixaram de viver quando já em tratamento nas formações sanitárias.

Na batalha do Somme, diz o major inglês Lefebure, foram feitas pelas tropas inglesas 110 emissões de gases contra os alemães, todas de base de phosgenio; o seu collega e patrício capitão Auld, por sua vez affirma que a Brigada Especial de Engenheiros Reaes, de que fazia parte, em muitos dos seus ataques consumiu, de uma só vez e em dous minutos 160 toneladas de gás, sobre pequenos trâchos da frente inimiga.

Foi preciso que os franceses descobrissem os preparativos alemães para a produção da vaga com que estes pretendiam brindá-los, na Champagne, em agosto daquela anno de 1917 e com sua certeira artilharia, elevando as instalações dos cylindros, os furassem, quando o vento era contrario ao seu funcionamento, fazendo assim com que se virasse o feitiço contra o feiticeiro, para que tal sistema de produção de vagas fosse por algum tempo abandonado.

Nos primeiros meses de 1918, entretanto, já o seu uso começava a resurgir. E' assim que as victorias dos italianos contra os austriacos, no planalto de Asiago, especialmente á de Valbella, que tantas vidas custou á nação austro-hungara, foram facilmente obtidas devido ao emprego de vagas toxicas emanadas dos cylindros italiani typos X e Y.

Finalmente, quando a guerra já estava a terminar, os ingleses voltaram a utilizar com sucesso, nos arredores de Lens e nos solientes de Ypres, a produção de vagas por meio de cylindros, mas sob uma modalidade nova. O chamado sistema *beam* (irradiante), por elles então empregados, se resumia no seguinte: milhares de cylindros eram dispostos sobre vagões, que constituindo trens especiais, eram preparados á retaguarda com toda segurança e vagar. Quando o momento opportuno se apresentava, os comboios partiam a toda velocidade e circulando sobre linhas de bitola estreita, diante das trincheiras, iam descarregar de uma só vez, por meio da electricidade, toda a carga de gás de que eram portadores.

Escalonando assim varios desses trens diante de uma pequena frente inimiga, conseguiram os ingleses enviar contra ella a carga de cerca de 6.000 cylindros, em poucos minutos.

"A concentração de gás produzida desta forma, diz um relatorio, é terrorifica, o factor surpresa muito mais accentuado e os effeitos os maiores que se poderiam desejar".

De futuro, pelos estudos que ultimamente se estão secretamente fazendo, tendo até já se chegado aos melhores resultados no campo technico experimental, os cylindros serão colossais, como os que vemos serem utilizados no transporte de agua para irrigação ou no de líquidos combustiveis para os respectivos depositos fixos; serão couraçados e camouflados como os tanks e como elles dotados de automovimento em qualquer terreno, afim de se aproximarem, quando o vento for adequado, e irem levar o anniquilamento e o terror junto mesmo das trincheiras inimigas. Que horror!...

* * *

Não foi só, porém, o insucesso alemão acima referido, que suspendeu por algum tempo o sistema de for-

mação de vagas por meio de cylindros; foi, sobretudo, a consideração de que a vaga perde sua concentração, na proporção do quadrado da distancia que percorre.

Dai, o nascimento do projector, destinado a formá-las directamente no meio ou nas proximidades do inimigo.

Esses engenhos simplissimos de arremesso chegaram a ser electricamente accionados aos milhares até de uma só vez (2.500, dispararam de uma só vez em Lens, os ingleses) e podiam lançar além de 1.500 metros tambores contendo de doze a quatorze kilos de gases liquefeitos (especialmente phosgenio), que formavam no ponto de queda, vagas de concentração suficiente para fulminar aquelles que ai se achassem. Qualquer vento favorável, depois, mesmo com a pequena velocidade de 1m50 a 2 metros por segundo, arrastava facilmente a vaga até a posição inimiga, onde chegava ainda muito mortifera.

Inventado por um engenheiro inglês o tenente, depois major Lives, e pela primeira vez usado, em grande escala, pelas forças de seu país durante a batalha de Arras, em abril de 1917, elle deixou consternados os alemães.

Esse projector era formado por um simples tubo de aço de secção uniforme, diametro interno de cerca de 8 pollegadas, fechado em uma das extremidades, sobre a qual interiormente ia repousar a carga, que, como o projector, era introduzida pela boca.

Taes tubos só deixavam apparecer fóra do chão a extremidade aberta; eram installados á retaguarda da linha de trincheiras, que os occultava pela frente, e protegidos contra as vistas dos observadores aéreos inimigos por uma bem feita *camouflage*, arranjada com folhas e ervas do proprio local; guardavam uma inclinação de 45° com o horizonte e a variação de seu alcance era obtida pelo augmento ou diminuição da carga propulsora.

A manifestação de sua existencia era repentina e dantesca: um ronco formidavel, um ou varios relampagos vivos a irromperem subitamente do solo e logo, 12 a 20 segundos depois, vagas densas surgindo diante do inimigo, não lhe dando ás vezes nem tempo para levar a mascara ao rosto.

Os alemães, entretanto, não ficaram negligentes e apressaram a resposta; seus *Minenwerfer*, que desde 1915 já atiravam projectis contendo gases, passaram a lançar, com o mesmo fim de produzir vagas, bombas especiais, com cerca de 18 litros de phosgenio e na noite de 5 para 6 de dezembro do mesmo anno de 1917 inauguravam em Richecourt, contra os franceses, o seu tipo de projector não raiado de 18cms., e dias depois, na noite de 10 para 11, nos sectores de Cambrai e de Givenchy, empregavam-no contra os ingleses. A 30 de dezembro demonstravam novamente aos franceses, no sector de Lens, como por esse meio conseguiam submergi-los sob vagas de phosgenio, puro, ou misturado com diphosgenio ou com chloropicrina e já em fevereiro de 1918, novamente os aca-projector. Em sua grande investida de março desse mesmo anno e no decorrer desse e dos demais meses seguintes, até julho, usaram-no intensivamente e os americanos, por exemplo, devem ás fortes concentrações de gás a que tal sistema de ataque conduzia, as numerosas baixas sofridas por uma de suas divisões. E' não ficaram só misto: a 21 de agosto surgiram nos Vosges com o seu *gaswerfer* de 158 millímetros, novo projector, de cano raiado, que chegava a mandar bombas a 3.200 metros, como ficou provado no ataque de 12 de outubro seguinte, contra Altkirch.

Por outro lado, para aumentarem a persistencia do gás que empregavam (phosgenio), serviram-se de um processo interessante: impregnavam, com o gás liquefeito, fragmentos de pedra-pomes, transformando assim a carga liquida em solida e obtendo uma volatização muito mais lenta. O emprego que tal projector iria ter, se não tivesse advindo o armisticio, imporia aos Aliados a mais estrieta observação da chamada "disciplina dos gás".

Em resumo, a producção de vagas por meio de projectores, tendo sido iniciada em abril de 1917, na batalha de Arras, pelos ingleses, que regularam fazer sempre umas 50 operações importantes desse genero, por mês, consumindo a média mensal de 300 toneladas de gás, terminou com a preparação do ataque de 1º de novembro de 1918, feita pela segunda divisão americana contra o centro das linhas alemãs, que ocupava os bosques das alturas do Mosa.

Foi por cylindros e projectores que se geraram as vagas gazozas empregadas na ultima guerra; as de fumo toxico, entretanto, iam ser postas em concorrencia com elas no anno de 1919 e certamente ganhariam vantagem, como lhes acontecerá de futuro. Esse fumo é produzido pela combustão das chamadas velas fumigenas, preparadas pela Inglaterra e pelos Estados Unidos. São estas, pequenas caixas metalicas, de uns vinte centimetros de altura, pesando cheias mais ou menos dois kilos e que só funcionam, quando préviamente acesas, não apresentando, por isso, nenhum perigo o seu transporte.

O tipo inglês contém um cylindro interior de aço, com o toxico (diphenylchlorarsina); este, distilando ao calor produzido pela combustão da mistura fumigena situada em seu redor, se desprende e se reune ao fumo, com o qual é arrastado pelo sólo na direcção do vento.

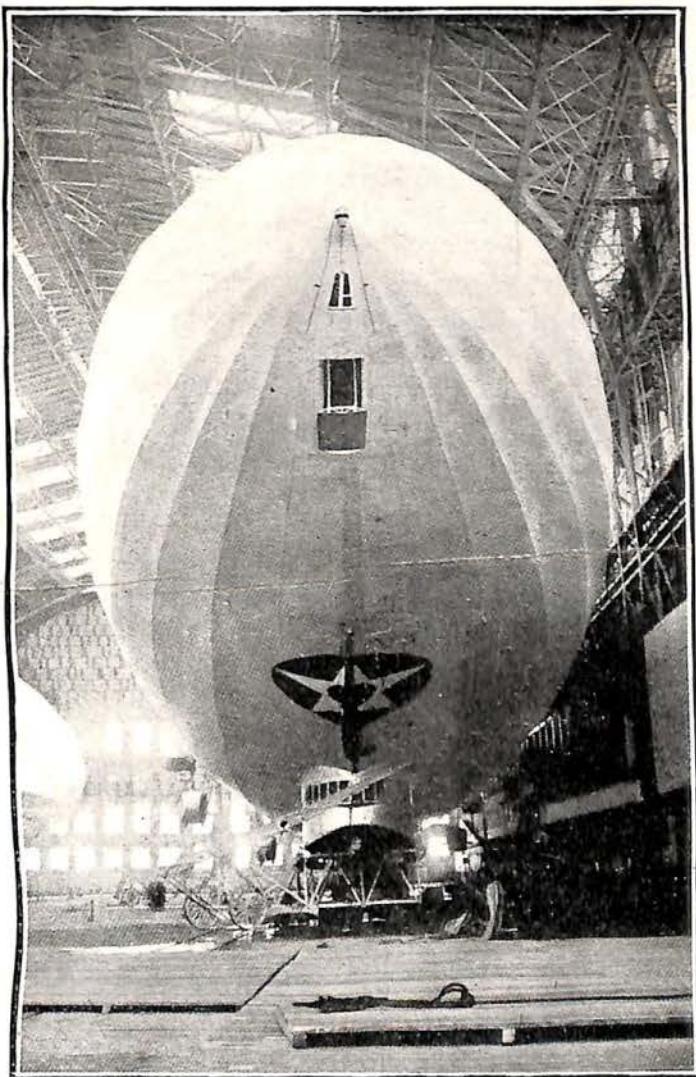
O tipo americano não contém deposito especial para o toxico: elle é misturado com polvora sem fumaça, sendo o producto comprimido a 2.500 libras no cylindro metalico que o encerra.

A inflamação é feita, em ambos, mediante uma cabaça com massa phosphorica, que se esfrega contra um atritador commun.

São destinados os dous tipos de vélulas a serem distribuidas ás tropas de qualquer arma, que as utilizarão, colocando-as de metro em metro, no terreno, e as acendendo, quando as condições atmosfericas induzirem seus chefes e delas se servirem, para uma accão ofensiva ou para cobertura de uma retirada. Apresentam a grande vantagem de poderem ser instantaneamente usadas.

mitindo assim terríveis surpresas, quando á noite, em suas trincheiras, o inimigo descansa desprevenido, sem ter as mascaras afiveladas ao rosto.

Continúa



O famoso dirigivel «Los Angeles», da marinha de guerra norte-americana, no hangar de Lakehurst.

Tres dreadnoughts do typo do «West Virginia» podram ser enfileirados no hangar do «Los Angeles».

Do canhengo de um combatente da grande guerra—citado por Gustavo Le Bon:

«Hoje ha alguma cousa de indefinido que paira acima de tudo, uma palavra de sentido imponderavel quando se analysa, mas sublime quando se pronuncia: Pátria. Nós estamos num momento tal, nós vivemos uma pagina tão tragica que nós devemos todos cumprir nosso dever e quando que se faz mais que o dever não se sabe bem se é bastante».

A Ressurreição Militar

Não obstante a calma apparente que reina em nosso mundo militar e o aspecto rotineiro que muitos querem apenas vêr na actividade governamental dos ministerios militares, factos de iniludivel significação atestam, ao contrario, que estamos francamente em via de ressurgimento.

A ordem administrativa, trabalho basico que era indispensavel fazer, atinge agora a um gráu sufficiente para que tenham inicio os andamentos de um progresso sensivel e confortador e de toda a parte chegam-nos noticias alviçareiras de que o trabalho está sendo retomado *com fé na victoria*.

Claro é que ainda nos resentimos dos ultimos abalos, abalos que chegaram, a pontos bastantes profundos da nossa organização militar a pique de desfazer a verdadeira *mentalidade* que começavamos a crear francamente em beneficio da Patria e da propria prosperidade dos orgãos de sua defesa guerreira.

Essa *mentalidade* que assenta primeiramente na noção de ordem geral, *individual e collectiva*, que tem por base a cultura profissional visando a efficiencia da actividade em caso unico de *emprego na guerra*, estava sendo submersida por considerações secundarias, individualisticas, egoisticas, ou, ao contrario, demagogicas, super-idealisticas e chimericas e, tanto num caso como outro, *destruidoras*.

Não encaramos aqui senão os aspectos relativos aos interesses da *defesa nacional militar*, e nossas conclusões são fundamentadas nos inconvenientes que trazem empregos fóra dos destinos naturaes a todo *instrumento criado e montado* para um fim especial. E' claro que o Exercito e a Marinha têm existencia e foram criados unicamente *para guerrear*, no interior ou no exterior, sob regras e principios preestabelecidos e cuja inobservancia acarreta logo um phenomeno fatal de desaggregação.

Victimas de interpretações differentes, *mal empregados como meio de acção politica*, inhabil e impatrioticamente manejados, vimos perdidos quasi todos os frutos da actividade admiravelmente productiva de um grupo energico e batalhador que a partir de pouco antes de 1905, com Sousa Reis á frente, dia a dia acrecido, affirmava victoriosa a causa da defesa nacional.

O vendaval devastador não conseguiu, porém, arrancar do solo as raizes profundas lançadas pela fé e o patriotismo daquella pleiade de jo-

vens turcos e essas raizes, acalmados os animos começam agora a brotar viçosamente, conforme tudo indica por toda parte.

* * *

A visita presidencial á E. E. M. em exercícios em Itú no mês corrente, tem uma significação sem par nos annaes das relações entre o governo e as forças armadas.

A impressão profunda e accentuadamente caracteristica que o Sr. Presidente da Republica deixou naquellea pleiade seleccionada de officiaes, ha de forçosamente repercutir por todo o Exercito levantando bem alto os animos e as esperanças sadias.

As phrases curtas, incisivas, energicas, claras, sem promessas bombasticas e sem floreios engaadores, repercutiram entre todos os officiaes como um signal vivo de interesse patriotico e da vontade calma, mas decisiva, com que o actual governo encara os supremos deveres que lhe impõem as necessidades da defesa da honra e do patrimonio que nos legaram os nossos dignos antepassados.

A manifestação do Sr. Presidente da Republica não ficou, porém, nas palavras de um discurso improvisado, e a forma mesmo da visita feita á E. E. M. reveste uma significação que todo Exercito deve conhecer, posto que parece attestar firmemente a maneira particular de agir do actual governo. A visita feita a 600 kms. do Rio de Janeiro não admittiu que pudesse ser deitada em sua magnifica significação pelo aproveitamento da oportunidade para outros miste-movel, o do interesse pelo Exercito Nacional, pela ca a Itú.

* * *

O momento em que, após os exercícios, o Sr. Presidente da Republica, cercado de mais de 80 officiaes de todos os postos, peude ver na mesa do singelo banquete, se assim se pôde chamar almoço que lhe foi oferecido, a physionomia do Exercito que não desanima e crê na victoria da Patria: esse momento faz-nos a nós pensar na grande figura do Prata, o presidente Alvear, o homem que soube dotar a progressista Republica

dos pampas com um poder militar digno de sua grandeza e de seus interesses.

A obra aqui terá de ser mais gigantesca e colossal porque são inferiores, menos favoráveis as condições do momento, actual brasileiro que o foram para a acção admirável do presidente Alvear as condições da Argentina.

Lá, havia recursos financeiros mais faceis e o Exercito bem recomposto e preparado por um *systema de promoções efficiente*, intelligente e logico e por *um serviço militar* já aceito pela Nação e sabiamente praticado pelas autoridades, facilitava immeisamente a tarefa. Lá, era apenas uma questão de creditos...

Aqui, a primeira cousa a fazer é permittir o surto de uma *mentalidade apropriada*, o que na pratica só poderá ser obtida por uma *lei de promoções moderna e intelligente*, sem rotina e sem fantasias, e por um *serviço militar geral*, sem odiosas exclusões, encarado como uma necessidade nacional e um título de honra para o cidadão.

Ao par dessa reforma essencial o apparelhamento material se impõe como complemento e como necessidade de urgencia, como elemento de previsão ás eventualidades que pôdem sempre ocorrer em meio da jornada reformista, necessariamente longa e morosa.

E', como se vê uma obra gigantesca a realizar, mas para a qual apenas é necessário uma vontade energica e firme condusida por uma inteligencia esclarecida e animada de sentimentos verdadeiramente patrioticos.

Essas condições parecem asseguradas e é assim que não tememos a illusão de ver encarar que as questões da defesa nacional se reduzam a questões de ordem material. A Patria continuaria desarmada se dispuzessemos de um material de guerra abundante sem que tivessemos capacidade e preparo suficiente para usá-lo.

O orientador de nossa E. E. M., o mestre
francez de rares meritos, cuja palavra clara, in-
cisiva e honesta tem illustrado já mais de cinco
turmas de officiaes, traçou em phrases simples mas
de peregrina belleza, os moldes verdadeiros de uma
cultura profissional para a guerra.

Delineou, frente as mais altas autoridades da Republica, *sem calçar luvas*, como um *militar sens peur et sans réproche* que é e de que sabe dar o exemplo, o methodo unico e efficaz capaz de conduzir o Exercito, por *um trabalho honesto e fecundo*, á sua verdadeira grandeza.

E' facil deduzir de quanto ensinou *Derougemont* — e as autoridades puderam ouvir expressas por quem é mestre e não pôde ser suspeito de interesses secundarios ou occultos — que a verdadeira reforma militar do Brasil importa antes de tudo numa *reforma de mentalidade*.

Infelizmente bem poucos, e cada vez menos poder seguir o methodo de trabalho delineado?

Quantos em seus postos têm consciencia de a proporção que se ascende na hierarchia, poderiam emprehender e *teriam animo* de trabalhar pelo *methodo unico de ensinar a guerra*.

* * *

Foi, portanto, de todos os modos fecunda a visita presidencial, enchendo de jubilo os corações patriotas que a assistiram ou conheceram.

Dará certamente os frutos naturaes á sua alta significação nacional pela forte impressão que deixou no Exercito focalizado na E. E. M. e dará tambem os frutos das impressões recebidas pelas proprias autoridades.

Nenhuma duvida, pois, deve pairar nos animos, de que a acção do governo vae permitir dentro em breve, vae forçar dentro de muito breve tempo a pratica sadia do systema de cultura profissional apontado e que é o unico methodo capaz de *ensinar a guerra* e tambem o principal factor para a formação de uma mentalidade conveniente.

A ressurreição militar brasileira apparece, pois, novamente sob alviçareiros auspicios e oxalá não falte a ninguem patriotismo bastante para, com decisão, nella collaborar, para não lhe difficultar o surto e desenvolvimento por mediocres vistos e sentimentos pessoaes.

E' melhor que nunca, chegado o momento em que a ninguem é lícito ficar ocioso e em que é nefandamente criminosa toda conducta retardadora ou resistente imposta quasi sempre por verdadeira incultura ou por excessos de um individualismo injustificavel e retrogrado.

Tudo nos mostra que «a guerra e a paz, bem como todas as cousas, boas ou más, nas relações humanas, e com ellas, os problemas concernentes ao bom ou mau uso nosso da matéria prima, que a natureza ministra ás nossas accções, dependem sempre da justiça ou falsidade encerradas nos ideaes dos homens». (RUY BARBOSA, *conferencia em Buenos Aires, 1917*).

A situação brasileira no Rio Paraguay

CAP. J. LOBATO

Uma importantissima questão de fronteira está sendo actualmente focalizada, na imprensa e no Congresso: a "Navegação do rio Paraguay".

Em país nenhum se toca em assumpto dessa ordem sem que seja suscitada correlatamente a idéa de defesa nacional, ainda mesmo que o caso seja como o da nossa fronteira de Mato Grosso, localizada dentro de um feliz ambiente de calma e de paz. Sobretudo para o militar, a sua propria razão de ser leva-o a tudo referir ao seu ponto de vista particular e elle falharia certamente á sua finalidade se de outra maneira viesse a proceder: deixaria de ser a sentinella vigilante na qual o país confia.

* * *

Qualquer referencia ao rio Paraguay, do nosso ponto de vista, deve ter como preliminar a consideração geographica de que esse rio, correndo de uma região interior, mediterranea e precariamente ligada ao centro do país, como é a região brasileira de Mato Grosso, para um grande centro marítimo de outra nacionalidade, como é a opulenta capital da Republica Argentina, actua politica e economicamente *como uma verdadeira força centrifuga, dispersiva em relação á primeira região e como força absorvente para a segunda.*

Além disso, quem conhece, ainda que superficialmente, a historia da grande república do Prata, ha de haver notado a directriz dominante, hontem e hoje, na sua evolução: Buenos Aires a lutar, vencendo sempre para ser o centro de gravitação de toda a actividade da vastíssima bacia, primeiro economico depois politicamente.

As antigas carreteras com as quaes a heroica província conseguiu desviar para o seu porto a corrente commercial que no começo da sua vida

era attrahida para o velho vice-reinado do Perú; as modernas vias-ferreas a investirem para o interior da Bolivia, em busca já da sua capital, já das regiões assignaladas como petroliferas; a norte transpondo de um salto o rio Paraná, de Posadas a Encarnación e alcançando em lances ao mesmo tempo commercial e estrategico, a capital do Paraguay; as grandes arterias fluviaes que são os rios Paraná, Uruguay e Paraguay, rebuscando todas as zonas productoras desta parte do continente e sobre cujas aguas a bandeira argentina já é dominadora; tudo isso são os instrumentos que a republica do Prata não sómente emprega com efficacia mas aperfeiçoa cada vez mais, mantendo-os sempre como armas afiadas e brilhantes da sua sabia politica economica.

Por toda parte, na vasta bacia referida, a nosa feliz vizinha tem vencido e em virtude dessas victorias o seu prestigio, na America do Sul, é incontestavel.

No rio Paraguay traça-se, desde alguns annos, um dos capítulos da politica do rio da Prata, a que nos referimos — a luta pela dominação economico, na qual se defrontam os dois interesses: o brasileiro e o argentino; e somente o temor de aceitá-la tal qual ella se apresenta ou o receio de ferir susceptibilidades internacionaes, vão receio quando essas susceptibilidades não podem estar em jogo, poderiam impedir que a questão fosse expressa por essa singela formula commercial ou economico.

Não é exagero dizer que se trata de uma partida sobre o taboleiro da politica internacional sul-americana, na qual o Brasil joga uma carta decisiva para o seu prestigio, pelo menos perante os ex-componentes do velho vice-reinado do Prata, e põe talvez em cheque os destinos de uma

«O governo não pode ser responsavel pelo facto de que no começo do seculo XX, este país se deixasse tomar pelo idealismo, pela chimera da pacificação universal!»
(Palavras do M. G. da França, no parlamento de 1914).

grande porção do territorio matogrossense, precisamente aquella cuja conservação alcançamos ao preço de laboriosos prelhos diplomaticos e acções militares sanguinolentas, sustentadas pelo nossos antepassados. E', portanto, um patrimonio de alto valor.

Além disso, o scenario não está vasio: dois espectadores que têm dependentes da importante via de comunicação interesses vitaes para as suas nacionalidades, não só contemplam a pugna, mas fazem, como é natural, jogo encoberto do lado do vencedor.

* * *

A navegação do rio Paraguay é a arma principal de que o Brasil pôde dispôr para manter-se nessa luta, na qual a sua ausencia, como vasto ribeirinho e como velho dominador, seria uma confissão de fraqueza e de falta de compreensão dos seus destinos neste extremo do continente, onde uma derrota sua seria a negação do passado do povo que produziu, no decorrer da sua histeria, a alma victoriosa do bandeirante.

A organização actual da navegação brasileira ali não corresponde, porém, à missão que lhe cabe, principalmente porque agindo de Montevideó, onde ella tem sua base principal, auxilia aquella força centrifuga a que nos referimos acima, sommando sua acção, tornada assim dispersiva, à força dispersiva do factor geographicó.

O porto de Montevideó foi um recurso comercial no tempo em que a vida de Mato Grosso dependia exclusivamente do rio da Prata.

Hoje não ha mais motivo para que a nossa navegação officializada mantenha em porto estrangeiro a base de suas operações, commerciaes, destinadas a satisfazer uma região do seu proprio país.

A navegação brasileira no rio Paraguay deve ter como base de operações o porto de Corumbá. Difficil será derrocar esta verdade evidente.

Ao lado dessa anomalia, nota-se tambem uma especie de contradicção na politica brasileira-

ra, ou pelo menos um desacordo entre os objectivos das nossas vias, ferrea e fluvial, que actuam no valle do rio Paraguay, contradição e desacordo que resaltam de uma simples observação dos factos: a politica brasileira acena ao Paraguay e á Bolivia com uma saída pelo Atlântico, como mais rapida de que a actualmente feita pelo rio da Prata e, entretanto, tendo já a ponta da sua via-ferrea, que attende a essa promessa, em Porto Esperança, sobre o rio, continua a alimentar o escoamento de seus productos de Mato Grosso, pelo estuario daquelle rio.

Mais logico ou mais coerente com a sua these seria conjugar a navegação com a nossa via ferrea Noroeste, afim de demonstrar com factos incontestaveis que Santos é o porto do Atlântico destinado ao commercio exterior da região do Alto Paraguay e que São Paulo é o verdadeiro centro de gravidade economico dessa região.

* * *

Do ponto de vista da defesa nacional o aspecto economico se entrelaça intimamente com o aspecto militar, podendo-se mesmo dizer que a nossa integridade nacional, no valle do Alto Paraguay, depende mais de uma boa situação economica do que de uma defesa puramente militar.

Exigir das forças armadas, no triste dia em que uma dessas nuvens que se formam sem se saber como, vier toldar aquelle ambiente de paz e de calma, a defesa militar da fronteira, significaria haver-se perdido a noção dos limites das possibilidades.

E esse desconhecimento da realidade é tanto mais grave quanto a fronteira soffre já ali a influencia da população, dos costumes, do espirito emprehendededor e da actividade commercial dos outros países que se abeiram, como nós, do famoso rio.

Se insistirmos nessa orientação contradictoria, só nos restará, depois da derrota, o recurso classico e poetico, mas não viril, de escrever, em estylo de alta tragedia ou de pungente drama, outra "Retirada da Laguna".

Somos de los aferrados a la ideia de que el militar se define verdaderamente en su culto por las fuerzas morales, causa central de los ejercitos y de los fracasos en la lucha por la vida - (Coronel SMITH—da R. Argentina).

As Lições da Historia

"Nous sommes prêts, archiprêts, quand la guerre devrait durer un an, il ne nous manquera pas un bouton de guêtre".

Gen. Lebœuf

Pinta Zola, com a sua arte propria e o seu scepticismo de realista, um quadro doloroso de 70. A guerra começara havia semanas. O 7º corpo já gasto de caminhadas, falho, desorganizado, retrocedia para Belfort. Era a segunda vez que aí passava no curto espaço de dias. Primeiro, rumo ao inimigo — alimentado, cheio de fé, feliz; agora — em retirada, sem saber porque, desorientado, faminto, deixando atrás de si, com a desolação e a tristeza, a terra abençoada da Patria.

No coração de todos advinhava-se o drama. O inimigo não tardaria a manchar a honra e o lar da França. Para defendê-la não restava mais nada. Os corpos succediam-se uns aos outros, e, com elles, ia-se extinguindo pouco a pouco a esperança de qualquer reacção.

O 7º corpo é o ultimo a passar. Nas proximidades da cidade, á beira do caminho se destacava, isolada, uma casinha pobre.

Nella vivia uma mulher, uma camponeza que não quizera fugir. Era velha e a retirada lheeria a morte certamente. Preferio ficar. Restaria a esperança de que lhe defenderiam a vida e os bens. E assim foi-se deixando estar, e acabou isolada, abandonada de todos. As tropas passaram durante todo o dia e ella contemplava o desfilar daquelles soldados cuja retirada ia entregar todo o seu trigo sazonado ao inimigo. Então comprehendeu tudo. Todos fugiam. Todos tinham medo ao inimigo. Só ella ficava. E num momento de indignação e de indefinivel desanimo gritou:

— Canalhas! Homens sem brio! Covardes! — E gesticulava no ar, ameaçador e terrível, o seu magro braço.

O 7º desfilou todo. E ainda ao longe os soldados ouviam, destacadamente, aquellas duras palavras: Canalhas! Homens sem brio! Covardes!

* * *

Verdade historica ou imaginação de artista, não importa. O quadro guarda uma possibilidade, uma justeza tal que vivifica. E' preciso viver

a tragedia daquella mulher para comprehendê-la. Da sua alma revoltada resalta uma lição que não se deve perder. O artista usou-a como um symbolo. O que ella representa vale um povo; vale a honra, a historia, a lingua, a communhão dos bens, da fortuna, dos lares desfeitos, abandonados pela incuria dos homens que governam, que dispõem de tudo, do erario publico e da vida dos cidadãos e cujo reflexo ella assistia ali, naquelle amontoado de soldados famintos, se retirando, abandonando tudo e deixando á mercê do inimigo, o seu trigo, o seu lar a sua vida, a vida e o lar de todos, sem respeito e sem lei.

A "Derrocada" é uma tragedia. *Ella pinta o martyriologio de um exercito lançado á guerra ao acaso, sem plano de operações, sem direcção, sem preparo, mobilizado face ao inimigo, espalhando seus corpos, inconscientemente, pela fronteira, sem ligação, com effectivos irrisorios, desprovido de tudo.*

Officiaes de 70, recebestes no soffrimento das retiradas, na humilhação de vencidos e na agonia de insultados o maximo das affrontas possiveis. Ao vosso drama não faltou nem huma degradação. Fostes offendidos pela populaçao, desrespeitados pelos vossos soldados, flagellados pela responsabilidade da vossa desdita. Chamaram-vos de covardes, quando apenas vos deviam lastimar. E se o vosso sacrificio não resgatou os vossos erros, a razão está em que a culpa do mal que vos fizeram e fizeram ao vosso país, apenas escondia-se em vós.

Quem se propunha a defender a patria? Quem no convivio diario da caserna, no trabalho silencioso do gabinete, na meditação e na previdencia das medidas, podia poupar á França tão amargurados dias?

Vendo-vos via o povo a propria culpa. Em vós se acumularam todos os erros dos homens que vos dirigiam, e o resgate foi a expiação cruel da vossa derrota.

Oh! a historia não parou em vós. O epilogo está sempre por escrever, porque *sempre haverá homens desprevenidos e povos despreoccupados*.

Permitistes que com o vosso sangue se erigisse a "Derrocada". Por certo o artista demudou algumas das vossas physionomias; mentiu á historia; excedeu-se em fantasias, mas a lição ficou. Não nos commove, apenas, á vossa derrota. Esta emerge dos imponderaveis da guerra. Alter-

ra-nos a vossa derrocada, que só as épocas de imprevidencia assignalam.

Todas as épocas tem seus vencidos; todas as suas miserias, mas só as de incuria soffrem o que vos soffrestes.

A declaração do vosso Ministro da Guerra é o indice expressivo da vossa. Como esta — *outras existiram e existem, porque nellas os homens vivem mais de phrases que de obras.* E é por isso que a historia costuma graphar como epitaphio da sua esterilidade — uma declaração do teor da que ouvistes.

Que valeu a vossa tradição! Que valeu Castiglione, Marengo, Austerlitz, Wagram, se nada a mantinha em pé. Não! o inimigo não era o Prussiano. Este vos surgiu num acaso historico, como poderia haver surgido o inglês — o espanhol ou o italiano. O que vos combatia era a vossa incapacidade. E esta não foi preparada por elles.

No maximo, se quizerdes, elles a souberam explorar. E fostes abatidos e humilhados. Vêde, pois, que o inimigo é accidental. O erro é que é

perenne. Só elle conduz ás derrocadas porque vive a toda hora e em todo lugar. Vive na incapacidade dos chefes, na insufficiencia da tropa, na falta de material, na imprevidencia, na raideade, na inconstancia e por fim no crime de se enganar á Nação.

Vive no soldado e no official, vive no corpo e na alma, vive no cerebro e envolve o organismo todo, até deixá-lo apodrecido e inutil, pasto das ambições e das velleidades de qualquer país, aventureiro. Batestes-vos como leões. Regastes o solo com o vosso generoso sangue, mas o heroísmo não resgata erros. Pode minorá-los; nunca substituí-los. E por isso venceram-vos e era da lei.

Meditemos sobre a historia. Debrucemo-nos sobre ella — *não como dilectantes nem como curiosos, mas como prevenidos.* Tiremos della essas amargas lições e, fazendo de cada hora um compromisso de honra, devotemos ao Brasil, as energias do todo o nosso amor, de todo o nosso interesse e de toda a nossa intelligencia.

AVIAÇÃO

Uma iniciativa notável

Após o triste interregno de mais de quatro annos, quando a viação ameaçou de morte o nosso surto aviatio-rio, o re-crudescimento da aviação entre nós apresenta um aspecto bastante animador, neste momento.

O actual governo, evidentemente ao par de grande numero de nossas necessidades e conveniencias theorecas, decretou e executa a organização da arma nova, cuja chefia está, felizmente, entregue a bôas mãos, o que é uma centuada garantia; e o povo demonstra por todos os modos o seu interesse e o seu entusiasmo pelo formidavel engenho do progresso humano e tradüs, em opinião publica muito clara, o desejo vehemente de que os céus do Brasil se coalhem de *aeronaves nacionaes, bellicas, commerciaes ou meramente desportivas.*

Só isto seria o bastante para afirmarmos vitorioso o uso largo da aviação entre nós, se não fosse o temor do *nossu caracter* que põe constantemente em cheque as mais bellas, necessarias e urgentes realizações, porque não pôde haver facilidades maiores a uma obra nacional que as que lle concede uma opinião publica unanimemente favoravel e entusiasta.

Notavelmente a acção do governo encontra neste sentido o maximo de condições apropriadas, porque não tem resistencias a combater.

A importancia da aviação para o Brasil, no que diz respeito ao seu desenvolvimento geral, como no que se refere á sua segurança militar, é de tal ordem que fatalmente virá ella a ter aqui uma grandiosidade sobremodo signalada.

As modalidades hesitantes e levianas de nosso caracter não autorizam, porém, fazer uma previsão segura, por-

que não permittirão talvez á nossa aviação um crescimento methodico, decidido, systematico, ella devendo ser tambem atingida pelos mesmos caracteristicos de nossos progressos em geral, isto é, etapas largas, lances amplos seguidos de longos periodos de esmorecimento.

Outra coisa não se está autorizado a esperar de quem deixou quasi perecer a bella obra do *Campo dos Affonsos*, de quem deixa inacabadas as Villas Militar e Marechal Hermes; abandona varios quartéis novos, construidos para as necessidades flagrantes do serviço militar; ou organiza uma aviação militar e deixa sem solução o problema da aviação naval e dá em muitas outras coisas, mostras de falta de *firmesa* em seu caracter, isto é, de falta de capacidade para esforços prolongados e continuos.

Só uma excessiva ingenuidade poderia crér-diferentemente, quando vemos a todo momento a impossibilidade em que a nossa gente se encontra para seguir um programa de acção traçado por outro ou idealizado no proprio cerebro.

Seja, porém, como fôr, a nossa aviação tambem vencerá levada aos hombros de um desses homens gigantes que, de quando em vez, arrastam o Brasil a novo lanço de progresso, cumprindo esse novo fado até que a nossa mentalidade reformada, reforme a seu turno nossa gente.

A acção educativa que modernamente toma vulto dia a dia, auxiliada pelo desenvolvimento de nossos recursos geraes, para os quaes ella mesma contribue fortemente, dentro em breve talvez consiga dar ao Brasil uma nacionallidade unificada em um *nitido ideal de Patria* e, então, as obras gigantescas de nossos homens eminentes não mais se delapidarão pelos pigmeus inhabeis.

Nesse dia, desapparecerá dentre nós esse aspecto de realizações oscillantes e incompletas porque uma opinião publica bem esclarecida, energica e activa, conduzirá os homens, gigantes ou pigmeus, a actuarem no bom sentido das conveniencias nacionaes, ou as alijará, *por incompatíveis com a mentalidade nacional.*

* * *

E' no exemplo, segundo a phrase de Bacon, que reside o poder educador por excellencia (*Examples give more impression than arguments*) e é esta a norma do C. B. B. e dos seus associados, na acção que pretendem exercer em prol da grandeza desta nossa cara Patria e que já exercem.

E' um exemplo, sobretudo, que vem de dar o Bandeirante Eduardo Dale, organizando, á expensas proprias, em sua fazenda *Citrolandia*, em *Augusto Vieira*, a caminho de *Therezopolis*, um campo auxiliar de pouso com as dimensões iniciaes de 300 x 400 metros.

E' esta bella iniciativa lançada como um convite a todo brasileiro a agir em prol da aviação e, como tal, tem um valor duplo — o direto em relação aos interesses da aviação, e o indirecto, o valor *educativo nacional*. Imitado o exemplo, sob esta fórmula ou outra qualquer que lhe seja condigna, terá dentre em pouco o Brasil resolvido, por si mesmo, o seu mais seductor problema actual de comunicações; e comprehendido, então, que a grandeza verdadeira de um povo não deve depender e ser obra exclusiva de seti governo e, sim, consequencia do valor intrínseco de

cada um de seus individuos. Banirá nosso povo de si a idéa de tudo esperar do governo e passando a encarar este como um mero coordenador das actividades individuaes em bem da Patria.

* * *

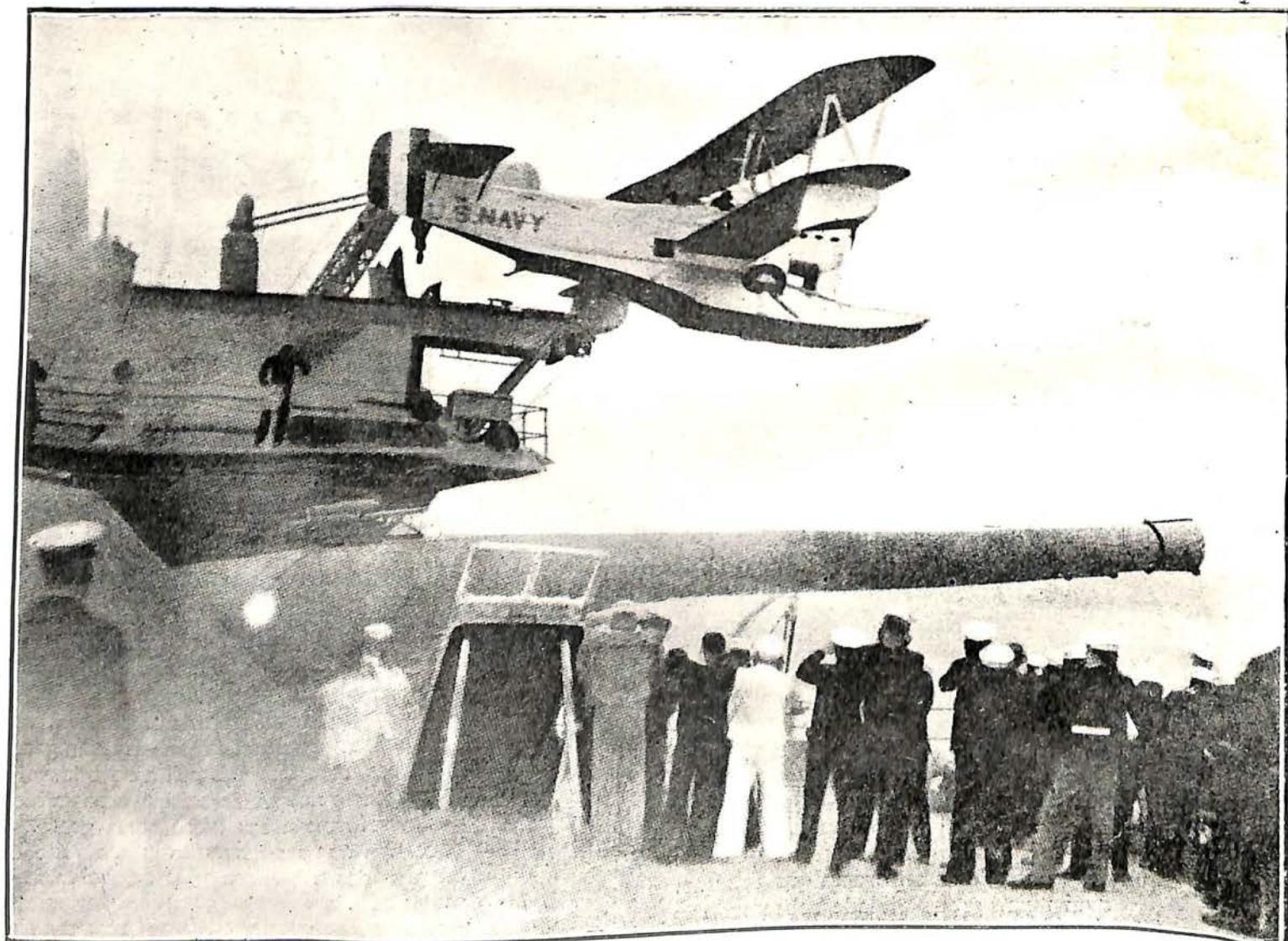
A iniciativa Dale faz ainda lembrar a necessidade de, desde já, ao par da propaganda da idéa de povoar o Brasil de campos taes, orientar as iniciativas particulares no sentido de suas construcções irem demarcando as rotas aereas mais convenientes e urgentes. Talvez só um valor accidental venha a ter um campo mal collocado em relação ao curso costumeiro dos aviões, ao passo que organizados conforme as rotas normaes podem representar um valor bastante apreciavel.

Conviria, tambem, desde já, pensar-se na organização de uma carta especial onde taes campos venham assinalados como num sistema de balisamento, signalização uniforme para todos elles.

* * *

"*A Defesa Nacional*" congratula-se com o C. B. B. e felicita vivamente o Bandeirante Dale, esperançosa de que o exemplo frutificará largamente, tomado na consideração que merece pelos governados e governantes.

O *Campo Bandeirante n. 1* marca a rota aerea para *Therezopolis* como breve havemos de ver assinaladas as outras rotas onde, sem duvida, vae actuar, bem orientada, a acção bandeirante.



Um avião Loening, amphibio, da marinha de guerra norte-americana, sendo catapultado de um couraçado. A catapulta é accionada por um motor Packard de 1.500 cavallos.

Um projecto contra o analphabetismo e o exercito

1.º Tte. Bellagamba

Foi apresentado á Camara dos Deputados, um projecto de lei, tratando louvavelmente de imperioso e urgente assumpto: a diminuição do analphabetismo no Brasil.

Melhor idéa do que a citada, a de se procurar com âfincos, libertar o país da terrível chaga que o deprime e corróe, não podia ocorrer á pessoa realmente interessada no desenvolvimento de sua terra natal.

Nem todos os meios, porém, para a consecução desse desejo, são aconselháveis sem previo estudo das consequencias a que podem conduzir; selecção cuidadosa e atilada deve presidir a escolha dos processos.

O referido projecto ordena, em primeiro artigo, que só se conceda a maioridade aos analphabetos, aos vinte e cinco annos de idade, visando deste modo os interesses de particulares, para cuja defesa lhes deixa o prazo de dois annos e a alfabetização voluntaria.

Francamente, inconveniente grave não se realça na aprovação de semelhante artigo, embora tampouco grandes sejam os resultados que proporcionará ao país, sobretudo pela morosidade com que frutificarão.

O segundo artigo da lei é mais energico e merecedor de maior attenção, porque vai ferir não só os interesses dos analphabetos, mas especialmente os dos letrados e sobremaneira os da nação.

E' por demais sabido — não discuto se com razão — que os letrados ha muito, desde que se iniciou a applicação da lei do sorteio, buscam se eximir ao serviço militar empregando todos os processos, inclusive os ilícitos, substituindo-se por indefesos analphabetos, factos innumeraveis que, além de clamarem perante a constituição nacional que desconhece distinções tales, afectam de morte ao exercito, porque mais do que nunca o exercito necessita de gente capaz.

Ora, pelas condições actuaes do país (80 % de analphabetos) 4 5 dos conscriptos que chegam ao exercito são absolutamente desletrados; o quinze restante, o desafogo permittido ás necessidades em homens que premem o exercito, ficará substituído por gente incapaz pelo segundo artigo citado que descurando, ou desconhecendo essas necessida-

des, prescreve de preferencia sejam sorteados para as fileiras, os analphabetos.

Pobre Exercito, o que vale dizer, infeliz Nação!

O pouco valor reconhecido ao primeiro artigo quanto ao desenvolvimento da instrucção nacional, é desde logo superado pelo grande interesse concedido pelo segundo aos letrados, a enorme minoria: o de escapar ao serviço da caserna. E assim, não admirará que em breve surja nova lei estipulando o fechamento de escolas publicas — não todas, porque além de desnecessario, alarmaria meio mundo — mas algumas apenas, as indispensaveis para manter o numero de analphabetos imprescindivel ao serviço militar.

Ora, semelhante contingencia imposta ao Exercito, encarados de perto os entraves e disturbios que acarretará ao seu preparo e instrucção, desmarcadamente superiores aos parclos resultados trazidos pela alfabetização lentissima, equivalerá, ou determinará a annullação tacita do mal apreciado Exercito Nacional, porque não mais poderá realizar a obra que lhe incumbe, porque durante o proximo seculo — quiçá mais — não se incluirá no diminuto effectivo, uma unica praça em condições de aprender os multiplos misteres que por lá se ensinam; não mais possuiremos artilheiros, nem infantes conscientes do papel a desempenhar sem hesitação e sobretudo no particular graduados e sargentos o desastre se evidenciará fabuloso.

Seria mais logico e intelligente transformar desde logo os quartéis em escolas e os officiaes em professores publicos, sem outros attributos, uns e outros, do que sustentar uma illusão, cara luxuosa e assim, composta de analphabetos de preferencia, mesmo perigosa.

Aos Bandeirantes cumpre arrostar e resolver o dilema: essa transformação franca e leal do Exercito, proporcionando á nação, além de grande economia, a certeza do seu desarmamento, ou iludi-la, transformando seu Exercito num órgão incapaz de preencher os seus verdadeiros fins, isto é, defendê-la contra um inimigo melhor organizado.

O racionalismo que invadiu nossa política antes da guerra, era muitas vezes artificial e servirá de folha de parreira altruísta para encobrir interesses e appetites de ordem pouco elevada.—GUSTAVO LE BON—(Primeiras consequencias da guerra.)

TACTICA NA CARTA

THEMA A PREMIO

Proseguindo no seu caminhar em uma orientação determinada, a "Defesa Nacional" apresenta hoje aos seus innumeros leitores, a respeito da tactica na carta, um novo thema a premio, de simples solução, problema interessante acerca da actuação de um destacamento que deve operar do seguinte modo: após a abertura de uma forte brecha no dispositivo inimigo, (partido N., vermelho) a qual acarreta por sua vez a separação entre as forças amigas (partido sul, verde), o destacamento em questão, que vem de atingir uma região central a rectaguarda da brecha, recebe a missão de cobrir o flanco direito de um Ex. (2º Ex. Verde) e de estabelecer a ligação com um agrupamento de forças amigas vizinho (um destacamento de Ex.), mas já em face de uma ameaça vizinha que se desenha perfeitamente orientada sobre a região de actuação do destacamento, isto é, de uma ameaça inimiga capaz de agir em detrimento do flanco descoberto do Ex., e em consequencia, das suas rectaguardas.

Já são conhecidas dos nossos leitores as condições geraes que regulam o julgamento dos themes a premio; dispensamo-nos de recordá-las. Entretanto, no que respeita ás soluções, de um modo geral, a "Defesa" julga util lembrar o seguinte: a solução de um caso concreto surge apóis um raciocinio bem conduzido feito em torno das circumstancias que o caracterizam, isto é, apóis um correcto *exame da situação*. Antes de mais nada cumpre salientar que as circumstancias de um thema são as que nelle vêm explicitamente exaradas; não é permitido acrescentar, inventar, criar coisas que nelle não foram fixadas; mas isto não significa em absoluto que certas adducções cabíveis, contidas implicitamente, não possam ser concluidas, para facilitar o raciocinio; em summa: necessarios em cada caso bom senso, muito cuidado em tirar conclusões.

O *exame da situação* ou raciocinio comporta o estudo dos seguintes factores, em sua ordem de urgencia: a missão, as possibilidades do inimigo para contrariar o desempenho da missão, os meios de que se dispõe para cumprí-la; influindo poderosamente no exame de cada um destes factores, surge constantemente o estudo de dois outros: o da situação tactica e o do terreno onde se deve agir. Trata-se, portanto, de conduzir intelligentemente o jogo dos factores para chegar-se ás decisões convenientes.

A missão exprime o que fazer. Ela comporta, geralmente, uma ou mais tarefas a executar, um ou mais objectivos a atingir; o termo *objectivo* empregado aqui na sua accepção mais ampla. É preciso, pois, em primeiro lugar, concluir e separar as tarefas ou os objectivos enfeixados na missão, mas tendo-se sempre em vista para cada tarefa ou objectivo, as possibilidades do inimigo.

As possibilidades do inimigo devem ser sempre examinadas de um modo completo, mas unicamente do ponto de vista das actuações que podem contrariar o desempenho da missão da unidade de que se trata: divagações estranhas são inuteis, fazem perder tempo. Por exemplo: no caso do presente thema nada ha que ver com as possibilidades das forças inimigas que enfrentam directamente o 2º Ex. verde, e o destacamento de Ex. verde de RIO MANSO-RIO DO PEIXE; isto não compete ao Gen. Cmt. do nosso destacamento A. Dentre as possibilidades

do inimigo são sempre mais interessantes, sob o ponto de vista das decisões a tomar, as possibilidades *mais desfavoráveis*. Cumpre, portanto, ser pessimista a respeito do que pôde fazer o inimigo, para que se tenha a convicção de não ser surprehendido pelos imprevistos; entretanto, ainda aqui deve agir escrupulosamente o bom senso; não se deve fornecer ao inimigo propriedades e attributos extra-normaes. Em conclusão: examinar conscientiosamente as circumstancias do thema, para decidir em consequencia.

Os meios de que se dispõe vêm sempre claramente designados em cada thema; elles constituem o poder de que o chefe lança mão para cumprir a missão, *a despeito da vontade do inimigo*.

Todo raciocinio ou exame de situação termina pelas decisões tomadas. Ha geralmente em cada caso uma decisão principal que exprime uma intenção ou idéa de manobra; e decisões particulares que exprimem as tarefas dos escalões subordinados; tudo em vista da missão a cumprir.

A intenção e a idéa de manobra constituem, respectivamente, assumtos de Instruções particulares (geralmente pessoas e secretas) e das Ordens Geraes de Operações, nos escalões elevados (grandes unidades). Os comandos das pequenas unidades (destacamentos e outras) nem recebem nem redigem instruções pessoas e secretas, nem fazem consignar, normalmente, em suas ordens, idéias de manobra relativas ás operações de suas unidades.

As ordens, que traduzem as decisões do Chefe e especificam as tarefas dos subordinados, devem ser redigidas de um modo claro, preciso e simples. Phrases inuteis, inexpressivas, dubias, de aspecto literario simplesmente, devem ser banidas das ordens. As ordens nascem das decisões tomadas; estas surgem do exame de situação effectuado; portanto, absolutamente inutil introduzir explicações indesejaveis de serem lidas e estudadas.

A remessa das soluções do presente thema deve ser feita para a Caixa Postal de "A Defesa Nacional", e aí devem chegar até 31 de outubro do corrente anno.

THEMA DE DESTACAMENTO

Carta de S. Paulo.

Folhas da Mogy-Mirim e Ouro Fino, 1|100000

Situação geral

Depois de uma serie de operações consecutivas em que se empenharam nas regiões N. e NE. de Villa de Mogy-Iguassú e N. de Itapira forças importantes de dois partidos, que aí procuravam uma decisão, as forças do partido N. (vermelho) vindas do N. por Campo Triste e mais a O. (grosso), e de E. por Jacutinga, e que esforçavam-se por soldar-se na região N. E. de Villa Mo-

gy-Guassú — foram derrotadas, obrigadas a retrahirem-se, e em consequencia fortemente separadas, pelas forças do partido sul (verde), com as quaes haviam tomado contacto na linha: curso do rio *Mogy-Guassú* a O. de *S. Cruz* — orlas N. do planalto de *S. Cruz* — *Est. Cons. Lau-rindo-Rio do Peixe* — *Rib. da Penha* até a região O. de *Os Limas*. O grosso vermelho, vindo do N., retraiu-se para os *Campos das Sete Lagoas* e mais a N. E.; a frente da posição que actualmente ocupa é balisada por: crista N. O. e N. E. de *Faz. Campininha* — crista a N. O. de *Faz. Correço Fundo* e mamelão ao N. desta Faz. — pequeno planalto de curva fechada 700 a N. O. de *Faz. Cachoeirinha* — sul de *Graminha* — garupa a N. E. de *Faz. Rio das Pedras* — orla sul do planalto sul de *Tijucó Preto* — *Est. Matto Secco*; o grosso das forças verdes (2º Ex. Verde, 3 DI., etc.) tomou contacto com essa posição na jornada de 10 de julho e prepara-se para atacar talvez a 11. As forças verdes que recalcaram as forças vermelhas de E. (vindas por *Jacutinga*), constituem actualmente um destacamento de Ex.; mantem a seguinte frente em contacto com os vermelhos: alturas imediatamente a O. de *Rio Manso* (de O.) — margem direita do rio *Mogy-Guassú* a N. E. e E. de *Faz. S. Roque* — margem esq. do *Rio do Peixe* a partir da região S. O. de *Faz. Rocha* para S. E., etc.

Ao fim da manhã do dia 10 a localidade *Espto. Sto. do Pinhal* foi ocupada por um destacamento de descoverta de C. enviado pelo Cm^t, do 2º Ex. verde na direcção geral N. E., com a missão de assignalar a aproximação eventual de forças inimigas das direcções de *S. João da Bôa Vista* (uma dezena de klms N. de *Campo Triste*), *Caracol — Caldas* (uma vintena de klms. N. E. de *Caracol*) e *Jacutinga*.

Situação particular.

Na jornada de 10, enquanto o grosso das forças verdes progride para o N. e retoma o contacto com o grosso das tropas vermelhas que se retraiu durante a noite de 9/10 para a nova posição nos *Campos das Sete Lagoas* e mais a N. E., uma parte da aviação verde, de informação, orientada insistente mente em reconhecimentos sobre a região do vazio que se abre entre as forças vermelhas, principalmente nas direcções geraes N. E. e N., assignala desde a manhã bivaques de forças inimigas importantes de todas as armas, entre *Caracol* (incl.) e as bifurcações de estradas E. do *M. do Capão de Mél*; estas forças ali permaneciam em bivaques até às 17 horas; nas direcções: N. — por *Catinguciro* — *Os Ribeiros* — *Campo Triste*, e E. — por *Espírito Sto. do Pinhal* — *Serra da Tuyuva*, etc., nada assignalado; pequeno movimento na E. F. *Sapucahy*. Tropa inimiga calculada em 3 ou 4 Btls., vindas de N. O., atinge, à tarde, a região N. de *Faz. Bôa Vista*, nos *Campos do Chapéu de Couro*.

De outro lado, na manhã do mesmo dia 10, um forte destacamento da 6^a D.I., verde chega à região *Villa de Mogy-Guassú — C. da Onça*, vindo do sul, tendo feito uma etapa nocturna de 25 klms. Este destacamento (que passa a denominar-se *destacamento A*) é constituído do seguinte modo:

Cmt.: oGen. A. Cmt. da 11 Bda. da 6^a D I. ver-
de;

Tropa { 16 e 17 RI
2 Grs. 75 M.
1 Gr. Mth.
1 Esq. C
1 pel. Sp. M.

A tropa está acompanhada do respectivo T C.; o Gen. A. dispõe do seguinte material de transmissões (com as equipes de serviço): 1 posto T S F. o. c., 1 posto T S F. o. a., dois apparelhos opticos. O destacamento teve ordem de permanecer até á tarde na região attingida, á disposição do Gen. Cmt. do 2º Ex. verde.

— • —

A's 16 horas do dia 10, o Gen Cmt. do destacamento A recebe, em seu P. C. em *Villa Mogi-Guassú*, a seguinte ordem escripta do Gen. Cmt. do Ex., confirmação de uma Ordem Preparatoria das 15 horas.

2º Ex. verde

E. M.

3º Seção

Nº.

P. C. em S. Cruz

10 (dez.) de Julho - 15 h. 30

Ordem Particular ao Cmt. do destacamento A. nº

I — A aviação de reconhecimento do Ex. nada assinalou, em território inimigo, até às 14 h. de hoje, nas direcções N. e E. de *Espto.* *Sto. do Pinhal*; as forças inimigas de *Caracol*, etc., aí continuavam bivacadas até essa hora. O grosso do nosso destacamento de descoberta de C. continua em *Espto. Sto. do Pinhal*.

II — O Ex. atacará amanhã (11), às 8 horas, com as suas duas divisões da esq. (2^a e 3^a D. I.), com o fim de alargar as cabeças de ponte dessas divisões ao N. do *Mogy-Guassú*; a divisão da direita (5^a D. I.) permanecerá na defensiva.

III — O vosso destacamento tem por missão cobrir, desde as 6 horas de amanhã, o flanco direito do Ex. e da 5^a D. I., e estabelecer ligação com a esq. do destacamento de Ex. a N. E. de *Est. Nova Louzã*, região *A. B. de Souza*. Em consequencia, retomará o movimento para o N. ás primeiras horas da noite de hoje, para alcançar a região..... (a determinar pelos solucionadores) em vista do desempenho da missão. Em caso de necessidade, a criterio do Cmt. do Ex., vosso destacamento poderá ser reforçado a partir da jornada de amanhã, quer por *Os Domingues*, quer por N. E. de *Est. Orissanga*, por elementos da 6^a D. I., cujo grosso — reserva do Ex., attingirá a região *Faz. Mombaca — Itaquy*, na manhã de 11.

IV — O meu P. C. continua em *S. Cruz*; P. C. da 5^a D. I. em *Faz. Itaquy*, onde funciona a central optica da divisão.

Confere,

X. Chefe E. M.

(a.) F., Cmt. do Ex.

O grau de perfeição a que attingiu a cultura militar do Chile permitiu que a nação atravessasse todo um período de agitação política sem que seu Exército sofresse abalos aniquiladores.

A respeito do destacamento de Ex. o Gen. Cmt. do destacamento A, recebeu a seguinte comunicação: "O destacamento de Ex. permanece na defensiva na jornada de amanhã, 11."

Durante a noite de 10|11 o Gen. Cmt. do 2º Ex. verde, recebe por T. S. F. as seguintes informações do Cmt. do destacamento de descoberta de C. de *Espto. Sto. do Pinhal*: até às 17 h. de hoje nada em *S. João da Boa Vista*; forças inimigas que parecem pouco importantes, ocupam desde às 6 horas a região *Poco-Fundo-Ranchão*, a N. O. de *Jacutinga*; estas forças aí permaneciam até às 22 horas; vou ficar em *Espto. Sto. do Pinhal* enquanto puder.

Nota:

O P. C. do Ex. (em *S. Cruz*) está ligado telefonicamente ao P. C. da 5ª D. I. em *Faz. Itaquy*, e ao observatorio do Ex. no mameião 600 de *Faz. Orissanga*. O destacamento A. tem as dotações de munição da tropa completas; os seus T. C. foram reabastecidos em viveres a 10, para consumo a 11.

Em vista da falta de indicações, na carta, sobre a vegetação que realmente cobre o terreno, suppõe-se que este seja permeável aos movimentos da tropa em todos os sentidos, por fóra das estradas, nas regiões não montanhosas (salvo o que respeita ás restrições impostas pelos cursos d'água que possam constituir obstáculo). Nas regiões accidentadas há ainda a considerar as dificuldades que o terreno impõe aos deslocamentos da art. M., elemento menos móvel que figura na constituição do destacamento A.

Pede-se:

- Calco mostrando o dispositivo de estacionamento do destacamento A. durante o dia 10;
- Ordens dadas pelo Gen. Cmt. do destacamento para o movimento durante a noite de 10|11;
- Calco mostrando o dispositivo do destacamento ás 6 horas da manhã de 11, em vista do cumprimento da missão recebida.

Nota: Este trabalho é novamente publicado por ter saído no 1º numero com enganos e erros typographicos.

Estudo de uma situação tática

Cap. RENATO BAPTISTI NUNES

(I)

(Uma solução do thema de Tactica Geral apresentado no numero anterior)

Quem pretender resolver um thema na carta deve começar por um trabalho de imaginação que consiste em procurar penetrar-se com tal nitidez da situação criada pelo thema e do scenario onde ella se desenvolve, que chegue a ter o sentimento exacto de estar vivendo, no momento, aquella situação dentro daquelle scenario.

Esse trabalho de imaginação é um óptimo auxiliar do methodo de raciocínio já referido, porque quanto mais

vivo fôr o sentimento da realidade, tanto mais logicos se tornam o encadeamento e a successão das idéas capitais que devem conduzir á solução integral e adequada do problema proposto.

Num estudo na carta, a imaginação prepondera, porque é preciso pensar nos acontecimentos para em seguida lembrar as providencias convenientes. No caso real, diante de uma situação de facto, as necessidades apresentam-se espontaneamente, vêm ao encontro do chefe, e despetram desde logo, no seu espirito não só a idéa de oportunidade, como do genero das providencias a tomar; mas ainda, sua previsão pôde atingir a maxima amplitude, pelas impressões e informações que a cada momento elle pôde colher, elementos esses, sem duvida, muito mais restritos num trabalho theorico. Nesse caso, sem que a imaginação deixe de ser um poderoso auxiliar, preponderam outros elementos — a faculdade de apreender rapidamente uma situação, de dar o justo valor aos factos, o espirito de previsão e o de decisão.

Essas qualidades só se adquirem com tempo e trabalho, no estudo contínuo de "casos concretos" sempre variados, capaz de dar ao espirito flexibilidade adaptabilidade, e outros recursos indispensaveis a um chefe para agir com acerto em todas as circumstancias.

Dito isto, voltemos ao assumpto, e vamos procurar uma das soluções racionaes que o thema pôde ter, procurando imprimir a esse estudo a feição a que alludimos acima.

Na tarde de 19 de abril, o Gen. Cmt. da 1ª D. I., que precedeu sua Divisão na marcha que ella vem fazendo desde *S. Carlos do Pinhal*, chegou a Dourado com um escalão avançado do seu Q. G.

O 1º R. C. D. já se achava em Dourado desde o dia anterior, vigiando as passagens do rio Jacaré Pepira e a região mais a Oeste. Seu Cmt. deu ao Gen. as informações mais recentes: os reconhecimentos tinham visto algumas patrulhas inimigas na margem S. do rio que pareciam vigiar principalmente as passagens, sem contudo tentarem transpô-las, mas, repelliram a tiros de fuzil os elementos da cav. verde que se aproximaram dessas passagens.

Por outro lado, o Exercito informava que os grossos inimigos assinalados nas regiões de *Dous Corregos* e de *Jahú* não tinham progredido para o N. até á tarde de 19. Em cumprimento ás ordens do Cmt. do Ex. "estar em condições de passar com o grosso da D. I. o Ja- caré Pepira a partir de 21", o General resolveu, em face das ultimas informações, empregar a jornada de 20 em ganhar mais terreno para S. O., abordar a linha do Ja- caré Pepira e lançar para a margem Sul duas Vgs., afim de assegurar, em qualquer circunstancia, a passagem ul- terior do grosso, tomado desde logo um dispositivo articulado que lhe facultasse a liberdade de apoiar, na mar- conforme as circunstancias.

Essa etapa reduzida daria á tropa a possibilidade de repousar ainda algumas horas e ao mesmo tempo per- mittiria que certos órgãos dos Serviços, um pouco atrasados, se aproximassem mais da Divisão. As ordens fo- ram dadas nesse sentido, e a execução dellas levou a Di- visão ao dispositivo constante do thema, isto é, em linhas geraes:

uma Vg. atravessou o rio pela ponte da via ferrea e progrediu até á crista topographica (elementos avan-

çados) das alturas imediatamente ao N. de Pedro Alexandrino.

— outra Vg. passou pelo vau de Jacutinga, ocupou o pequeno mamelão a 2 kms. S. O. do vau, e o collo mais ao S., com elementos de ligação com a Vg. da direita na região dos pequenos mamelões N. E. de Faz. Sant'Anna da Boa Vista.

— a 2^a Bda., articulou-se na larga garupa ao N. do Rib. do Serrote, prompta a transpor o rio, pela ponte da estrada de ferro (ou por uma ponte de barcos que poderá ser lançada proximo á confluencia do mesmo Rib.), tendo um Btl. mais avançado atrás da crista ao N. da ponte da via ferrea.

— o grosso da D. I., disposto na região entre Dourado e Jacutinga, abrigado no valle do Rib. Vermelho.

— o R. C. D. na região de Faz. Independencia com patrulhas em contacto na linha: Faz. Pouso Alegre com Cima-Luiz Paixão e mais para E., até Faz. Bella Vista.

— quasi todos os órgãos dos Serviços na região de Dourado, ou devendo atingí-la na noite de 20-21 e na jornada de 21, em função da distancia a que ainda se acham dessa região.

O Gen. Cmt. da 1^a D. I., acompanhado pelo seu Chefe de E. M., Cmts. de Bdas., da A. D. e da E., fez, á tarde de 20, um reconhecimento de toda a frente de sua D. I., percorrendo as alturas que dominam a margem N. do rio Jacaré Pepira, visando especialmente os pontos por onde elle pretende fazer passar o grosso da D. I. no dia seguinte; em seguida, deu a ordem de estacionamento.

Ressignando ao seu P. C. em Dourado, por volta das 16 h., apresentou-se-lhe um official de ligação vindo do Ex., portador das ordens e demais documentos constantes do thema. Esse official, que pouco antes passara pelo P. C. da 5^a D. I., deu ainda ao Gen. informações sobre essa D. I. Além disso, o Gen. tomou conhecimento das ultimas informações colhidas pela sua aviação e pelo seu R. C. D. durante a jornada de 20.

Desde esse momento, o Cmt. da 1^a D. I. tinha os dados essenciais para sobre elles calcar a sua decisão, isto é:

— situação	do inimigo. das proprias tropas e das demais tropas amigas.
------------	--

— a missão de sua D. I.

Esses elementos vão permitir o estudo das possibilidades de acção do inimigo capazes de impedir ou de prender o cumprimento da missão recebida; em seguida, julgar o cumprimento do melhor modo os meios de que o Gen. vai empregar integralmente essa missão a despeito das suas dadas a cada agrupamento de forças.

O Comt. da D. I., com seu chefe de E. M. e o 3^a secção, vai, então, examinar os documentos recebidos, extrair delles as prescrições relativas á sua D. I., fazer o resumo das informações recebidas, avaliar as possibilidades do inimigo e tomar sua decisão; em seguida a 3^a secção traduzirá em ordens de operações as decisões do Commando.

1^a Situação do inimigo: — Que se sabe do inimigo? — que numerosas tropas de todas as armas (talvez uma D. I.) atingiram a região de Dous Corregos a 17

e 18 de abril e que, ao mesmo tempo, numerosa tropa de cavallaria (talvez a 2^a D. C.) se reuniu na região de Jahú; essas tropas continuaram depois o movimento para N. E. sem contudo terem ultrapassado, com seus grossos, até á tarde de 19, as alturas ao N. daquellas localidades, onde a aviação do Ex. assinalou, desde o dia 18, grande actividade e indícios de organização do terreno. Taes indícios foram verificados pela aviação da D. I. que assinalou também bivaques e alguns grupos de cavallos de mão nas vertentes S. daquella linha de alturas.

Por outro lado, as Vgs. tiveram apenas que enfrentar ligeiros elementos da Cav. adversa, e o R. C. D. pôde chegar até á região de Faz. Independencia sem grande resistência, sendo apenas atacado por elementos dispersos que resistiram por pouco tempo. Contudo, um meio esquadrão de descoberta da 1^a D. I. foi atacado por cerca de um esquadrão, em Pouso Alegre de Cima, e foi obrigado a retrair-se para Faz. S. Emilia, enquanto os demais reconhecimentos foram detidos, por fogos de F. M., nas vertentes que descem de Paixão e de Figueira para o Norte. Isto parece indicar que os Vermelhos apenas se cobriram com a cavallaria divisionaria na frente da 1^a D. I. (onde foi identificado um soldado morto do 6^a R. C. D.); que já tem elementos da D. C. no flanco direito da 1^a D. I. e que ainda não dispõe de meios mais poderosos nessa região na tarde de 20. Todavia, isto não implica a impossibilidade de tê-los na manhã de 21.

Esta é a situação que interessa directamente a 1^a D. I.

2^a Situação das tropas amigas — A situação da 1^a D. I. é inteiramente conhecida. Quanto á 1^a D. C. verde, o General até o momento em que recebeu as ordens do Ex., nada sabe relativamente á situação do grosso, mas foi informado pelo Cmt. do 1^a R. C. D. que um dos seus reconhecimentos entrará em ligação com elementos da Vg. da 1^a D. C. na região de Faz S. Emilia; portanto, o flanco direito da 1^a D. I. estará coberto no dia 21. A esquerda, a 5^a D. I. já abordou o rio Jacaré Pepira e prepara-se para transpô-lo também na jornada de 21.

3^a Missão da 1^a D. I. — "O Ex. vai continuar a 21 a sua marcha offensiva para S. O., ao encontro do inimigo, quer elle se detenha nas regiões onde foi assinalado, quer continue seu movimento para N. E.", diz sequencia, o Ex. dá á 1^a D. I. a missão de:

"progredir em direcção á frente Jahú (exclusive) — Dous Corregos (exclusive)... etc.". Esta ordem é o complemento do que se encontra na Instrucção Pessoal e Secreta que acompanhou a ordem de operações.

A missão é clara, e como "a missão não se discute, cumpre-se", o Gen. pôde responder facilmente á interrogação formulada no seu espírito:

De que se trata para a 1^a D. I.? — de avançar para o S., executando uma marcha de approximação que avará fatalmente ao contacto com o inimigo durante a jornada de 21. (1)

Para avançar para o Sul, a D. I. terá de transpor o rio Jacaré Pepira, então, a operação apresenta desde logo duas fases:

1^a — o alargamento das cabeças de ponte constituidas actualmente pelas 2 Vgs., para assegurar o desenvolvimento do grosso;

2º — transposição do Jacaré Pepira pelo grosso da D. I., coberto pelas Vgs.

Até onde será necessário levar as Vgs., para que a liberdade de acção do commando fique assegurada?

Examinemos preliminarmente, como se apresenta o terreno na zona de acção da D. I.:

Logo em frente, o valle largo e aberto do Jacaré Pepira cõrta a zona de acção da D. I. obliquamente de N. O. para S. E. Nenhum outro curso d'água importante corre transversalmente á direcção do movimento, até á linha de alturas ao N. de Jahú — Dous Corregos. Ao contrario disso, os affluentes da margem esquerda do Jacaré Pepira correm sensivelmente na direcção Sul-Norte e dividem o terreno em longos espigões de encostas cada vez mais suaves á proporção que se vae da esquerda para a direita do sector da D. I.; esses espigões guardam a mesma direcção geral Sul-Norte e vão enfrontar-se na linha de alturas onde foi assinalado o inimigo.

As condições do terreno são, pois, favoraveis ao atacante que avança de N. para S., notadamente na direita do sector da D. I. onde as duas linhas de cristas separadas pelo rib. da Boa Vista conduzem ao grande planalto de Pouso Alegre de Cima, ponto dominante da região. Desse planalto pôde-se observar todo o valle do Jacaré Pepira, na frente da 1ª D. I., e, mais particularmente, o vau de Jacutinga, e todo o valle do rib. da Figueira Vermelha. E', portanto, nessa região que o inimigo procuraria ter os observatorios necessarios para actuar com sua artilharia em toda a frente actual da D. I. desde a transposição do rio, mais particularmente na região do vau de Jacutinga, com tiros observados á vista, da ponta N. do planalto (na cota 680, mais ou menos).

Releva ainda notar que é ainda desse planalto que a 1ª D. I. pôde ter vistas sobre a posição onde se presume estar a P. A. do inimigo, isto é, na linha Paixões-Figueira, onde foram detidos todos os reconhecimentos do 1º R. C. D.

Por conseguinte, sendo em planalto a região mais afastada de onde o inimigo pôde actuar efficazmente contra a tropa que vae transpor o rio, e sendo ainda a região de observatorios para a continuaçao do ataque da 1ª D. I. para o Sul, é preciso que as Vgs. se apossem desse planalto para garantir a passagem do grosso e o desenvolvimento ulterior das operações.

As conveniencias de ordem tactica são, como se vê, favorecidas pelas condições do terreno; então, primeira decisão: *preliminarmente, apossar-se em qualquer hypothese, das alturas que dominam, ao Sul, o curso do Jacaré Pepira na zona de acção da D. I.*

4º — *Como pôde actuar o inimigo para obôr-se ao cumprimento da missão da D. I. no dia 21?*

O Gen. sabe que tem deante de si um adversario que conserva ainda plena liberdade de acção; por conseguinte, ha duas hypotheses aceitaveis:

1º — o inimigo pôde proseguir o movimento para N. E. ao encontro das forças Verdes;

2º — o inimigo pôde manter-se na região Jahú-Dois Corregos e, nesse caso,

a) cobrir-se por uma posição de P. A., lançando para a frente apenas ligeiros elementos de vigilancia, incumbidos de informar a respeito da aproximação dos Verdes, ou

b) atrasar com forças mais importantes o avanço dos Verdes, começando por difficultar-lhes a passagem do rio, retrahindo-se depois até que os Verdes se venham chocar com as suas organizações defensivas.

Os acontecimentos da jornada de 20 confirmam as informações que diziam não terem os grossos inimigos transposto a linha de alturas ao N. de Jahú-Dois Corregos até á tarde de 19; a situação parece não ter mudado mesmo durante o dia 20 (situação do 1º R. C. D. em Faz. Independencia, ás 14 horas), mas isso não significa que a 1ª hypothese já possa ser eliminada. Essa hypothese fica apenas attenuada, no sentido de não ser mais possível que o inimigo se apresente em força, para atacar as Vgs. ao alvorecer de 21, á vista da distancia que tem de percorrer á noite. Mas, por outro lado, nada o impede de lançar-se para a frente e passar sua linha de P. A. ao alvorecer de 21 e marchar, com suas forças remidas, ao encontro das forças Verdes. Onde se pôde dar esse encontro? Possivelmente numa linha intermediaria áquella onde foram detidos os reconhecimentos do R. C. D. e a frente actual das Vgs. Verdes, isto é, mais ou menos na linha: Faz. S. Emilia-Faz. Independencia e mais a E.

Será esse o momento mais interessante porque marcará o engajamento das Vgs. Isto quer dizer que, a missão das Vgs. sendo no inicio francamente offensiva, porque o Gen. decidiu ocupar em qualquer hypothese o planalto de Pouso Alegre de Cima, é preciso encarar a possibilidade das Vgs. se chocarem com forças importantes, já desenvolvidas e promptas para combater: — essas Vgs. deverão ser fortemente constituídas. Como serão constituídas as Vgs.?

Quando o chefe dá uma missão a um seu subordinado, deve pôr á disposição delle os meios proporcionados ao resultado que quer obter. Isto obriga o chefe a examinar, em grosso, como poderá ser executada a ordem, para bem avaliar os meios a empregar. Em outras palavras, o chefe faz a manobra do seu subordinado, não para impor-lhe depois a mesma execução, porque a responsabilidade da operação cabe interamente ao executante, mas tão sómente como uma avaliação dos meios necessários, certo de que, havendo unidade de doutrina, o subordinado conseguirá os mesmos resultados, embora empregando variantes na execução.

Dadas as possibilidades do inimigo, pôde-se prever que a manobra das Vgs. apresente duas phases bem caracterizadas:

1º — progressão até a orla N. do planalto de Pouso Alegre de Cima e região ao S. de Faz. Independencia;

2º — a partir desse momento, possibilidades de combate, afim de recalcar para o S. do planalto o inimigo que por ventura aí se encontre, ou — no caso de grande resistencia do inimigo: passar a uma defensiva momentanea, aferrando-se ao terreno conquistado — até que o intervención não se fará demorar, porque durante a phaciado a passagem do Jacaré Pepira.

Já vimos que o Gen. decidiu apossar-se na jornada de 21, pelo menos, da região do planalto de Pouso Alegre de Cima e do espigão mais a E. Esse planalto tem, como linhas de facil acesso, os dois espigões que encaixam o

rib. da Boa Vista; por conseguinte, é conveniente dar a um mesmo agrupamento de forças a missão de apoderar-se do planalto, visto aquellas duas linhas de progressão convergirem para elle. Por outro lado, a conquista do planalto será certamente facilitada se um outro agrupamento de forças progredir pelo espigão a E. do rib. Figueira Vermelha, que divide a zona de acção da D. I. em duas outras zonas topographicamente bem definidas. Conclusão: será preciso lançar uma Vg. por cada uma dessas duas zonas.

Constituição das Vgs. — A Vg. da direita terá necessariamente de lançar um Btl. por cada um dos espigões que conduzem ao planalto; além desses dois Btis. de 1º escalão, deve dispôr ainda de uma forte reserva, marchando no flanco externo da Vg., no rasto do Btl. da direita, prompto a attender a qualquer eventualidade desse lado, visto não estar ainda sufficientemente esclarecida a situação da 1ª D. C. verde, cuja missão é cobrir o flanco direito do Ex. Essa reserva não deve ser inferior a um Btl.; logo, como infantaria, a Vg. disporá de um R. I.

Artilharia. — Os Btis. de 1º escalão precisam ser apoiados, pelo menos, por um grupo de 75 cada um, pelos motivos já expostos; mas, numa situação de movimento como esta, as ligações da infantaria com sua artilharia de apoio directo, são sempre difficeis ou demoradas. Além disso, o terreno difficulta a observação, portanto, é muito útil dar ainda ao Cmt. da Vg. duas baterias de Mth. para acompanhamento immediato dos Btis. de 1º escalaõ, e pôr a A. M. á sua disposição.

A Vg. da esquerda terá de progredir inicialmente pelo estreito espigão a E. do rib. da Figueira Vermelha e orientar um forte elemento em direcção á Faz. Independencia, para galgar o espigão que dali sobe para o Sul, — sejam dois Btis. em primeiro escalão, mais um em reserva; logo, a Vg. disporá de um R. I.

Vimos a conveniencia de attingir, no mais curto prazo, a transversal a partir da qual ha possibilidade de encontrar-se o inimigo e de reunir, nesse momento, meios suficientes para atacá-lo com decisão. Mas a disposição actuaes Vgs., escalonada a da direita para a retaguarda actuaes Vgs., escalonada a da direita para a retaguarda (1), deixou essa Vg. atrasada de cerca de 3 kms. em relação á da esquerda; para sanar esse inconveniente, pôde-se procurar atrasar também a progressão do inimigo no planalto, — será a missão do grosso do R. C. D., lançado ao avorecer para essa região. Será também vantajoso ter um forte elemento (1 Btl., por ex.) galgando o espigão a E. do rib. da Boa Vista ao mesmo tempo que a Vg. da esquerda inicia sua progressão pelo espigão a a Vg. da esquerda, Figueira Vermelha. Esse Btl. pôde ser o E. do rib. Figueira Vermelha; isto fará com que, inicialmente, o Cmt. da Vg. esquerda tenha sua reserva muito desfalcada, mas esse Btl. pôde ser recuperado dentro de pouco tempo, porque um dos Btis. da Vg. da direita virá a auxiliá-lo. Desse modo, a Vg. esquerda prepara a substituí-lo. Desse modo, a Vg. direita, recuperando mais tarde trada em acção da Vg. direita, recuperando mais tarde seu Btl. Aliás, se as circumstancias o exigirem, esse Btl. para constituir reserva do Cmt. da Vg. esquerda.

(1) No momento de estacionar a sua D. I., o Gen. não tinha ainda informações precisas a respeito da situação da 1ª D. C. Verde, nesse flanco.

Artilharia. — A Vg. esquerda vae ter inicialmente como vimos, os seus tres Btis. em 1º escalão, pelo menos até que a Vg. da direita faça a sua entrada em acção; além disso, a artilharia desta Vg. só poderá avançar mais lentamente pela falta de caminhos na sua zona de acção de maneira que será conveniente dar á Vg. direita o apoio de 3 grupos de 75 (apoio directo); isto permitirá um apoio mais efficaz no caso das Vgs. terem de passar á defensiva provisoria, como já foi previsto. Além desses 3 grupos, a Vg. terá ainda 2 bias de Mth. para acompanhamento immediato, que terão applicação conveniente no Btl. que vae progredir ao longo do estreito espigão a E. do rib. Figueira.

Toda a artilharia das Vgs. ficará á disposição dos respectivos Generaes; essa descentralização vantajosa nas phases de engajamento, não impede que o Cmt. da D. I. recupe toda ella ou parte, quando os Vgs. tendo se chocado contra resistencia seriamente organizada pelo inimigo, se torne necessário montar um ataque com toda a D. I., e, portanto, centralizar de novo os meios de A.

Em resumo, a organização do commando e a constituição das Vgs. será:

- Vg. direita: a actual, reforçada pelo III|3º R. I. e pelo II|1º R. A. M. Commandante, o general da 2ª Bda.
- Vg. esquerda: a actual reforçada pelos II e III|1º R. I. e pelos II e III|1º R. A. M.
- Inicio do movimento ás 6 horas.
- O R. C. D. desde que seja alcançado pelos elementos avançados da Vg. direita, passará para o flanco direito da D. I. para cobrir esse flanco e estabelecer a ligação com a 1ª D. C.

Feito o exame summario da acção das Vgs., afim de poder dar-lhes uma organização compativel com o esforço dellas exigido, o Cmt. da D. I. passa a regular a questão do deslocamento do grosso da D. I.

Vimos a necessidade de só iniciar a transposição do rio Jacaré Pepira quando as Vgs. abordarem a transversal Faz. S. Emilia-Faz. Independencia a alturas mais a E.; se as Vgs. iniciarem a aproximação ás 6 horas, elles poderão attingir aquella linha entre 8 e 9 horas e o grosso poderá iniciar a passagem do rio a essa hora. Como pôde ser executada essa operação?

A largura do sector da D. I. e a relativa proximidade do inimigo teriam levado o Cmt. da D. I., na jornada de 20, á solução de transpor o rio em mais de um ponto; além de maior segurança, resultará maior facilidade para articular o grosso da D. I. na margem Sul do Jacaré Pepira (começo de desdobramento), de maneira a poder attender a qualquer das eventualidades já estudadas, relativamente ao engajamento das Vgs. O grosso da D. I., na tarde de 20, já se achava disposto em dois agrupamentos de forças, um ao N. e outro ao S. do valle do rib. Vermelho.

Antes de marchar de uma região para outra, é preciso saber o que se quer fazer ao chegar a essa outra região. Que quer o Gen. fazer com o grosso quando as Vgs. attingirem a transversal: Faz. S. Emilia-Faz. Independencia e mais a E.? Havendo possibilidade de encontrar, a partir dessa linha séria resistencia opposta pelo inimigo, o Cmt. da D. I. precisa estar em condição de poder apoiar uma ou outra das Vgs., ou a montar um ataque de conjunto para conquista do seu objectivo: o planalto de Pouso Alegre de Cima e o espigão entre Faz. Sant'Anna e Faz. Bella Vista. Nessas condições, quando os Vgs. chegarem á transversal citada, o grosso da D. I. deverá estar articulada em dois agrupamentos de forças: um na região do collo a 2 kms. S. O. do vau

de Jacutinga e outro na região da Faz. Sant'Anna da Bôa Vista; num 2º lance pôde ser *previsto* para a região das cabeceiras do rib. da Bôa Vista e região de Faz. Independencia-Faz. Figueira, no caso das Vgs. continuarem a progressão, sem grande resistência até á orla Sul do planalto e mais a E.

O Cmt. da D. I. decide, então, conservar os dois agrupamentos já existentes na tarde de 20 e transpor o rio do seguinte modo:

- agrupamento da direita (N. do rib. Vermelho) — por uma ponte de barcos que será lançada na noite de 20|21 proximo á confluencia do rib. do Serrote. Reunião, antes do alvorecer, no valle desse ribeiro; inicio da passagem: a partir das 8 horas, mediante ordem especial. Primeiro lance, para a região de Faz. Sant'Anna da Bôa Vista (em formação de aproximação, na margem S. do rio).
- agrupamento da esquerda (S. do rib. Vermelho) — por uma ponte de barcos que será lançada, antes do alvorecer, na região do vau de Jacutinga. Reunião, antes de clarear o dia, no valle do rib. Vermelho, inicio da passagem, como foi dito acima. Primeiro lance, para a região do collo 2 kms. S. O. do vau de Jacutinga (formação de aproximação). A partir da linha do Jacaré Pepira para o S., a D. I. deverá avançar de articulação em articulação, mantendo-se sempre em condições de entrar em acção rápida e livremente.

Desdobramento da artilharia — Vimos que, de um modo geral, a artilharia ficará dividida em dois escalões, um posto á disposição das Vgs. para apoio directo e acompanhamento immediato, outro que se deslocará com o grosso. Em principio, toda a artilharia, nessa situação, deve deslocar-se por escalões, de modo a haver sempre uma certa parte em posição para assegurar a continuidade na execução das missões que lhe cabem. Os deslocamentos da art. posta á disposição dos Cmts. das Vgs., serão por estes regulados, mas o Cmt. da D. I. pôde, de algum modo, intervir nessa questão, recomendando, por exemplo, no caso considerado, que as Vgs. conservem em posição na margem N. do rio, uma ou duas baterias dos grupos que já as apoiaram a 20, enquanto as bacias ou bacia restante, e os novos grupos postos á disposição dessas Vgs., transporão o rio na 2ª parte da noite de 20|21, indo ocupar, ao alvorecer, as posições da margem sul, já reconhecidas na tarde de 20. A art. da Vg. direita poderá passar pela ponte da via ferrea (1) que deve ter sido reparada na tarde de 20 pelos sapadores da Vg. (informação do Cmt. do R. C. D.) e a da Vg. esquerda, pelo rio de Jacutinga.

Quanto á artilharia do grosso (III|1º R. A. P.), como medida de precaução, o Cmt. da D. I. faz reconhecer posições ainda na tarde de 20, que serão ocupadas ao amanhecer de 21, seja para apoiar a acção das Vgs., seja a propria entrada em acção do grosso da D. I. O grupo 75 reconhecerá uma posição nas encostas sul do rib. Serrote por cuja ponte passará ulteriormente; o R. A. P. na região de Faz. Cascata, passando depois o rio pela ponte de barcos de Jacutinga.

Em resumo: — em face da missão dada á 1º D. I. e da situação particular, o Gen. decide ocupar em qualquer caso o planalto de Pouso Alegre de Cima e o espi-

gão entre Faz. Sant'Anna e Faz. Bella Vista, na jornada de 21. Execução: a sua idéa de manobra comporta duas fases distintas:

- 1º alargamento das cabeças de ponte, pela progressão das Vgs.
- 2º transposição do Jacaré Pepira pelo grosso da D. I.

A progressão das Vgs. apresenta, também, duas fases:

- 1º a marcha de aproximação até a transversal Faz. S. Emilia-Faz. Independencia.
- 2º daí por diante, em caso de ataque por forças superiores defensiva momentanea, preparando a entrada do grosso em acção para a conquista do planalto (*hypothese* do inimigo também avançar) — ou continuação do movimento para a frente até tomar contacto com a P. A. dos vermelhos (*hypothese* do inimigo permanecer nas posições atingidas na véspera).

Resta apenas considerar como pôde ser estabelecida a cooperação das unidades vizinhas para o bom desempenho da missão geral. O Cmt. da 1º D. I. vai comunicar sua decisão, em traços muito geraes, aos Cmts. da 1º D. C. e 5º D. I. e dizer, por ex., ao primeiro que será muito útil para sua D. I. que a D. C. tenha um elemento progredindo para o planalto a O. da Faz. Figueira Branca, em ligação com a Vg. da direita, quando esta começar a avançar pelo espião ao S. de Pedro Alexandrino. (2) Quanto á 5º D. I., será também de toda a conveniencia que um forte elemento progrida pelo espião de Faz. da Serra (O. do rib. do Mosquito) em ligação com a Vg. da esquerda. Aliás, essa cooperação é muito provável por ser esta uma linha de acesso da 5º D. I., para a região de Paredão, que ella deve atingir ulteriormente.

Vimos como o Cmt. da 1º D. I. teria empregado e repartido os meios para executar sua manobra. Terminado o exame geral da situação e firmadas as suas decisões, o Cmt. da 1º D. I. pessoalmente ou por intermedio do seu chefe de E. M., pôde dar aos Cmts. de Bdas., ao da A. D., E. etc. (que nesta situação podem estar presentes no P. C. D. I) as suas ordens e os esclarecimentos necessarios para a execução das operações do dia seguinte, de maneira que as primeiras ordens preparatorias particulares possam ser expedidas sem demora. Essas ordens serão ditadas pelos commandantes interessados aos seus adjuntos, ou por estes rapidamente redigidas de acordo com as notas tomadas durante a exposição feita pelo Cmt. da D. I. e logo transmitidas aos elementos que, tendo de deslocar-se ainda na conhecimento antes do cair da noite.

O Gen. Cmt. da 2º Bda., que vai assumir o comando da Vg. direita, depois de bem orientado a respeito de

(1) Considerada de dupla via no thema, pela informação da cavallaria.

(2) Na incerteza sobre a possibilidade dessa cooperação, vienientar qualquer ataque desse lado, notadamente na região do planalto O. de Figueira Branca. A possibilidade da Vg. da direita ter de lançar uma flancoguarda para essa região, mostra que é preciso não hesitar em actuar num sector vizinho, tomando as precauções devidas (participação ou entendimento) sempre que for necessário. Os limites de zonas de acção não constituem barreiras intransponíveis; elles são dados apenas por uma questão de ordem e de coordenação de esforços.

sua missão para 21, parte de automovel para o P. C. dessa Vg. em Frc. de Guerra e Cia. De passagem, como elle vae pela estrada de Faz. S. Antonio para a ponte da via ferrea, dá logo suas instruções aos Cmts. do II^{2º} R. A. M., I^{2º} R. A. M. e do III^{3º} R. I.

De modo analogo, o Gen. Cmt. da 1^a Bda., que vai commandar a Bda. da esquerda, dirige-se para o P. C. dessa Vg.; de passagem, dá suas ordens aos Cmto. dos II| e III|1º R. A. M. e dos II e III|1º R. I. Ao chegam-rem aos seus P. C. os Cmto. das Bdas. entram em ligação com os Coroneis que commandavam as Vgs. e passam a dar suas ordens para as operações de 21.

Por seu turno, o Cmto. da A. D. transmittiu á art. do grosso as suas ordens por intermedio dos seus agentes de transmissâo, tomindo as medidas já referidas.

Do mesmo modo, o Cmt. da E. expediu uma ordem ao Cmt. da Cia. de Pnt. (cuja equipagem achava-se dividida em duas partes, na previsão do lançamento das duas pontes) determinando-lhe o reconhecimento de dois pontos para o lançamento das pontes (regiões indicadas pelo Cmt. da D. I.), um a montante do vau de Jacutinga e outro nas proximidades da confluência de rib. do Serrote; lançamento da 2^a terminado às 6 h. de 21 e o da 1^a às 22 horas de 20.

Pela ponte do rib. do Serrote passarão: a art. posta á disposição da Vg. direita (caso não seja possível passar pela ponte dupla da via ferrea), depois a infantaria e a art. do grosso da D. I. (agrupamento de forças da direita); pela ponte de Jacutinga a art. posta á disposição da Vg. esquerda, e depois a infantaria e a art. do grosso da D. I. (agrupamento de forças da esquerda).

Assentadas as linhas geraes da operaçao, enquanto se expedem as ordens preparatorias e a 3^a secção enceta a redacçao da ordem geral de operaçoes, o Cmt. da D. I. examina outros pontos complementares de sua decisao.

Que emprego vai ter a esquadilha divisionaria?

— A aviação inimiga, segundo o thema, tem revelado pouca actividade; apenas um avião foi visto voando a grande altura, ás 15 horas de 20, vindo dos lados de Jahú, até Dourado, regressando em direcção a Dois Corregos. Parece tratar-se de um reconhecimento photographico, pela grande altura que levava, e nesse, a presença da 1^a D. I. não terá passado despercebida á sua objectiva; por esse motivo não será impossivel uma acção da aviação inimiga na jornada de 21, pelo menos durante a transposição do rio. O Cmt. da D. I. pensa em pedir ao Ex. uma protecção durante esse periodo critico e recommendou ainda aos Cnts. de R. I. que installasem algumas metralhadoras nas proximidades dos pontos de passagem, com o fim de tornar arriscado o vôo baixo de aviões inimigos que tentarem hostilizar a tropa durante a passagem.

Como missão de informação e de ligação:

- um avião de vigilância, em permanência das 7 às 15 horas, servindo também de avião de ligação, para informar sobre a progressão das Vgs. (balizamento às 8 h.) — são 4 saídas.
 - um reconhecimento photographico da linha de alturas ao N. de Jahú-Dois Corregos, compreendida pelo quadrilátero formado pelas linhas Paixões-Figueira, Faz. Pacheco-Faz. Mattão e os limites da zona de acção da D. I. (calque) : — 1 saída.
 - reconhecimento à vista na região do planalto de Pouso Alegre de Cima e espigão de Faz. Florista, com a missão de observar se há tropa em marcha

vinda do Sul para o Norte, execução logo que o dia clarear; — 1 saída. Ao todo 6 saídas utilizadas sobre as 10 disponíveis, o que deixa larga margem para outras missões eventuais. Quanto ao R. C. D., já foi previsto seu emprego na jornada de 21.

Ligações e Transmissões. — O Cmt. da D. I. tem todo o interesse em estar ao par da marcha da 1^a D. C. durante a jornada de 21, para ficar tranquillo quanto á situação no seu flanco direito.

Vimos, sobretudo, como o preocupa um possível ataque vindo do planalto a O. de Faz. Figueira Branca, que se liga pelo collo ao S. desta Faz. ao espigão por onde progride a Vg. direita. Apezar da sua proposição ao Cmt. da D. C. e das precauções tomadas na Vg., o Cmt. da D. I. decide enviar um official de ligação para o P. C. do Cmt. da D. C. com a missão de dar a esse Gen. todas as indicações referentes á manobra da 1^a D. I., no sentido de obter uma cooperação constante e, ao mesmo tempo, trazer o Cmt. da 1^a D. I. ao corrente dos acontecimentos nesse flanco.

Quanto ás transmissões, quaes são as principaes necessidades?

A situação das transmissões ás 16 h. de 20 acha-se no thema: a Cia. de Trns. está melhorando a linha telephonica que margeia a via ferrea no trecho Est. Trabijú — ponte sobre o Jacaré Pepira e deve, em obediencia a uma prescrição da ordem de operações do Ex., reparar o trecho que vae da referida ponte á Faz. Florista, onde installará, logo que o avanço da Vg. permittir, uma central telephonica pela qual a 1^a D. C. estabelecerá sua ligação telephonica com o Ex. na jornada de 21, pela manhã. Uma outra secção da Cia. Trns. está construindo o eixo telephonico da D. I., de Dourado para o váu de Jacutinga. Como previsão para 21, é preciso ordenar o prolongamento desse eixo até Faz. Independencia, onde será installado um C. I. A. desde que a Vg. direita ultrapasse esse ponto. Em principio, o eixo telephonico segue os deslocamentos do P. C. D. I. que, por sua vez, deve ocupar os logares onde existiam centros de informação avançados, para utilizar as comunicações existentes. Não se pôde ainda prever as localizações dos P. C. D. I., mas até Faz. Independencia os deslocamentos do P. C. far-se-hão segundo o eixo indicado, porque a crista de cota 650, a E. do rib. Figueira Vermelha apresenta bons observatorios para a 1^a phase das operações; ulteriormente, isto é, após a ocupação ou conquista do planalto é possível que o P. C. D. I. se desloque para essa região. Para assistir á passagem do rio pelo grosso, e mesmo o inicio da progressão das Vgs., o Cmt. da D. I. tem um bom observatorio na crista do espigão 675, de Faz. Cascata. Em observatorio já se acha ligado por telephone ao Q. G. (em Dourado) de maneira que será ahi o P. C. inicial da D. I., na manhã de 21; daí se deslocará para a região do collo 1.400 ms. a S. O. do váu de Jacutinga, onde tambem se encontra um observatorio conveniente. Durante o movimento das Vgs. as transmissões se farão por T. S. F. (mensagens urgentes e breves) ou por estafetas montados.

A optica poderá ser utilizada, pelo menos pela Vg. esquerda, que pôde, inicialmente, installar um posto optico no pequeno manelão 575 a S. O. do vâo de Jacutim-

ga, e depois na crista a N. E. de Faz. Independencia, em comunicação com a central optica da D. I. no observatorio de Faz. Cascata. Com a Vg. da direita, essa central optica pôde comunicar-se durante a noite 20/21, desde que o Cmt. da Vg. faça installar seu posto optico um pouco ao sul do seu P. C. de Frc. de Guerra e Cia.

Como rête de T. S. F., haverá na manhã de 21, 1 posto de O. C. no Q. G. em Dourado, para comunicações com o Ex.; 1 posto de O. C. montado no P. C. D. I. e outro em reserva prompto a acompanhar o deslocamento do P. C., ficando o 1º no antigo P. C. para garantir a permanencia das transmissões; 1 posto de O. C. com cada Vg.; 1 posto de O. C. no terreno esquadrilha.

Além desses postos de O. C., haverá ainda no P. C. D. I. um posto de O. A. para comunicar-se com os R. I. dos grossos da D. I., transmittir-lhes, por exemplo, a ordem para iniciarem a transposição do rio, quando o Cmt. da D. I., por intermedio da T. S. F. das Vgs. ou do balizamento feito pelo seu avião de ligação, fôr avisado de que as Vgs. attingiram a primeira transversal já citada.

Comunicações. — O Cmt. da E., além da questão das pontes, já referida, receberá também ordens relativas ás comunicações, cujo eixo será a estrada Dourado-Jacutinga-Faz. Independencia e, possivelmente, prolongando-se por Figueira, rumo a S. O. Elle terá de concentrar os meios postos á sua disposição pelo Cmt. da D. I. no trecho da estrada entre a passagem de Jacutinga e Faz. Independencia, que terá de ser melhorado e conservado. Para esse fim, o Cmt. da D. I. porá á sua disposição o R. I. P. (menos 1/2 Cia., que fica em Dourado para auxiliar os serviços de carga e descarga de viveres, munições, etc., e outra 1/2 Cia. que acompanhará o R. A. P. para auxiliá-lo no seu deslocamento) e as duas Cias. de Sap. Min., estas poderão passar o rio depois das Vgs. e iniciar os trabalhos que depois serão definitivamente acabados pelo R. I. P.

Ao termo dessas cogitações, o Cmt. da D. I. recebe o radiogramma do Cmt. da 1ª D. C., dando conta da situação de fim de dia e a sua intenção sobre as operações do dia 21. Tudo vae bem, e o seu E. M. acaba de redigir e vae expedir a sua ordem de operações para o dia 21; são 17 h. 30.

2ª PARTE

Emprego dos Serviços na jornada de 21

Terminado o estudo do emprego tático da tropa, para a execução integral da missão recebida, vem á baila uma outra tática, igualmente importante, — a do emprego dos Serviços, em função das modalidades da operação projectada. Sem munição, uma tropa não se bate; mal alimentada e sem cuidados medicos, ella se funde, gasta-se, perde rapidamente seu valor combativo.

A questão dos serviços é relativamente simples e o bom exito é, como em tudo mais, fundado no espírito de previsão.

De um modo geral, no caso concreto estudado, a situação dos serviços é a seguinte:

— Na tarde de 20, os serviços de utilização mais urgente já se acham reunidos na região de Dourado. Apenas o Pg. A. D., o Pg. E., e 2 sec. do Cb. A. D. estão a um dia de marcha daquella região. Três ambulâncias e a C. E. acham-se em rib. Bonito (6 kms. N. E. de Est. Ferraz Salles), a menos de um dia de marcha.

Outros órgãos de segunda urgencia, o D. D., o D. R. M. e o Pg. R. D., partiram de S. Carlos do Pinhal na manhã de 20.

Quaes são as necessidades da tropa na jornada de 21?

Examinemos, em primeiro logar, a questão do reabastecimento:

— *Viveres* — Vê-se, pelo thema, que 2 sec. Cb. A. D. partiram de S. Carlos do Pinhal, precedendo a D. I. na sua marcha para Dourado, e depositaram um dia de viveres em Faz. S. Anna e outro na Est. Ferraz Salles; essa providencia permitti que a D. I. se reabastecesse facilmente, durante a marcha, de maneira que os T. E. chegaram cheios á região de Dourado, na tarde de 20. Ai sé achavam tambem as secções vasias do Cb. A. D. (sec. 1 e sec. 2).

Na tarde de 20, esvaziou-se uma sec. de T. E. que distribuiu á tropa os viveres para a jornada de 21. Essa secção vasia pôde reunir-se a 21, pela manhã, em Dourado, onde se reabastecerá directamente na estação (reabastecimento pelo Ex., a 21) e aí aguardar ordem para aproximar-se do rio; esta sec. de T. E. é a que fará a distribuição na tarde de 22, ao S. do r.o.

A sec. de T. E. que está cheia na tarde de 20, receberá ordem de marchar de Dourado para a região de Jacutinga, onde aguardará ordem para transpor o rio depois da passagem do grosso da D. I.; esta sec. é a que vae distribuir á tropa na tarde de 21; após essa distribuição, pôde-se prever a reunião dos carros vasios em dois agrupamentos: um na ravina de Faz. Boa Vista e outro na de Faz. Independencia, onde serão reabastecidos a 22 por uma sec. Cb. A. D.

As quatro sec. do Cb. A. D. permanecem a 21 em Dourado, cheias, porque o Ex. entrega dois dias de viveres para a D. I. na noite de 20; na tarde de 21 a Cb. A. D. irá reabastecer a sec. de T. E. que distribuir para 22, em ponto a fixar ulteriormente, porque de 21; em seguida, regressará a Dourado, onde o Ex. continuará a reabastecer a D. I.

Carne verde — O gado abundante nessa região de Fazendas, permitti o reabastecimento de carne a 20, para o consumo do dia 21, por compra directa dos corpos. O serviço de intendencia divisionaria fez reunir, de gado em Est. S. Clara, a ser distribuido na tarde de 21, para o consumo de 22. Esse gado pôde fazer uma pequena etapa até á Faz. Monte Sinal, onde será instalado um matadouro. Os carros de carne dos T. E. que Fazenda, receberão a carne verde.

Remuniciamento — A dotação de munições da D. I. está completa na tarde de 20 (v. thema). O Pg. A. D. chega a Dourado nas primeiras horas da tarde de 21; (1) nado ao consumo de munições a 21, até á região da bifurcação de caminhos logo ao sul do vau de Jacutinga, onde remuniciará as c. 1. m. dos grupos e os T. C. 1 dos corpos.

O Pg. R. D. deve embarcar a 21 em S. Carlos do Pinhal, para Dourado, onde se installará.

Engenharia — O Pg. E. chegará a Dourado nas mesmas condições que o Pg. A. D. e, no caso de estabilização a 21, será necessário fazê-lo avançar. O R. I.

(1) Na tarde de 20, elle está estacionado a cerca de 16 kms. de Dourado.

P., posto á disposição do Cmt. da E., receberá deste as ordens para reunir-se e iniciar os trabalhos prescriptos.

Serviço de Saúde — Desde que ha possibilidade de combate na jornada de 21, é preciso prever o funcionamento dos diferentes orgãos do S. S., aproximando aquelles cujo emprego fôr mais urgente. Onde cahirão os primeiros feridos? Naturalmente nas Vgs., nas proximidades da transversal Faz. S. Emilia-Faz. Independencia. Então é conveniente manter com as Vgs. a fracção do G. P. D. que com ellas marchava (1/3 em cada uma) na previsão de dois postos de socorro de D. I., um na região de Faz. Bôa Vista e outro na de Faz. Independencia. E' tambem conveniente aproximar uma A. O. e uma A. Cg. da passagem de Jacutinga, prevenindo a instalação de um centro de triagem nessa região (ao S. do rio). Esses orgãos só se instalam se houver necessidade, isto é, se houver feridos; no caso contrario, elles permanecerão nesses locaes, promptos para fazerem novo lance em momento opportuno.

A C. E. acompanhará essas duas Amb. e será empregada na evacuação dos feridos dos postos de socorro de G. P. D. para as Amb. (de preferência os cargueiros) e destas para Dourado (viaturas). As demais Amb. poderão permanecer em Dourado, aguardando ordens.

— O D. D. e o D. R. M., farão um lance de S. Carlos para Faz. S. Anna (a uma etapa de marcha de S. Carlos).

E assim foram estudados os principaes detalhes da operação que a 1^a D. I. terá de executar na jornada de 21; resta apenas o trabalho de redacção da ordem completa 1^a e 2^a partes), o que deixamos aos cuidados dos estudosos que desejem fazer esse exercicio.

O tema que se segue, organizado pelo Cap. Heitor Bustamante é a continuação do tema cuja solução acabámos de apresentar.

Thema de substituição

Situação geral: Depois de vários dias de luta entre dois partidos, de E. e de O. a situação estabilizou-se a partir de 3 de junho, sendo o contacto mantido na linha geral... Mº do PERIQUITO — Faz. do BANANAL — Mº do ENGENHO NOVO — Orlas O. de VILLA NOVA e de REALENGO... O partido E. assinalou na tarde de 5 de

A aviação do partido E. assinalou na tarde de 5 de junho, uma Columna das tres armas em marcha de CAMPO GRANDE para E., parecendo ser de 3 Btls., 2 Grs. de Art. tendo a testa ás 14 horas na região de Est. SANTISSIMO. Organizações em numero reduzido, ligeiras e descontinuas, parecendo que o inimigo aguarda sómente reforços para o proseguimento de sua offensiva. A 1^a D. I. do partido de E. enquadrada ao N. pela 1^a D. C. e ao S. pela 2^a. D. I. tem suas duas Bdas. juxtapostas cada uma com 1 R. I. em 1^o escalão.

Limites da zona de ação da 1^a Bda. L.: ao N., a linha Est., COSTA BARROS-ANCHIETA — Faz. do BANANAL (inclusive) e ao S., a linha DEODORO-VILA NOVA (inclusive).

Situação particular: A 6 de junho o 1º R. I. acha-se na situação do calque junto, estando seus elementos esgotados e reduzidos, em virtude dos combates travados e das constantes vigílias.

O 2º R. I. acha-se á retaguarda estacionado no seguinte dispositivo:

E. M. e Cia. Extr.—Iº Btl.—Cia. Mtrs.—P. ... HONORIO GURGEL.

IIº Btl. Est. BARROS FILHO
IIIº Btl. . . . Est. COLLEGIO (2k,5 a NE. de HONORIO GURGEL).

A's 17 horas de 6 de junho, chega ás mãos do Cel. Cmt. do 2º R. I. a seguinte ordem do Cmt. da Bda. de I.:

1^a Bda I. P. C...6 (seis) de junho, ás
Ordem nº 17 hs.. 30 (dezessete e trinta).
Carta da V. Militar 1|20.000
e Distrito Federal 1|50.000.

ORDEM GERAL N° 33

I — O 2º R. I. substituirá o 1º R. I. no sub-sector que elle occupa entre ANCHIETA e VILLA NOVA, tomando o mesmo dispositivo (calque junto).

II — A substituição deverá ser executada na noite de 7 para 8 entre as 21 (vinte uma) e 2 (duas) horas.

III — Os reconhecimentos preparatórios serão feitos na manhã de 6 (seis) devendo cada um delles estar reunido no P. C. da unidade correspondente antes das 4h,30 (quatro e trinta) da manhã.

Uma vez realizado os reconhecimentos, o pessoal ficará junto ás unidades a substituir, excepto os Cmto. de Btls. e Cmto. de Cias. de Btl. Reserva, que poderão voltar a seus estacionamentos.

IV — O movimento do 2º R. I., salvo ordem em contrario, deverá ser feito a partir das 18 (dezoito) horas, terminando a substituição ás 2 (duas) horas do dia 8 (oito).

V — O 1º R. I. deverá estar em condições de guiar e prestar todas as informações aos elementos de reconhecimento do 2º R. I.

Ass. A.
Gen. Cmt. da 1^a Bda. I

Uma vez recebida essa ordem o que fará o Gel. Cmt. do 2º R. L.²

De acordo com a ordem de urgencia das operações a effectuar, elle tratará 1º da ordem para os reconhecimentos e depois então da de movimento, a realizar-se sómente nas noites de 7/8

Nestas condições, após um rapido estudo da ordem do Gen. e principalmente do dispositivo do 1º R. I., o Cmt. do 2º R. I. de acordo com a situação particular em que vai ficar cada unidade sua, constitue os grupos de reconhecimento, fazendo expedir a seguinte ordem:

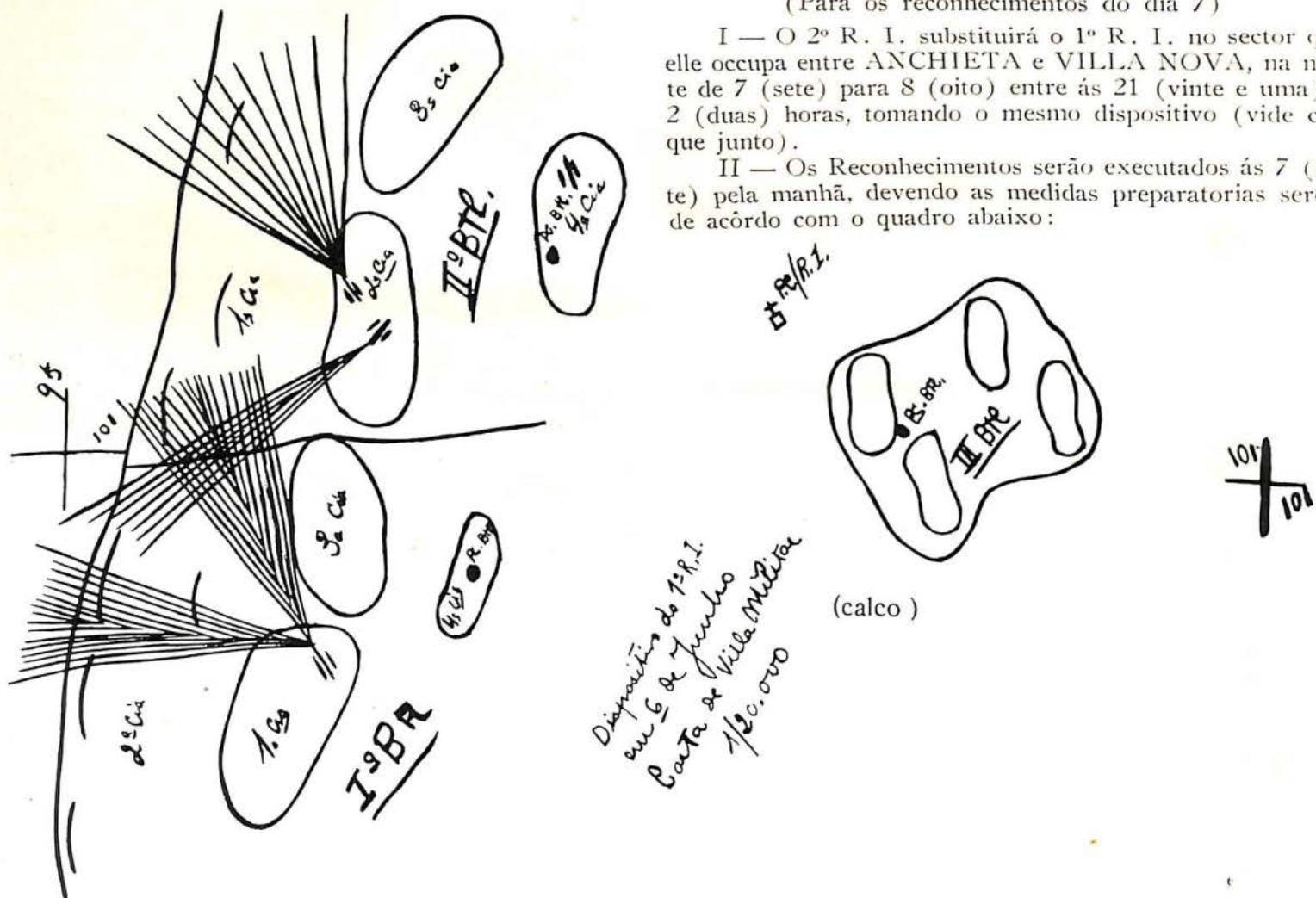
1^a Bda. 1.
2^a R. I.
Ordem nº
Carta V. Militar 1|20,000
D. Federal 1|50,000

P. C. em HONORIO GUR-
GEL, 6 (seis) de junho ás 18
(dezoito) horas.

ORDEM PARTICULAR N° XXI
(Para os reconhecimentos do dia 7)

I — O 2º R. I. substituirá o 1º R. I. no sector que elle ocupa entre ANCHIETA e VILLA NOVA, na noite de 7 (sete) para 8 (oito) entre ás 21 (vinte e uma) e 2 (duas) horas, tomado o mesmo dispositivo (vide calque junto).

II — Os Reconhecimentos serão executados ás 7 (sete) pela manhã, devendo as medidas preparatorias serem de acordo com o quadro abaixo:



Unidades	Composição	Itinerarios	Hora de partida do estacionamento	Ponto e hora de reunião
E. M. e Cia. Extr.	Ajd. do R. I. Capm. Medico, 1º Tte-Chefe, Transm. 2º Sarg. Ch. Sapadores.	HONORIO GURGEL — N. do Mº CRUZ — N. do Mº AGRICULTU- RA — E. do Mº do PAIOL — Est. R. de ALBUQUERQUE.	1h,30	Est. R. ALBUQUER- QUE (P. C. do 1º R. I.) 3h,30.
Iº Btl.	Cmt. do Btl. com 2 agen- tes de transm. e o Sarg. telephonista. Cmts. de Cias. e com 1 agente de transm. Comt. Pel. Mtr. L. Comt. Ptr. Ac. com seus Chefes de peças. Um oficial ou graduado por Pel. ou Sec. Mtrs.	HONORIO GURGEL — S. da FABRICA DE CARROS-DEODORO OLARIA-Estrada que passa entre o Mº da JAQUEIRA e Mº do JACQUES	1 hora	Marco 45 a NO. do Mº do Jacques, na estrada que passa entre esse Mº e o do Paiol Pequeno (P. C. I 1º) 3hs,30.
IIº Btl.	Mesma composição que a relativa ao Iº Btl.	BARROS FILHO, Estra- da que passa ao S. do Mº Camboatá, Est. R. Albuquerque — N. do Mº INVERNADA — do Mº DENDÊ — E. do Mº do Jovino.	1 hora	Entroncamento N. do Mº do Jovino e O. do Mº de S. BERNARDO (P. C. II 1º) 3h,30.
IIIº Btl.	Cmt. Btl. com 2 agentes de transm. Cmts. Cias. Cmt. Pel. Mtrs. L.	Estrada Barro Vermelho— Sapé — HONORIO GURGEL — N. do Mº Cruz — S. do Mº Paiol — E. da Colina S. José.	1 hora	Marco 31 a E. de Colina de S. José (P. C. III 1º) 3h,30.
Cia. Mtra. P.	Cmt. Cia. Dois Los. Ttes. Um 2º Tte. Um sargento por Secção.	O mesmo do Iº Btl.	1h,30	Est. R. Albuquerque (P. C. do 1º R. I.) de onde serão encaminhados para as posições. 3hs,30.

Após os reconhecimentos, o pessoal de reconhecimento ficará em seus logares, com exceção dos Cmts. de Btls., do Medico Chefe e dos Cmts. de Cias. de Btl. Reserva, que poderão voltar ao seu estacionamento.

IV — As unidades do R. I. deverão estar em condições de iniciar o movimento para as suas posições, amanhã 7 (sete), a partir das 18 (dezoito) horas.

Ass.....B.....
Cel. Cmt. do 2º R. I.

Destinatarios: Cia. Extr. — Iº, IIº, IIIº Btls. —
Cia. Mtrs. P. — para execução.
Cmte. da Bda. I. — a título de parte.

Recebendo identica ordem, o Cel. Cmt. do 1º R. I. faz expedir a seguinte ordem particular:

1º. Bda. I.	P. C. em Ricardo de Albuquerque, 6 (seis) de junho, ás 18 (dezoito) horas.
1º R. I.	
Ordem nº	
Cartas: V. Militar 1 20.000	
D. Federal 1 50.000.	

ORDEM PARTICULAR Nº y 1

I — Nossa R. I. deverá ser substituído na noite de 7|8 (sete para oito) entre ás 21 (vinte e uma) e 2 (duas) horas, pelo 2º R. I. que fará seus reconhecimentos preparatórios na manhã de 7 (sete).

I — Os elementos de reconhecimento do 2º R. I. estarão nos P. C. dos Btls., do nosso R. I. antes das 4 (quatro) horas da manhã, de onde por meio dos guias destes serão encaminhados para as diferentes posições a reconhecer. As Sec. Mtrs. P. deverão enviar para o P. C. do R. I. em Ricardo de Albuquerque, antes das 4 (quatro) horas, um guia para encaminhar os reconhecimentos das do 2º R. I. que lhe substituirão.

Ass.....
Cel. Cmt. do 2º R. I.

Destinatarios: Cmts. de Btls., Cias. Extr., Cia. Mtrs. P. para execução.
Gen. Cmt. da Bda. I. a título de parte.

A's 11 horas do dia 7, chega ao P. C. dos 1º e 2º R. I. a ordem seguinte do Gen. Cmt. da 1ª Bda. I.

1º. Bda. I.	P. C. 7 (sete) de junho, ás 10h,30 (dez e trinta).
Ordem nº	
Cartas: da V. Militar 1 20.000	
Do D. Federal 1 50.000.	

ORDEM GERAL Nº 34

I — O movimento do 2º R. I. previsto pela ordem nº 33 executar-se-á esta noite (7|8) a partir das 18 (dez oito) horas.

II — Deverão ser tomados escalonamentos necessários entre as unidades para escaparem aos tiros da Artilharia adversa. Rigorosa observância da disciplina de marcha á noite.

III — As unidades do 1º R. I. se retrahirão para a região em que estaciona o 2º R. I., onde se reorganizarão e aguardarão novas ordens. As unidades do 1º R. I. uma vez substituídas, deixarão respectivamente junto a cada nova unidade, um oficial conhecedor perfeito da posição, até 2ª ordem.

IV — O material empregado nas ligações assim como as munições existentes nas posições, deverão ser deixadas, ficando o 2º R. I. obrigado a indemnizá-las desde que seja possível.

V — Parte de instalação a dirigir para o P. C. da Bda., ás 7 (sete) horas de 8 (oito).

Ass.....
Gen. Cmt. da 1ª Bda. I.

Destinatarios: 1º e 2º R. I. para execução.
Cmt. da 1ª D. I. a título de parte.

Supondo-se realizado o entendimento entre os dois Cmts. de R. I. na manhã de 7, por ocasião dos reconhecimentos dos quadros, ao voltarem aos seus P. C. receberam a Ordem nº 34 da Bda. I., prescrevendo-lhes as operações já previstas em ordem anterior.

E' chegado o momento de serem redigidas as ordens relativas ás questões de movimento para o 2º R. I. e de substituição propriamente dita para o 1º R. I.

Do entendimento havido entre os dois Cmts. foram escolhidos em função do dispositivo adoptado pelo 1º R. I., os pontos de contactos entre as unidades do 2º R. I. vindas da retaguarda e os guias das unidades correspondentes do 1º R. I., assim como os itinerários para esses diversos pontos. Devendo a substituição se realizar entre as 21 (vinte e uma) horas e 2 (duas) horas, e sendo essa operação um tanto demorada, as unidades do 2º R. I. deverão partir dos seus estacionamentos o mais cedo possível.

1º. Bda. I.	P. C. em Honorio Gurgel, 7
2º. R. I.	(sete) de junho, ás 13 (treze)
Ordem nº.	horas.
Cartas: V. Militar 1 20.000.	
D. Federal 1 50.000.	

ORDEM GERAL Nº. (para o movimento na noite 7|8)

I — O movimento previsto na ordem Particular nº. x 1, se executará hoje á noite 7-8 (sete para oito) a partir das 18 (dezoito) horas.

II — Execução do movimento:

O 2º R. I. marchará por unidades isoladas, segundo o quadro abaixo:

Ordem de marcha	Hora de partida do estacionamento	Itinerarios	Ponto de encontro com os guias do 1º R. I.
Iº Btl.	18hs.	O mesmo utilizado para os seus reconhecimentos.	Marco 34 ao Sul do Mº do Paiol Pequeno.
IIº Btl.	18hs.	O mesmo utilizado para os seus reconhecimentos.	Entroncamento a 300ms. NE. do 1º u de Ricardo de Albuquerque e E. do Mº S. Bernardo.
IIIº Btl.	18hs.	O mesmo utilizado para os seus reconhecimentos.	Olaria a SO. do Mº dos Araujos.
Cia. Extr. e Cia. Mtrs. P.	18hs.	O do IIº Btl.	Est. R. de Albuquerque (P. C. do 1º R. I.)

T. C. — 1 com as unidades.

T. C. — 2 e T. E. sem alteração até novas ordens.

III — P. C. do R. I. em Ricardo de Albuquerque (estação) a partir das 4 (quatro) de 8 (oito).

IV — Parte de instalação para R. Albuquerque ás 5 (cinco) horas de 8 (oito).

Ass.....

Cel. Cmt. do 2º R. I.

Destinatarios: Iº, IIº e IIIºs Btls.

Cia. Extr. — Cia. Mtrs. P.

Serviços para execução.

Gen. Cmt. Bda. I. a título de parte.

1ª Bda. I. P. C. em Ricardo de Albuquerque, 7 (sete) de junho, 1º. R. I. ás 13 (treze) horas.
Ordem nº.

Cartas: V. Militar 1|10.000.

D. Federal 1|50.000.

ORDEM GERAL Nº.

(para a substituição)

I — A substituição prevista em Ordem Particular nº 1, será executada hoje á noite (7|8), devendo o 2º R. I. adoptar o mesmo dispositivo actual do nosso R. I.

II — Deverão se achar ás 20 (vinte) horas nos pontos de encontro, á retaguarda, com as unidades do 2º R. I., os guias necessários ao encaminhamento das mesmas até as posições a ocupar, tudo de acordo com o quadro abaixo:

Unidades	Pontos de encontro	Número de guias
Iº Btl.	Marco 34 á NE. do Mº do Jacques e SO. do Mº do Paiol Pequeno.	1 Official por Cia.
IIº Btl.	Entroncamento 300ms. a NE. de R. Albuquerque (Estação) e E. do Mº de S. Bernardo.	1 Sargento, 1 praça por Pelotão das Cias. de 1º escalão.
IIIº Btl.	Olaria ao S. do Mº dos Araujos.	1 Official por Cia.
Cia. Mtrs. P.	Est. R. Albuquerque	1 Sargento por Secção

III — Os Btls. deverão deixar, respectivamente junto a cada unidade que os vêm substituir, 1 Official por Cia. conhecedor perfeito da região e do Plano de fogo respectivo. A Cia. Mtrs. P. 1 sargento por secção.

Os Cmto. de Btls. juntamente com esses elementos, deverão manter-se juntos aos seus correspondentes até nova ordem.

IV — A proporção que se fôr realizando a substituição, a evacuação deverá ir se fazendo da seguinte maneira:

1º Btl. — Cia. Mtrs. P. — Cia. Extr. para a região de Honorio Gurgel.

IIº Btl. para a região de Est. Barros Filho.

IIIº Btl. para a região de Est. Collegio.

Aí se reorganizarão e aguardarão novas ordens.

V — O material de ligação assim como a munição existente nas posições, deverá ser entregue ao 2º R. I. que indemnizará a este Rgto. logo que seja possível.

VI — P. C. do R. I. até ás 6 (seis) horas em R. Albuquerque e a partir dessa hora em Honorio Gurgel, para onde deve ser dirigida as partes.

Ass.....

Cel. Cmt. do 1º R. I.

Destinatarios: Iº, IIº e IIIº Btls.

Cias. Extr. e Mtrs. P. para execução.

Bda. I. a título de parte.

Do Canhenho de um official de reserva

(Janeiro, 1924).

«A população da Argentina é de 9 milhões, dos quais, menos de 7 milhões de nacionais. O seu contingente annual para o sorteio, isto é, o numero de moços que no anno anterior completarem 21 annos é de 70.000.

Pois bem; o orçamento da guerra manda incorporar 21.000 sorteados ao Exercito; e o da Marinha prevê a incorporação de 6.200; ou um total de 27.200 conscriptos, quasi metade do contingente.

A nossa população é de 31 milhões, e nosso contingente para o sorteio orça por uns 300.000 moços de 21 annos. O nosso orçamento para este anno só tem verba para 10.850 sorteados! Na marinha não houve ainda sorteio.

Cada milhão de habitantes na Argentina fornece, pois, 2.022 sorteados; enquanto cada milhão de brasileiros, apenas, 320. Por esse criterio, o esforço militar da Argentina é quasi dez vezes superior ao nosso».

Ruptura de Brezeziny

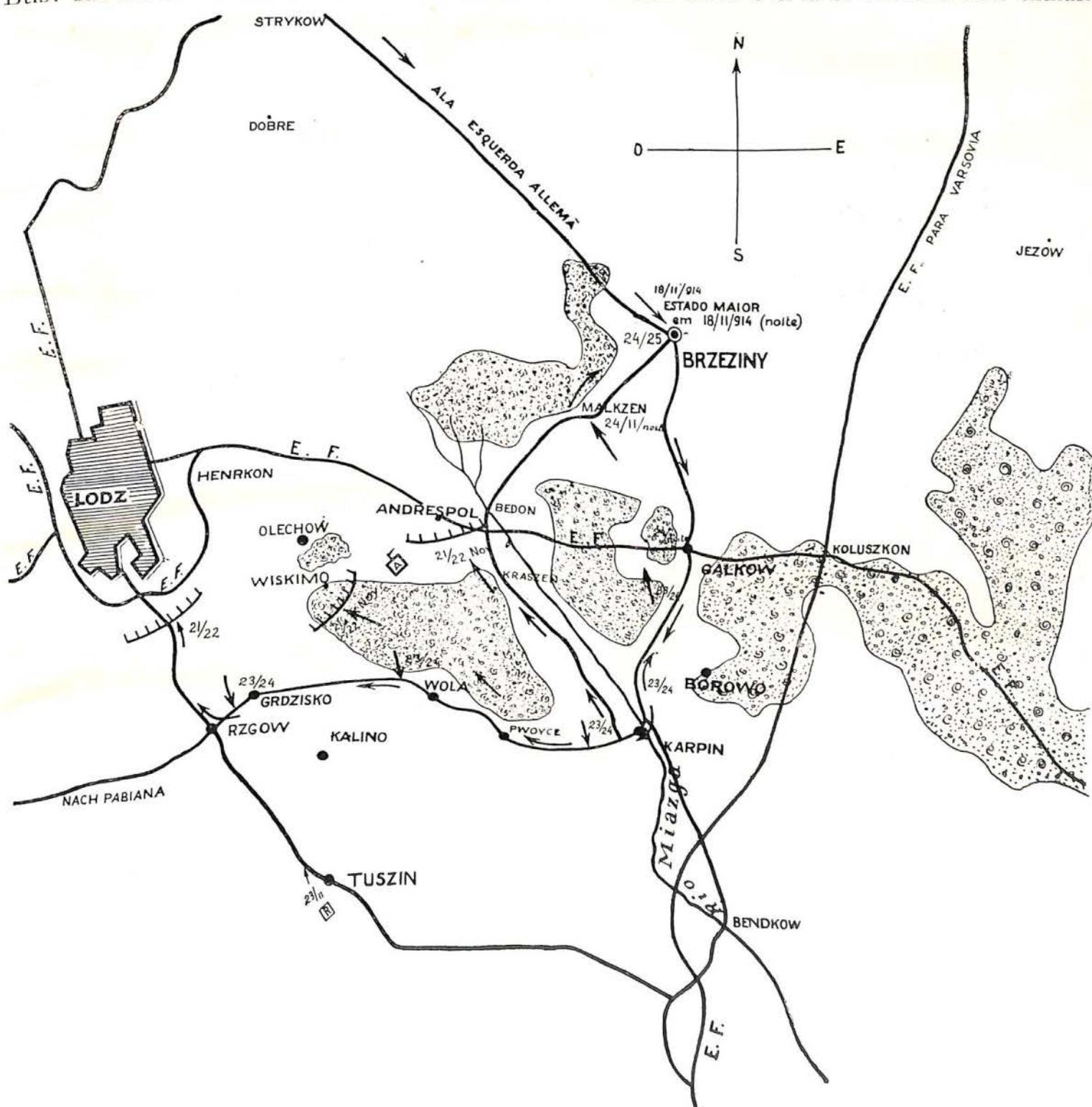
Tte. Cel. José Meira de Vasconcellos

(Continuação)

Aos primeiros clarões do dia, a artilharia adversa abre fogo. Com frente muito larga a coluna avança continuamente. Dentro em pouco se aproximava de Rzgow a infantaria russa; dois Btls. são enviados a detem-se em Kalinko e arre-

migo alvejava a D. I. Já então um unico desejo dominava todos: era atacar a todo custo.

Uma nova ordem chegava. A infantaria da vnguarda devia tomar um dispositivo com frente para N E e prompta para assaltar. Apenas um tiroteio curto e ei-la se atirando com entusias-



dores. A columna se escoará durante o dia e se dirige para Brzeziny. Do N e N E também o ni-

mo sobre o adversario mais proximo, alojado nos bosques a Oeste de Borow.

O adversario solidamente entrincheirado não resiste e se entrega. O crescente numero de prisioneiros augmentava as difficultades pela necessidade de vigiá-los.

Mas elles se tornam, tambem, um precioso elemento, na retaguarda, auxiliando o movimento dos comboios, bagagens, transportando feridos, etc. e o faziam com solicitude.

Uma nova ordem chegava: avançar até ao aterro da linha ferrea Lodz-Varsovia que atravessava os bosques em vista. Estes se achavam bem fortificados pelos russos. Entretanto não havia signal de vida.

A columna continuava a progredir, tendo por precaução, deixado a artilharia para a retaguarda. O Commandante da DI seguia com a ponta da Cia. da vanguarda. Todo Estado Maior desembainhara espadas e com um hurra eufusístico todos se lançam sobre o adversario.

Em toda a columnia se propaga essa arrojada decisão do chefe e então uma vontade unica de esmagar o inimigo os domina.

O assalto feito ao aterro ocupado pelo adversario foi coroado de grande exito, apesar de já se ter realizado em completa escuridão, nessa memorável noite de 23.

O Commandante da DI escapara da morte e a satisfação de vê-lo salvo não se descreve. A luta tinha sido rapida, porém encarniçada. A pequena estação local se encheria logo de feridos e não bastara.

O Estado Maior se installou num gallinheiro e o General Commandante tinha como cadeira uma cesta. Um official faz-lhe uma grande surpresa apresentando-lhe um ovo que acabara de encontrar. A seguir uma vela illumina a carta. Às 7|12 da noite se apresentam os officiaes de ligação e sob a luz mortiça copiam a ordem seguinte:

"I — O inimigo foi batido.

II — A Divisão formará em uma unica columna de estrada e proseguirá para o Norte; toda bagagem ficará na retaguarda sob a protecção de 3 companhias.

III — Os officiaes de ligação deverão, após o assalto de Brezeziny, se apresentaram na Praça do Mercado, no mesmo local que o Q. G. da D. I., ocupou no dia 18 de novembro, corrente".

Memorável essa ordem pela resolução com que foi dada deante de um adversario que ainda mantinha enclausurada a Divisão!

Pelo espirito da ordem se pode deprehender que era intenção do Commando salvar os combatentes deixando á sua sorte o resto da D. I., inclusive a artilharia. A custo se consegue o dispo-

sitivo de marcha ordenada pois, alem da escuridão, todos estavam completamente extenuados.

Tinham passado os momentos da ultima luta, no começo da noite e já então o canção empolgava de novo a tropa. As unidades formavam em completa mistura depois do ultimo embate nos bosques e a cõr variada dos uniformes mais fazia sobre-sai-la. A marcha continuava. A 50 metros á retaguarda da ponta achava-se o General Commandante da Divisão. A noite era extraordinariamente fria e aquelles que não tinham conseguido alimento durante o dia, enfraquecidos, soffriam horrivelmente. O General procurava animar os que o cercam e todos os Commandantes procediam do mesmo modo para reacender o entusiasmo e esperanças na tropa. Uma hora depois do inicio da marcha, Galkow é atingida.

Chegam informações de que em cada casa dormem muito russos e que não tinham sido encontrados postos de segurança. Em rapido movimento são as casas do logarejo cercadas e mais de 200 prisioneiros são feitos, sem um tiro. A marcha prosegue, sendo a estrada abandonada a fim de evitar novos encontros. O General Commandante apeia a marcha por campos de cultura, cheios de buracos. Mais adeante reproduz-se a mesma scena; mas uma aldeia ocupada por tropas de cossacos dorminhocos é tomada sem resistencia. Pelo mesmo modo é assaltado o logarejo chamado Malezew. Já então a tropa se reanimava e se alegrava diante desses sucessos alcançados sem dificuldades. Com isto aproveitam os officiaes para mantê-los em bom estado de espirito. Atinge-se a grande estrada sobre a qual está situada a Villa de Brzeziny, principal objectivo do Commando; estava apenas a 5 km. da vanguarda. A marcha de aproximação se fazia em dispositivo de taque pois ali se esperava uma resistencia séria. As facilidades encontradas com a protecção dos bosques e da noite iam desaparecer, pois que a tropa teria que atravessar uma localidade onde o adversario certamente esperava attento.

Dois regimentos juxtapostos formavam o 1º escalão. Observava-se o maior silencio. Cada um já sabia do que se tratava e portanto tinha se posto para luta, esperando apenas o signal do Commando.

Eram 2 horas da manhã de 24/25 de novembro quando o assalto se iniciara.

Postos avançados adormecidos do inimigo são aprisionados e as primeiras casas atingidas.

Sem uma palavra as portas são arrombadas a couces d'armas e uma luta surda e horrivel, ás escuras, se segue. Não havia tempo para se pensar em prisioneiros pois se tratava da salvação da columnia. O que se impunha era abrir caminho

a todo custo, tal como quando se marcha através de bosques, de sabre na mão, abatendo o que se nos defronta e esmagando o que se acha sob os pés!

Não se podia infelizmente poupar nem mesmo aos que dormiam, visto como desse golpe dependia a salvação da tropa e era preciso ganhar tempo. A irresolução, importaria no aniquilamento. Através das ruas, cobertas de neve endurecida, apressava-se a marcha da Divisão com um ruído característico e simbólico.

O Commandante da D. I. prosseguiu, sem protecção, pela estrada que atravessava a cidade até à Praça do Mercado que estava atulhada de viaturas russas de toda especie, de bagagem, munições, comboios, etc.

De repente, ouvem-se rumores que aumentavam e em breve se verifica que os russos tinham despertado o resto da cidade. Ouve-se o primeiro tiro e se conta que o inimigo se dispunha para a reacção. Uma luta desesperada se desencadeia dentro da cidade, com uma fuzilaria ensurdecedora. Onde uma lampada se accende, a casa era logo alvejada. Cavalleiros, infantes, tudo foge desordenadamente pelas ruas; Bezeziny tinha se transformado num inferno.

O General Commandante entrara no seu Q. G. do dia 18, uma pharmacia: uma nova ordem é redigida enquanto o assalto prosegue. Um pobre tenente que por descuido accendera uma lampada, paga a imprudencia com a vida e é trazido para o Q. G. São 3 1/2 da manhã e, ás 7, deveriam se apresentar os officiaes de ligação para receber ordens.

Ainda se ouvem ao longe rumores da luta pelas ruas. A pé dirigem-se General, Commandante e officiaes do Q. G. para os alojamentos arranjados. No porão de uma das casas foram descobertos para mais de 50 soldados russos (cossacos) dormindo e armados até aos dentes.

Estes foram aumentar o numero de prisioneiros que eram reunidos na Praça do Mercado. A colheita continuara pela noite afora, sendo, sendo também surprehendidos em pesado somno muitos officiaes. Emfim só um pequeno repouso foi possível, pois ás 7 todos deviam estar de novo promptos. O inimigo era assinalado ao N. Alguns disparos de artilharia são ouvidos. Ao mes-

mo tempo aproximaram-se forças alemãs: eram as columnas vizinhas. Das alturas deante de Brzeziny verifica-se que era possível tomar o inimigo pela retaguarda. Em consequencia, em breve, são os russos obrigados a deixar caminho.

Tinha-se enfim alcançado em Brzeziny após dias horríveis de vicissitudes e lutas, a ruptura para que tanto esforço se empregara. Onde estava porém a artilharia e a bagagem?

O principal tinha se conseguido: a salvação dos combatentes porem seria pesaroso com o restante nas mãos do inimigo. Com a vanguarda tinham vindo quatro canhões e muitas vezes era o proprio General Commandante que ordenara o tiro: foram um precioso auxilio. Felizmente soube-se depois que o resto da columna viria mais a retaguarda. As tres Cias. de protecção tinham soffrido muito com a missão que receberam pois eram de perto seguidas pelo adversario.

Entretanto, conseguiram vencer todas as dificuldades. Enviando para a frente todos os prisioneiros feridos, viaturas, etc., essas Cias. conseguiram dar ao inimigo a impressão de que eram mais fortes do que em realidade e assim poderam se impôr.

Emfim estava tudo sô e salvo embora, despauperados, exhaustos mas de novo em Brzeziny. D'aqui prosseguiu a columna rumo ao norte, vencendo as ultimas resistencias.

Como vemos, uma vontade inabalavel salvava a Divisão e facto unico, na historia militar, foram feitos 12.000 prisioneiros e tomada consideravel quantidade de material de guerra. A noite desse dia chegara, e no Q. G. conversavam animadamente os officiaes revivendo episódios recentes. Nisto entra o Commandante da Divisão, com passo firme, olhos flamejantes, na sala mal iluminada. Tinha voltado de uma visita que fizera aos arredores. Entretanto, diz: "Meus senhores, não enalteçamos o que acabámos de fazer, nós officiaes, educados para a vida do dever, temos que considerar o que fizemos como nossa obrigação e nada mais. O que é preciso, porem, é evidenciar a capacidade da Tropa. Não distingamos as unidades, citemos nomes. O que presenciamos nesses dias nos ligou para sempre a cada um desses bravos pela tenacidade deante do adversario, na luta até á arma branca e mais ainda".

A guerra europeia tem mostrado a importancia dos conhecimentos psychologicos na conducta dos individuos e das nações. As illusões que se criaram os diplomatas sobre a mentalidade de certos povos e os moveis que os inspiram trouxeram para seus paizes terríveis consequencias. — Gustave Le Bon.—Primeiras consequencias da guerra.

H. B.

O Bandeirante Moderno

(Em commemoração ao 1º anniversario do
C. B. B.)

As nações novas como o Brasil, cuja formação apenas se esboça, necessitam mais que outras da alma energica, do espirito emprehendedor, da tenacidade indomavel de filhos realmente dedicados, para que se consolidem realizando destinos grandiosos e não venham a desagregar-se corroidos por energias dissolventes, negativistas de que as necessidades mesmas de seu progredir favorecem o surto. Não tem elles mentalidade secular que as ampare, nem habitos enraigados que as defendam. Constituem meios facilmente permeaveis a toda aventura e possuem a inexperiencia das juventudes...

Necessitando o Brasil de braços para os misteres de sua industria e valorização de seu sólo, é forçosamente na immigração que encontra o mais efficaz recurso para obter um rapido progredir. Immigrando serve a si mesmo e serve ao Mundo.

A immigração não se faz, porém, sómente de élites das raças e povos emigratorios. Em regra, os que emigram, a massa dos emigrantes, é constituida pelos que fracassaram em seus proprios países, por causas diversas, sem duvida.

Trazem os emigrantes de mistura bons e maus costumes e na ansia de vencer, de accumular rapidamente riqueza, fóra do ambiente de sua formação moral, enquadrado, pela concurrence na pesquisa dos mesmos objectivos, sem o interesse superior do espirito de patriotismo da terra em que vivem viver, nelles diminuem certamente os escrupulos e se abrandam certas subtilezas moraes. Com isso se corrompem e corrompem o país dando logar á formação de uma moral que tal nome não merece e de que é uma justa synthese o conselho norte-americano dado ao filho pelo pae: *enriquece, honestamente se puderes...*

Nem todos, muito poucos mesmo realizam seus ideaes de fartura nababesca mas os que o conseguem apresentam um exemplo apparentemente facil, e que a ambição e a ingenuidade dos homens tomam como a regra commun.

De tudo isso se enfraquece a noção moral, daí se originam energias dissolutivas.

Não é pois a immigração um meio de progresso sem danos graves, mas o pior delles são as alterações que podem produzir nos caracteres fundamentais da mentalidade e da indole nacionaes, a falta de continuidade e solidariedade com o passado nacional, que a corrente immigratoria desrespeita porque não conhece nem ama.

E', porém, indispensavel recorrer a ella para fazer valer o solo e mesmo melhorar o homem, o que só será conseguido se um espirito superior souber corrigir-lhe os males, dominando-os completamente.

Esse espirito precisa organizar-se e criar os orgãos que mantenham a lingua nacional, cultivem as tradições e affirmem sempre a existencia de uma nacionalidade continua e dominante, incorporando o immigrante e não se deixando deformar por elle.

A intelligencia do Homem Brasileiro, governo ou não, deve applicar-se em transformar o immigrante em colaborador evitando que este importuna sua *nacionalidade* em vez de adoptar a da Patria em que se abriga.

A evolução do Brasil está cheia de erros e faltas perigosas, que mais e mais chamam por um patriotismo esclarecido e abnegado

Os phenomenos historicos, taes como o da *escravidão*; os erros da politica, taes como o *papel moeda*, o proteccionismo artificioso e a quasi exclusiva *cultura do café*, tornado em base da riqueza necessarios á vida de mais largo consumo universal; a *incultura* do povo permittindo a *industria politica* pela insufficiencia das élites; e de um modo geral a falta de continuidade na direcção resultados da *politica scientifica*; tudo isto tem provocado crises economicas e perturbações de ordem material, da ordem administrativa, etc., aggravando as condições materiaes da vida,abalando as condições sociaes e moraes e favorecendo o predominio dos espiritos sem escrupulos patrióticos.

Accusa-se o Brasil de falho de carácter e no entanto são de brasileiros obras de vulto que exigem eminentes qualidades de carácter!

O que falta é *cultura*! Não se vê aqui continuidade de acção, propagandas e acções são constantemente tomadas e abandonadas, sendo raros os emprehendimentos de ordem material e moral que logram obter um desenvolvimento contínuo até o derradeiro estado. Falta carácter? Não, parece antes faltar a comprehensão e o sentimento das necessidades. Faltam as vistas geraes, as vistas de conjunto, a *cultura*, que permittam discernir e classificar as necessidades.

O Brasil, a bem dizer tem progredido por *vagias*! Seus governos não seguem uma directriz uniforme e os órgãos aos quaes caberia manter a *cohesão*, que têm theoreticamente a responsabilidade pela continuidade da acção politica, fallecem completamente na pratica. De facto, nossos Congressos reflectem um estado de incultura, uma educação nacional precaria!

Um dos exemplos mais frisantes de nossos azares na vida *pratica nacional* é o que se tem passado com o *serviço militar*, cujo valor, importancia e destino nacional parece terem ficado desaparecidos tanto dos legisladores como dos executores. E no entanto, num país novo como o Brasil, extenso, de corrente immigratoria necessariamente intensa e cujas necessidades exigem um desenvolvimento ainda maior; num país de 80 % de analphabetos e onde ainda se não apagaram os sulcos profundos causados pela mentalidade das relações entre senhores e escravos, o serviço militar intelligentemente comprehendido e praticamente executado, sem as excepções odiosas de pessoas e restricções de actividade diminuitivas de seu aproveitamento nacional, seria um instrumento incomparavel de *cultura* e consolidação da nacionalidade!

Sem veleidades puramente guerreiras e contrárias á nossa situação internacional e aos interesses da civilização universal, mas fugindo aos perigos e riscos de um desarmamento idealista e infelizmente, ainda chimerico, deviam ser acalentados e desenvolvidos entre nós todas as idéas e instituições capazes de contribuirem para a força militar nacional. E essa força não reside só nos meios materiaes, no chamado *armamentismo*, tem sua séde principal no gráu de *cultura*, na mesma sua sede principal no gráu de *cultura*, na elevação do espirito nacional. Hoje, certo é que se não combatem materiaes com homens, mas a *força moral* é a unica capaz de utilizar e fazer render o material.

* * *

Criar, desenvolver as instituições que servem a cultura cívica, a cultura intellectual, a cultura

physica, é fazer obra nacional, é contribuir para criar a *força nacional*. Mas porque ser exclusivista nas diferentes especies de culturas se todas se entrelaçam e completam, ficando injustificada, incompleta e mesmo *sem destino* a que se isola?

* * *

E' incontestavel que as associações diversas pôdem prestar bons serviços á Nacionalidade e á sociedade em geral desde que tenham uma orientação conveniente. E qualquer que seja o *proto-texto da associação* deveria sempre considerar em seus fins o interesse cívico, em seus estatutos o indispensavel concurso aos interesses capitales da nacionalidade: cultura intellectual, cívica e *physica*. Seria o laço que a todas uniria, embora cada uma pugnasse pelos motivos particulares que as fizera msurgir.

As associações de classe, as associações desportivas, etc., deveriam gozar os fóros de utilidade publica desde que preenchessem esses destinos geraes dentro de limites compatíveis com seus destinos especiaes.

Talvez que seguindo systematicamente uma acção mais ou menos nesse sentido orientada, deixassemos de delirar no carnaval e ficassemos menos passivos ou indifferentes no Sete de Setembro.

* * *

O espirito bandeirante resurge e prestará certamente á Nação Brasileira deste seculo o mesmo serviço que os audazes desbravadores do sertão prestaram ao País que Pedro Alvares Cabral descobriu.

Não se trata agora de alargar terras nem buscar riquezas longiquas! Mas trata-se de manter a conquista, de valorisá-la, e robustecer sobre tudo o homem que necessita ser reeducado, cultivado, valorizado. E o homem é antes de tudo valor moral!

O espirito bandeirante ressurge e ressurge na altura da necessidade civilizadora e por isso congrega-se sob uma bandeira, bandeira de patriotismo, criando desde logo a mais formidavel obra associativa de que jamais houve exemplo no Brasil!

Logico consigo mesmo, honrando o nome que adoptou, o Bandeirante do seculo XX vencerá, e vencerá porque sabe dar o exemplo!

No dia, pois, em que o Club dos Bandeirantes do Brasil commemora seu primeiro anniversario, cada bandeirante terá sem duvida bem presente e viva na mente a idéa de que o que vale é o exemplo! E, para sua obra, exemplo de coragem, de calma, de actividade, de abnegação, de patriotismo!

SUBSIDIOS PARA OS QUADROS DE RESERVA

Artilharia

Execução do tiro na bateria de 75.

(Notas dos Cursos da M. M. F.; do R. T. A. e de publicações francesas). Pelos capitães

*Emilio Rodrigues Ribas Junior
e*

Ignacio José Verissimo

A serie de artigos que ora iniciamos não tem a pretenção de um trabalho original, cheio de ensinamentos capaz de receber, de nossos camaradas da activa, o concordo incondicional das obras dos mestres. Como o proprio titulo indica, trata-se apenas da coordenação feita com esforço e boa vontade, de apontamentos dos cursos da E. A. O. e E. E. M. já perfeitamente conhecidos dos profissionaes.

Não ha duvida que o nosso R. T. A. já trata dos mesmos assumtos de que vamos tratar, mas o que elle registra é, não só confuso para um principiante como deixa de lado uma serie de problemas inherentes ao tiro de artilharia, já hoje conhecidos entre nós, quer através de conferencias publicadas pela M. M. F., quer através de regulamentos franceses sobre o assumpto. Além disto (eis a causa primordial do presente trabalho), pareceu-nos interessante coordenar para os officiaes de reserva (pois graças aos esforços de um pequeno grupo de collegas o curso de officiaes de reserva já é uma bella realidade) essa ordem de conhecimentos, dando-lhes um caracter de clareza capaz de lhes prestar auxilio durante os seus cursos na Escola de Preparação, como tambem permitir-lhes formar uma idéa do conjunto sobre os variadissimos problemas que um capitão de Bia será chamado a resolver.

* * *

Apesar do reconhecimento e tomada de posição prececer, normalmente o preparo technico do tiro, admitemos para o nosso estudo, a bateria já em posição, deixando aquellas operações, que são mais de caracter tactico, para quando estudarmos o emprego do grupo que é a unidade tactica.

Este primeiro artigo é um resumo do que pretendemos explanar; um quadro geral das diversas questões que em artigos ulteriores serão desenvolvidos.

* * *

Logo após a tomada de posição a bateria é collocada em vigilancia. Diz-se que uma *bia* está em vigilancia (R. T. A. 151) quando o plano de uma peça (geralmente a peça da direita) escolhida como *peça directriz* está orientada para uma direcção definida (chamada *direcção de vigilancia*) ou orientada para um ponto definido (chamado *ponto de vigilancia*) e os planos de tiro das outras peças tem direções definidas em relação ao da peça directriz. Em outras palavras, quando a peça directriz estando orientada numa certa direcção, os planos das ou-

tras estão ou parallelos a ella (caso normal) ou convergentes ou divergentes (casos especiaes) (1)

Vemos pois, desde logo, que a collocação em vigilancia da Bia, implica, obrigatoriamente, em duas operações.

- a) colocar a peça directriz numa determinada direcção (direcção de vigilancia).
- b) colocar as outras peças com os seus planos de tiro ou parallelos aos da peça directriz, ou convergentes ou divergentes.

Então

A) Primeira operação

Collocar a peça directriz em vigilancia (tarefa do Capitão). Para collocar a peça directriz em vigilancia é preciso que se conheça:

- a) ou um ponto — chamado *ponto de vigilancia* — que juntamente com o ponto de posição da peça, defina a direcção de vigilancia.
- b) ou um angulo formado entre uma direcção conhecida (direcção do N. geographic ou *direcção de referencia*) e a direcção escolhida para direcção de vigilancia.

Dai dois grupos de processos para collocar a peça directriz em vigilancia.

I) A peça é apontada para um ponto (ponto de vigilancia) visto da peça ou dos arredores della, e que pôde ser feito.

- a) á vista
- b) por balisamento
- c) por pontaria ao G. B.
- d) " " á prancheta
- e) com auxilio de um *ponto de pontaria*.

II) A peça é apontada segundo um certo angulo (angulo de vigilancia) formado entre a direcção de vigilancia e uma outra direcção definida (direcção de referencia ou direcção N. S. geographic); o que pôde ser feito.

- a) com G. B. com auxilio de Dir. de Referencia
- b) " prancheta com auxilio de Dir. de Referencia
- c) " G. B. declinado
- d) " prancheta declinado.

Vemos então que os processos a empregar, para pôr a peça directriz em vigilancia, variam segundo as duas maneiras (ponto de vigilancia ou angulo de vigilancia) por meio das quaes pôde-se definir a direcção de vigilancia. (2)

Os processos comportam, aliás, outra classificação — que é a do tempo que se dispõe para a collocação em vigilancia.

(1) Aliás, em principio, forma-se sempre o feixe parallelo; a convergência ou divergência será obtida em seguida com o escalonamento de deriva.

Assim os processos podem ser classificados ainda em:

A) *Processos rápidos*

- a) á vista
- b) por balisamento
- c) por pontaria ao G. B.
- d) " " á prancheta
- e) " ponto de pontaria
- f) " G. B. declinado
- g) " prancheta declinado.

B) *Processos lentos* (2)

- a) G. B. com auxílio de Dir. Referencia
- b) prancheta com auxílio de Dir. Referencia.

Esta ultima classificação levando em conta o tempo (3) tem a vantagem de dividir os processos segundo as situações táticas em que uma bia pôde ser chamada a actuar, isto é:

- em operações activas
- " " estabilizadas.

Os processos da categoria B podem ser levados a uma maior precisão — melhorando a pontaria da peça directriz, pelo processo de *visadas pela alma*.

Estudaremos então:

- processos rápidos
- processos lentos
- " de melhoria dos processos lentos.

B) *Segunda operação*

Collocar as outras peças com os planos de tiro paralelos (divergentes ou convergentes) a peça directriz (refera do Cmt. de linha de fogo).

Uma vez estudado a collocação da peça directriz em vigilância, estudaremos a collocação das outras peças com planos de tiro paralelos a ella (caso normal) ou com os planos de tiro convergentes ou divergentes (casos especiais).

Para tal, os processos são:

- a) por ponto de pontaria
- b) " pontaria reciproca sobre uma peça
- c) " " sobre o G. B. (transformado em ponto de pontaria).

Se houver tempo, é possível melhorar o feixe paralelo, formado por um desses processos, pelo processo de *visadas pela alma*. (4)

Chegamos assim a compreender a possibilidade de conduzir esses dois grupos de operações simultaneamente.

— O capitão se preocupando em pôr a peça directriz em vigilância.

— O Comite. da linha de fogo collocando todas as 4 peças com os seus planos de tiro paralelos.

Em consequência (sendo a preocupação inicial do Comite. da linha de fogo colocar, logo que toma posição, a bia no regimen paralelo) acontecerá algumas vezes que, antes mesmo de haver o cap., fornecido a bia os elementos para collocar a peça directriz em vigilância, já o Comite. tenha formado o feixe, assentando-o (5) para uma direc-

ção (dentro da zona de actuação da bia) diferente da direcção de vigilância escolhida pelo capitão.

Neste caso é preciso que o Comte. possa dar nova orientação ao feixe, conservando, entretanto, o mesmo regimen (paralelo — convergente — ou divergente).

Vemos pois, que a collocação da bia em vigilância — comportando sempre 2 operações, poderá, neste caso, comportar tres.

Uma operação do capitão:

— collocar a peça directriz em vigilância.

Duas operações do Comite.:

- formar o feixe paralelo — orientando-o para a direcção de vigilância
- dar ao feixe nova orientação (no caso da operação de formação do feixe preceder a do capitão).

2) Terminada essas operações está a bia em vigilância. (6) Daí em diante suas operações serão de duas ordens:

- operações tendo em vista *preparar o tiro sobre a zona de vigilância*
- operações tendo em vista *preparar o tiro sobre os objectivos* que aparecem nessa zona de vigilância.

(2) O R. T. A (149) classifica os processos em rápidos e regulares. Há também quem os classifique em rápidos e precisos. Ora, os processos da categoria B que chamamos *lentos* não são, evidentemente, nem mais regulares que os da categoria A nem mais intrinsecamente precisos. Todos devem ser precisos e todos podem ser regulares, apenas o tempo (operações activas ou operações estabilizadas) e os meios (plano director direcção de referencia, etc.) de que se dispõe, é que levarão a elles maior ou menor precisão.

(3) De resto os processos não dependem só do tempo; dependem, igualmente, dos meios. Por isso, é possível que, mau degrado o tempo que disponha, veja-se uma bia obrigada, por falta de meios, a empregar, numa operação estabilizada, os processos chamados rápidos. Se admittirmos, porém, a presença de todos os meios, o tempo é o factor mais importante na escolha dos processos.

(4) Vemos pois, que o processo de *visadas pela alma* pode ser empregado para *melhorar* a pontaria da peça directriz (caso dos processos B) ou para *melhorar* o feixe paralelo. Aliás, as operações não são nestas duas situações, absolutamente idênticas. Veremos oportunamente as suas diferenças capitais.

(5) Isto é possível porque o Cmt. da linha de fogo — quando recebe ordens para ocupar posição, recebe igualmente, entre outras, a indicação da zona provável de actuação da bia.

(6) A direcção de vigilância é uma direcção escolhida na região media da zona de ação da bia. Quanto essa zona excede de 400 millesimos é vantajoso escolher mais que uma direcção de vigilância.

A) Preparação do tiro sobre a zona de vigilância

Antes mesmo que se conheça qual o objectivo ou os objectivos que a bia deverá bater, é possível medir algumas direcções e algumas distâncias; registrá-las sobre um croquis ou sobre uma prancheta e organizar tabellas de correção dos elementos topográficos (direcção — distância — sitio).

Taes operações constituem o que o regulamento chama *organizar o tiro na bia*. Fica claro que assim que um objectivo apareça, na zona de vigilância, é fácil (uma vez medido sobre essa zona de vigilância algumas direcções e algumas distâncias) conhecer, por interpolação, qual a direcção e a distância desse objectivo. Isto facilita e accelera a abertura do fogo sobre elle.

A *preparação do tiro sobre a zona de vigilância* (o que o regulamento chama — organização do tiro na bia) dever-se-á fazer:

- quer a abertura do fogo siga imediatamente a tomada de posição
- quer haja algum tempo entre a tomada de posição e a abertura do fogo. (7)

B) Preparação do tiro sobre o objectivo

Desde que se conhece o objectivo impõe-se a *bia*:

- atingí-lo
- batê-lo efficazmente.

Para *atingí-lo* necessitará ella:

- medir o desvio angular entre a direcção de vigilância e o objectivo (angulo de transporte)
- medir a sua distância e o seu sitio.

Para batê-lo efficazmente é preciso:

- adaptar o feixe ao objectivo
- escolher o genero de tiro (perentente ou tempo)
- escolher o projectil e a sua espoleta
- " o angulo de queda
- determinar a extensão da zona a bater
- repartir a zona a bater (em direcção e profundidade)
- escolher o mecanismo do tiro de efficacia
- determinar, quando possível, o modo de observação
- escolher o método de regulação.

Mas o objectivo pode (quanto ao seu aparecimento)

- só ser conhecido no momento mesmo em que aparece
- ser conhecido de antemão.

Primeiro caso — O objectivo só é conhecido no momento em que aparece.

Neste caso, não sendo possível, medir com antecedência, elemento algum do objectivo, impõe-se proceder a essas medidas rapidamente.

Assim sendo:

O angulo de transporte será medido:

- à vista no terreno
- sobre uma carta.

A alça e o sitio serão determinados:

- à vista no terreno
- sobre uma carta.

Mas a necessidade de *atingir* o objectivo o mais rapidamente possível, não permite corrigir, na medida do angulo de transporte e do angulo de elevação (alça e sitio) as causas que os podem alterar. Daí a necessidade de se ir buscar *pela regulação* em pleno desencadeamento do fogo — a precisão que a escassez do tempo não consentiu levar ás medidas.

Segundo caso

O objectivo é conhecido de antemão, isto é, surge num ponto previsto com antecedência. Neste caso a causa muda de figura. O tempo que se dispõe e o facto de já se conhecer o objectivo, permite que se determine o angulo de transporte e o angulo de elevação, e com muito mais rigor.

Assim sendo, o angulo de transporte será

- calculado

E corrigido

- a) da derivação do projectil
- b) da ação do vento transversal
- c) da inclinação dos munhões

A alça poderá ser igualmente

- calculada

e corrigida:

- | | |
|---|---|
| a) das causas topográficas
b) das causas aerológicas
c) das causas balísticas | { diferença de nível entre
la peça e o objectivo.

Peso do ar
Da direcção e velocidade
do vento
(Devidas à usura do canhão
(Devidas à maior ou menor
vivacidade da polvora
(Devidas à temperatura da
polvora. |
|---|---|

Vemos então que no *primeiro caso*

— as operações para atingir o objectivo

— as operações para bater o objectivo não podem ser *preparadas* e se fica reduzido a preparar o *tiro sobre a zona de vigilância*, isto é, *organizar o tiro na bia* (como chama o regulamento).

Contrariamente, no *segundo caso* em que se conhece de antemão, o objectivo, pode-se, não só

(7) Evidentemente desde que um objectivo surja, logo após a tomada de posição, mister será batê-lo imediatamente, independente da *preparação do tiro sobre a zona de vigilância*. Mas mesmo neste caso, as observações feitas sobre o objectivo, constituirão dados para o preparo da zona de vigilância, de maneira que a abertura do fogo sobre outros objectivos seja facilitada por essa preparação.

— preparar o tiro sobre a zona de vigilancia (organizar o tiro na bia)

como tambem

— preparar o tiro sobre o objectivo, levando essa preparação

não só aos

— elementos necessarios para *attingir* o objectivo.

Como até (o que no primeiro caso é impossivel) aos:

— elementos necessarios para *attingir* o objectivo.

Por isso, neste *segundo caso*, impõe-se reunir, para cada objectivo, numa *Folha de Calculo* todos os:

Dados do tiro . .	Dados da bia Dados do objectivo A munição a empregar O angulo de elevação O angulo de transporte
Elementos de correccão	Correcção em direcção Correcção em alcance Correcção em altura de arrebatamento.
Elementos Iniciais . .	A direcção inicial O angulo de elevação inicial O evento inicial

Mas como estas correccões são funcções de causas eminentemente variaveis; de causas imperfeitamente determinadas e de causas, algumas vezes, desconhecidas; é a *regulação* que vae ter a ultima palavra para tornar o tiro preciso.

Como vemos a regulação é a condição *sine qua non* para se ter a certeza material de attingir o objectivo, pois para elle é a unica capaz de nos dar, para cada objectivo, (sob as condições do momento) a alça e a deriva que lhe convém).

Mas a regulação sobre objectivos que se *desenfiam* (que é o caso normal das baterias) só é possivel conduzir:

- com o auxilio de um *alvo auxiliar*
- com o auxilio de um *avião*
- com o auxilio da *seccões de referencia pelo som*.

O primeiro caso impõe que se conheça, exactamente, a posição do objectivo e com a mesma exactidão a do alvo auxiliar.

Desde que se tenham essas condições (conhecimento da posição topographica do objectivo e do alvo auxiliar) é facil compreender a possibilidade de regular o tiro sobre o alvo auxiliar (que é visto) e, em seguida (mediante certas correccões necessarias) *transportar o tiro sobre o objectivo real*.

Nasce assim a necessidade de se saber *transportar o tiro*.

Mas como o tiro tem 2 coordenadas

- alcance
- direcção

é preciso saber:

- transportar o tiro eni direcção
- transportar o tiro em alcance.

Igualmente poder-se-á transportar o tiro, de um objectivo já batido, sobre um outro que se vae bater, conhecendo-se a posição de cada um delles. E' o problema anterior, com a diferença de, ser aqui, o alvo auxiliar, um objectivo.

Desde que não se conheça exactamente (por meio de coordenadas ou de carta precisa) a situação do objectivo e do alvo auxiliar, não é possivel bater o *objectivo invisivel* regulando, inicialmente, sobre um alvo auxiliar.

Resta-nos pois apenas o recurso do *avião* e da *referencia pelo som*. Esta ultima exigindo uma organização especial e não podendo ser empregada senão depois que as operações tenham permitido a instalação de todos os seus meios, não deve ser considerado como recurso normal. Por isso só a aviação constituirá o meio regular de acção, contra os *objectivos invisiveis*, pois dispensa:

- a presença de cartas
- é applicavel em toda a situação (operações activas ou operaçoes estabelecidas).

Mas o avião é um meio sempre rico para a Artilharia. Vale a pena, por isso, poupar-lhe o uso sempre que possível e daí a necessidade de:

- uma vez regulado um tiro sobre um certo objectivo *A invisivel*, (com o auxilio do avião) ficar em condições de batê-lo a qualquer momento, sem appellar mais para o avião.

Esse meio é o *alvo testemunha*.

Tudo consiste em:

- referir o tiro feito em *A* (com o auxilio do avião) sobre um alvo qualquer *B*, tomado para *testemunha*.

Fica claro que se se regular o tiro sobre o *alvo testemunha* (immediatamente após a terminação do tiro de efficacia sobre *A*) obter-se-á um angulo de elevação e uma deriva diferente do angulo de elevação e da deriva de *A*.

Conhece-se, então, qual a diferença entre os elementos para attingir *A* e os elementos para attingir *B* (alvo testemunha).

Desde que se queira retomar o tiro sobre *A*, bastará regular novamente o tiro sobre o *alvo testemunha* se as condições do momento mudarem obter-se-á, nessa nova regulação, um angulo de elevação e uma deriva diferente dos achados na primeira regulação. E como a diferença de elementos (angulo de elevação e deriva) entre o alvo testemunha e o objectivo *A* deve ser sempre a mesma, poderá-se verificar qual é a correccão a fazer (em virtude da mudança das condições do momento) nos elementos de *A* para attingi-lo novamente.

Nós já vimos que nas situações em que se dispõe de tempo e meios é possivel preparar completamente os tiros (operações para attingir o objectivo — e para batê-lo efficazmente) e, em consequencia, de desencadear os tiros sem regulação prévia, por surpresa.

Mas por melhor que sejam conduzidas as operaçoes de *preparação do tiro*, nunca será possivel colocar, exactamente, o ponto médio dos tiros sobre o objectivo. Resulta daí que, quando a surpresa exigir que o desencadearmento dos tiros se faça sem regulação, é necessario, durante o proprio *tiro de efficacia*, melhorar a collocação do ponto médio.

Isto se consegue com o *confronto* (contrôle) do tiro, isto é com um conjunto de operações tendo em vista rectificar no curso mesmo do desencadeamento do tiro de efficacia, a collocação do ponto médio de cada bia.

Uma vez atingido o objectivo e conhecidas as condições para batê-lo efficazmente impõe-se *executar o tiro*.

Para executar o tiro é preciso levar em conta:

- a cadencia do tiro
- a densidade do tiro
- o consumo do tiro.

Recapitulando o que atrás dissemos, nosso estudo seguirá a seguinte ordem:

- 1º) Collocação da Bia em vigilancia;
- 2º) Preparação do tiro sobre a zona de vigilancia (organização do tiro na bia);
- 3º) Preparação do tiro sobre o objectivo.

A) Quando o objectivo só é conhecido no momento em que apparece

- a) Preparação dos elementos necessarios para atingir o objectivo;
- b) Preparação dos elementos necessarios para bater efficazmente o objectivo;

B) Quando o objectivo é conhecido de antemão.

- a) Preparação dos elementos necessarios para atingir o objectivo;
- b) Preparação dos elementos necessarios para bater efficazmente o objectivo.

4º) Observação e regulação do Tiro.

5º) Transporte de tiro.

6º) Tiro sobre alvo testemunha.

7º Confronto do tiro (controle).

8º) Execução dos tiros.

9º) Casos concretos de tiro (tiro no grupo.)

Infantaria

GRANADAS

(emprego, classificação, funcionamento)

A granada é um engenho cheio de polvora ou de explosivo que se faz arrebentar no meio do inimigo. A Historia faz menção de seu emprego desde 1538.

Antes da guerra a infantaria não era dotada de nenhuma arma de tiro curvo, porém, no decurso de 1914 em que os adversários iniciaram a guerra de trincheira, a necessidade de actuar sobre elementos abrigados, para os quaes as armas de tiro tenso nada podiam fazer, a granada fez seu reaparecimento, fazendo hoje parte integrante do armamento da Infantaria.

Elas classificam-se segundo o ponto de vista tactico, modo de arremessar e processo de accendimento.

Dai temos: offensivas e defensivas, de mão e de fuzil, de tempo e de percussão.

As offensivas, mais leves e de menos poder mortífero, empregadas em terreno descoberto, seu involucro é liso afim de que os estilhaços, tendo um fraco peso, tenham uma pequena zona de acção e assim não se torne por demais perigosa ao atacante ao arremessá-la.

Agem sobretudo pela violencia da explosão, tendo seu valor como efecto moral e permittir pela fumaça produzida uma especie de mascara no combate aproximado em terreno descoberto e notadamente no curso do assalto. Ela permite atingir um adversario abrigado e progredir em terreno descoberto como em terreno devolvido ou organizado; porém em razão de seu fraco rendimento, ella deve ser empregada em quantidade relativamente consideravel para poder se obter o efecto desejado.

As defensivas contêm um explosivo possante, dentro de um involucro que se fragmenta em numerosas estilhaços, bastantes mortiferos em um raio de 100 ms., do ponto de arrebentamento. É conveniente sómente lançá-la de um abrigo bem protegido dos estilhaços.

Ella permite realizar barragens a curta distancia contra um inimigo que se desenfia em angulos mortos ou atrás de obstaculos para se aproximar dos orgãos da defesa.

A acção das granadas é um processo de combate supplementar posto á disposição do grupo de combate lhe permittindo á curta distancia forçar as resistencias do inimigo ou quebrar o seu impeto quando as armas de tiro tenso tornam-se impotentes.

A granada a fuzil V. B. pode ser lançada á distancia de 170 ms. Seus efectos são semelhantes á de uma granada defensiva.

Na offensiva elle prolonga ou reforça a acção das granadas de mão, graças ao seu tiro curvo.

Na defensiva ella constitue um excellente engenho de barragem e de inquietação.

Deve-se procurar sempre reuní-los e agir por concentração de fogos.

Classificação	/ Sob o ponto de vista do alcance e modo de lançamento.....	granadas de mão (20 a 30 metros)	Explosivo.....	Offensivos
			suffocantes	Defensivos
		granadas de fuzil (190 metros)	fumigenos	
			incendiarios	

Segundo seu sistema de accendimento

{	granadas d: tempo (automaticas)
{	accendimento
{	granadas de percussão

Uma granada de mão comprehende em principio

{	(1) Um dispositivo de accendimento (espoleta)
{	(2) Um involucro

Caracteristicos da granada de mão offensiva	Peso da granada 10 gms.
	Peso do explosivo (chegide) 150 gmas.
	Total da granada 250 gms.
	Alcance 30 a 35 metros
Involucro de aço ou ferro brameo com 3-10 mm de espessura.	Involucro de aço ou ferro brameo com 3-10 mm de espessura.
	Zona de efficiencia 8 a 10 metros.

Caracteristicos da granada de mão defensiva	Peso da granada 450 gms.
	Carga de explosivo (chedite) 60 grammas.
	Peso total com a espoleta 630 grammas.
	Alcance, 25 a 30 metros (dispersão — 100 ms.).
	Involuero de ferro fundido de fragmentação preparada.

Pintada de cinzento.
Zona de eficiencia.... 100 metros.

GRANADA DE FUZIL

E' lançada por meio do bocal V. B. feito de um bloco de aço temperado torneado, deixando um calibre de 50 mm e que se liga ao cano do fuzil por meio de um engaste tronco conico fendido.

A granada compõe-se de um corpo de ferro fundido, cylindrico, de fragmentação interior.

Um canal central dá passagem á bala e outro lateral recebe o detonador e a espoleta.

Espoleta.....	Tampa.....	orificio da passagem do pino
		resalto para o retém do pino
	Externamente	Resalto anterior onde se prende a janela do capacete.
		Resalto posterior com orificios de passagem do grampo.
	Externamente	Mola de percussão. Alojamento da mola de percussão. Alojamento do eixo da mola de percussão. Alojamento do pino do capacete. Alojamento das escovas.
Corpo.....	Cabeça.....	
		Parte roscada
Cauda.....	Parte lisa	
		(Constituida pela capsula fulminante)

FUNCCIONAMENTO

Quando se retira o grampo, o capacete é levantado pelo pino que se escapa sob a acção de sua mola. Neste momento, a mola de percussão ficando em liberdade vai ferir as escovas. Mesmo que uma das escovas esteja deteriorada, a outra é suficiente para produzir a inflamação da mecha.

A mecha queima durante 5 a 6 segundos, depois vai detonar a capsula fulminante que determina por sua vez a detonação do explosivo contido no corpo da granada.

Todos os homens devem conhecer perfeitamente o funcionamento da espoleta para que possam deduzir: 1º) as precauções a tomar no manejo das granadas reaes; 2º) a segurança que apresenta o engenho para quem saiba empregar; 3º) a segurança do funcionamento de um engenho em bom estado.

Por exemplo: conhecendo-se que um pequeno deslocamento de um pino, basta para libertar os ramos da mola de percussão, comprehende-se a necessidade de não abrir os dedos quando se tem a granada na mão depois de retirado o grampo; vendo-se como o capacete está preso ao resalto posterior, pelo grampo, comprehende-se que é absolutamente impossivel que o accendimento se pro-

duza se não se abrirem os dedos; vendo-se a disposição do sistema de escorvamento (2 percussores, 2 escovas independentes) verifica-se que ha pouca probabilidade de falhas; vendo-se queimar um pedaço de cordel bickford e conhecendo-se o comprimento deste, das escovas á capsula, tem-se a consciencia que se escóam alguns segundos entre o accendimento e a explosão.

No momento da granada deixar o bocal o projectil do fuzil atravessa o canal central e age sobre uma lâmina collocada no seu percurso, fazendo-a ferir a escova.

A espoleta é presa por engastamento no canal lateral.

A espoleta é dotada interiormente de um rastilho de 8 segundos de duração.

O orificio de carga da granada é fechado por um tampão rosado.

CARACTERISTICOS .	Peso vazio 415 gms.
	Carga (chedite) 60 gms.
	Alcance (angulo 45°) 190 metros. Total 475 gms.

Para exercícios faz-se uso de granadas inertes do mesmo tipo que as reaes, pintadas de vermelho.

A granada, lançada á mão ou com fuzil, segue uma trajectoria curva.

Por esse facto, ella completa as propriedades do armamento do infante permittindo-lhe attingir mesmo um adversario collocado á retaguarda dum obstáculo vertical. E' a arma principal da guerra de trincheira. Graças á sua introducção, a infantaria tornou-se apta a atacar e a defender-se, quaesquer que sejam as formas do terreno e a posição do inimigo.

ESPOLETA AUTOMATICA M|1916

Esta espoleta é commun a duas especies de granadas de mão offensiva e defensiva.

NOMENCLATURA .	Capacete
	Espoleta propriamente dita
	Grampo

CAPACETE	Cabeça com janela
	Cauda com alojamento do resalto posterior e orificios de passagem do grampo.

GRAMPO	dois ramos
	annel.

PINO	mola
	capacete

retém

Engenharia

II

Fins immediatos a obter com a organização do terreno

No artigo anterior vimos o papel tactico da organização do terreno e a importancia que o mesmo revestia.

Falta-nos, agora, dizer quaes os fins immediatos a obter com os trabalhos de organização.

Ouçamos o R. O. T. (Título I 4).

"De um modo geral, os trabalhos de organização do terreno para realizar o objectivo acima indicado, visam:

- 1º, pôr ao abrigo dos tiros inimigos as tropas de ataque e os órgãos de fogo da defesa, as unidades reservadas, os postos de commando e os observatórios e, em regra, todos os elementos essenciais do comando e da tropa;
- 2º, permitir os deslocamentos a coberto, ou, pelo menos, ao abrigo das vistas do inimigo, dos reforços, das reservas, e dos órgãos de reabastecimento, e assegurar o funcionamento das ligações e transmissões;
- 3º, na defensiva, criar na zona de marcha do assaltante, obstáculos batidos pelos fogos da defesa, que o obriguem a ficar sob estes fogos durante o menos tempo possível".

OFFENSIVA E DEFENSIVA — PLANO DE DEFESA

Só a offensiva condus á victoria.

A defensiva é apenas uma situação de transição, embora sua duração possa ser longa, durante a qual forças de efectivo restricto se oppõem ás acções de um inimigo no geral mais forte, procurando immobilizá-lo, ou mesmo destruí-lo. O terreno judiciosamente empregado e quiçá organizado, supre a deficiencia numérica.

Entretanto, a defensiva, é apenas um recurso de que lança mão um chefe para deter em uma dada frente a progressão do inimigo, enquanto se esperam reforços para passar á offensiva ou então, aí immobiliza-o enquanto outras forças, agindo offensivamente em outras frentes, procuram a decisão da luta.

"Na batalha defensiva, o objectivo é assegurar a integridade geral da frente, economizando as proprias forças e procurando constantemente esgotar e destruir as do inimigo" (R. D. G. U.).

Conclue-se do exposto, que no geral sómente ou forças numericamente inferiores (tropas de cobertura, deslocamentos de segurança, etc.) ou os impedidos de continuar uma progressão já iniciada (falta de abastecimentos), se decidem a tomar a defensiva.

Exceptuam-se, entretanto, os casos em que circunstâncias extraordinariamente favoráveis do terreno levam o Chefe a se manter na defensiva, apenas para obrigar o inimigo a manter o seu ataque, enquanto que com outras forças, agindo sobre os seus flancos ou mesmo retaguarda, o obriguem á derrota.

Se na offensiva o terreno é de grande importânciia, pois é elle quem traça as linhas geraes da progressão das tropas de ataque (linhas de crista), os caminhamentos das reservas (caminhos desenfiados ás vistas), os observatórios, os lugares de reunião das reservas, etc., etc., na defensiva é uma verdadeira arma que convenientemente manejada permite triplicar o valor da tropa.

A maneira como um Chefe pretende utilizar os meios de que dispõe (tropas, fogos) casando-os vantajosamente com os accidentes do terreno, constitue o que se chama o PLANO DE DEFESA.

"O plano de defesa é o documento de que se serve o Chefe para fazer conhecer o modo por que entende conduzir a batalha defensiva, e os meios que conta empregar para tal fim" (R. O. T. Título II-Cap. I).

III

Plano de organização defensiva — Suas bases

Vemos que constitue — Plano de defesa — a maneira como um Chefe, colocado na defensiva, se pretende a destruir o inimigo que se lançar ao ataque.

Para tal fim, elle dispõe as suas tropas, aproveitando os accidentes do terreno de forma a poder agir sobre o inimigo já com seus fogos, já por meio de offensivas parciaes (contra-ataques).

O aproveitamento do terreno, neste caso, desempenha um papel altamente importante, dependendo delle em grande parte o exito da operação.

Entende-se por aproveitar o terreno, dispor as tropas sobre os seus accidentes de maneira a dar grande eficiencia aos seus fogos e a permitir-lhes acções offensivas locaes vantajosas, ao mesmo tempo que se torne difficult a progressão do adversario.

O plano de defesa é seguido do — Plano de organização — documento no qual se estabelecem os varios trabalhos a se effectuar sobre o terreno, para aumentar seu valor defensivo.

Entretanto:

"O plano de defesa é estabelecido nos escalões de execução, isto é, a partir da D. I., depois de um reconhecimento minucioso do terreno.

Deve estar em condições de poder ser applicado integralmente, antes mesmo de qualquer trabalho de organização. A falta de tempo ou de meios para a execução destes trabalhos, não impede que uma tropa qualquer, installada na defensiva, tenha uma capacidade de resistência que lhe é propria, graças ao seu fogo e dos seus efectivos.

Os trabalhos de organização do terreno servem apenas para aumentar essa capacidade de resistência. A falta delles não deve, de modo algum, impedir que uma tropa, que haja recebido uma missão defensiva, a execute.

Com este fim, a defesa da posição principal de resistência é concebida e prevista desde o inicio, abstrahindo-se de toda e qualquer organização defensiva" (R. O. T. — 1ª Parte — Título II-Cap. I).

"Servem de base ao estabelecimento do plano de organização os seguintes elementos do plano de defesa:

- a) a determinação da posição principal, definida pela sua frente (frente exterior, deante da qual deverá ser estabelecida uma barragem de fogos destinada a quebrar os ataques inimigos), pela sua largura e profundidade (escalonamento de fogos no interior da posição);

- b) a determinação da posição de postos avançados e, eventualmente, das posições sucessivas;

c) o dispositivo da divisão em que se dá:

1) A repartição da infantaria em:
tropas de vigilância, para a defesa da posição de P. A.; grosso, estabelecido na posição principal de resistência, e encarregado de sua defesa; reservas, destinadas a serem empregadas para reforçar as tropas de defesa da posição principal, ou para actuar por meio de contra-ataques.

- 2) As localizações da artilharia;
d) a conducta a manter no momento do ataque:
1. Missões dos postos avançados;
2. {
 | Acções previs- Plano de fogos da infantaria
 | tas pelo em- Plano de emprego da
 | prego do fogo artilharia.
3. Preparação dos contra-ataques;
c) localização dos postos de commando — observatórios e quadro das ligações a assegurar".
(R. O. T.-Título II-Cap. I)

A execução das reformas

A necessidade de uma reforma militar profunda e tão completa quanto permitem as nossas condições é incontestável desde muito tempo e, hoje, incontestada de facto. A opinião tem elementos para se achar bastante esclarecida, tão discutidos têm sido, em toda parte, e há tanto tempo os assumptos capitais.

O proprio governo lançou em mensagem ao *Congresso Nacional* as bases verdadeiras da reforma ferindo os pontos fundamentaes com bastante clareza e nitidez, mostrando ao mesmo tempo plena posse dos segredos das falhas actuaes e conhecimento dos meios efficazes de correção.

Está, portanto, firmada a base mental necessaria para uma obra definitiva. Falta apenas comecar a realizao, o que vae depender um pouco das outras qualidades humanas, alme da intelligencia.

E' por isso que alguns mostram já apprehensões em relação ao retardo da accão, cujas causas ficam ignotas ou incomprehendidas, parecendo criar-se uma contradicção com as manifestações que foram feitas á luz do dia, de pleno acordo com as aspirações verdadeiramente patrioticas.

Começa-se, agora, a temer um arrefecimento injustificável nas optimas intenções que a todos embalaram, mas isto só seria admissível se aquellas expressões não correspondessem a sãos sentimentos e ás convicções profundas que as devem ter ditado.

Por outro lado, há quem veja na falta de realização das prometidas reformas fundamentaes — *Conselho Superior de Defesa* — *Lei de promoções* — *Serviço Militar*, etc. — uma desproporcionalidade entre os homens e a obra a realizar, o que também é inadmissível dada a clareza com que a questão foi posta, revelando uma mentalidade formada. É facto que mesmo as dificuldades financeiras não constituem causa bastante para que a reforma não seja atacada de frente e com energia porque, o que há de mais grave a fazer, não depende essencialmente de meios pecuniários. Seria mesmo conveniente preparar a grande e *definitiva reforma* por uma recomposição tão completa quanto possível da ordem, introduzindo hábitos de *trabalho provitoso* e orientado para o objectivo da guerra, único fim dos Exércitos, conduzindo todos os órgãos a funcionar de acordo com os destinos, para que foram criados.

E' incontestavel que ha ainda uma ausencia de trabalho real e productivo que nenhuma razao legitima justifica a não ser o desacordo entre os homens e seus encargos, a falta de observancia da velha regra de "*the right man in the right place*".

* * *

Alguns projectos jazem no seio recondito das comissões do *Congresso Nacional* sem terem andamento regimental. Assemelham-se a explosões, despertar de consciências premidas por flagrantes necessidades nacionaes, logo, porém, suffocadas por conveniencias que ninguem percebe. Longe de applaudi-los, considerando mesmo alguns taes quaes estão, mais perniciosos que uteis, agradamos a idéa que encerram de arrancar-nos deste estado de erro e de insufficiencia em que nos vimos debatendo ha demasiado tempo.

Lastimamos, porém, que não tenham podido manifestar a virtude, que não tenham tido o poder de agitar as proprias questões que encerram, conduzindo ou provocando desse modo uma solução necessaria.

Quaes sejam as razões que lhes têm reprimido o surto, não percebemos nem podemos comprehendêr, quando vemos o tempo malbaratar-se em coisas de nonada, ou de vida corriqueira.

Dizem espíritos maledicentes e menos propensos ao bom julgamento, que a razão de um tal acontecimento — se assim se pode chamar o fenômeno — é a imprecisão ou a falta de idéias assentadas entre os que devem ser competentes em tais assuntos.

Isto põe em cheque, sobretudo, a classe dos que mais directamente com elles lida e à qual "A Defesa Nacional" se incorpora, testemunhando ao mesmo tempo que não é esta a razão verdadeira da falta de andamento, porque, em suas paginas, largamente têm sido ventiladas todas as questões principais.

- 2 -

"A Defesa Nacional" não encarando jamais as questões por um prisma pessimista, náda constructor, e crente sempre nos destinos finaes de uma Patria, grandiosa e forte, sabe esperar confiante no futuro, sejam quaes forem as vicissitudes do presente, que força é confessar, encerra ainda favoraveis prognosticos.

Escola de Sargentos de Infantaria

"Mais um anno de proveitosos trabalhos foi commemorado a 14 de julho na E. S. I., com a promoção dos alumnos que concluiram o curso de sargentos e com a promoção dos que passaram do 1º ao 2º periodo. Foi uma solemnidade brillante, digno coroamento dos esforços patrióticos dos que têm sabido manter sempre elevado aquelle proveitoso e efficiente estabelecimento, melhor fonte que possuímos para o recrutamento dos quadros de sargentos.

Abaixo publicamos o discurso pronunciado pelo alumno *Alvaro Sant'Anna* em nome de seus collegas, saudando os novos sargentos, cujos conceitos atestam bem a mentalidade sã que a E. S. I., incute nos seus discípulos."

Jovens sargentos :

Quando designado pela gentileza dos meus collegas para trazer-vos hoje, pelo vosso triumpho, a eloquencia altamente significativa e bella da sua saudação, não reflecti se estava na altura de cumprir fielmente esta missão delicada e honrosa, ou se me faltariam elementos para executá-la.

Habituado desde criança ao ambiente benefico das letras, conduzido desde cedo, pelas mãos bemfazejas dos mestres, pelos caminhos da grandeza e do bem, aprendi em pouco a admirar as cousas bellas que significam o carácter e enobrecem a alma.

Aquelles evangelhos de civismo, que me ensinaram, aquella doutrina de luz que depois eu preguei das tribunas de minha terra, é que me conduziram a esse templo soberbo donde a gente sae com a benção da Patria e o galhardão dos heróes.

Acompanhei, com o coração suspenso, a vossa escalada pelos degraus que vindes de transpor, e quando vos contemplei agora no final da jornada, foi tão profundo e sincero o que senti, que logo comprehendi a necessidade inevitável de vos estreitar num abraço, embora humilde, traductor, porém, da mais bella apoteose.

Aceitei, portanto, a difícil incumbência não envaidecido pela distinção erronea de que fui alvo, porém convicto de que a rusticidade da linguagem tóscia muitas vezes fulgura tão sómente pelo sentimento que a inspira e não pelo burilado caprichoso de palavras bellas e altisonantes.

Recebi a missão e venho desempenhá-la agora, descobrindo-me aqui, num gesto de admiração e orgulho, para saudar, em nome dos meus collegas de turma, os maiores homens da Nação.

Sim, meus senhores, a minha phrase não é a fantasia exagerada que o entusiasmo emprega para colorir palavras. Digo os maiores homens da Nação porque são elles justamente os militares, aquelles que se celebrizaram na batalha de Riachuelo e na tragedia de Tuyuty, e que se consagram na posteridade com a evolução dos tempos.

O mundo evolue, a civilização avança, a Patria progride.

O transatlântico rasgando os mares, a locomotiva cruzando o solo, a aeromave nas nuvens, o lavrador no arado e o ferreiro na officina, o mestre na escola e o operario nas minas, o sabio que estuda e artista que crystaliza as irradiações da alma, não são mais do que o progresso que marcha com seu cortejo triumphal ao retinir do malho na bigorna, ao rodar das carretas, ao ruido das machinas, ao entrechocar dos ferros, tudo isso formando, num concerto harmonioso, o hymno do trabalho.

Cada nação é uma potencia mais forte, cada país é uma columna que se eleva mais alta, onde todos, operarios laboriosos, vão depositar o seu punhado de areia para a continuaçao da obra.

Entretanto, o alicerce sólido do monumento que se edifica, a muralha intransponível que defende os lares, que vela pelo sonno tranquillo dos que repousam enquanto outros caminham para a luta quotidiana é a baioneta valente do soldado resoluto que num compromisso sublime sella com o proprio sangue as portas do templo da Patria para que outrém lá não penetre e arrebate as joias que no seu scio rutilam. São esses peitos titânicos que tombam valorosamente no fragor das batalhas envoltos no anonymato da sua modestia nobre, deixando unicamente, como vestigio da sua passagem na terra, a grandeza de seu heroísmo e o exemplo de um dever cumprido.

Ave! pois, oh filhos augustos da patria soberba de Marcilio Dias! Pelo vosso nome, pelo vosso valor, por tudo o que de bello e nobre dentre em vós se encerra, salve!

Nova cortina se rasga hoje deante dos vossos passos. O mundo é um amphitheatre colossal onde todos devem ser gladiadores athleticos para se mediarem com a vida quando chegar a vez de lutar.

Cada povo, cada país, cada officina onde se forja a grandeza do porvir, ali manda os seus operários, e manda os seus filhos para representarem o seu valor aos olhos avidos da humanidade que os contempla anciosa por cobri-los de flores ou esmagá-los na ambição da conquista.

Chegado é o momento de entrardes na arena.

Ide e ensinae lá fóra o que aprendestes aqui. Repeti a toda gente o que vos disseram os vossos mestres; sede, portanto, mestres como elles, porque meus amigos, a missão do militar de hoje já não deve ser unicamente a de protagonista das tragédias do fogo e do sangue. Elle deve ser, primeiro que tudo, o edificador de espiritos fortes, modelados em princípios sãos, que o acompanham na escalada da montanha luminosa onde ficam impressas as suas plantas. Deve semear nas margens do seu caminho a abençoada semente do bem, que mais tarde, arvore, seja obrigo acolhedor dos viandantes que por ali passarem, e, fruto depois, seja alimento restaurador dos que tergiversaram na descrença. E desta grande verdade ficae certos, senhores; grande não é sómente o capitalista que constróe castellos nem o estudoso que descobre engenhos, grande não é sómente o poeta que escreve paginas de oiro, nem o sabio que confabula com o firmamento todo aberto em luz. Se é grande o marujo arrojado que arranca a perola das mais profundas solidões dos mares e o aeronauta ousado que vae beijar as lampadas celestes, entre todos os grandes maior é o mestre que nos ensina, que nos aponta o caminho de degrau em degraus, que de alto da sua sapiciencia nos mostra as maravilhas do mundo, que nos entrega o livro, a chave de oiro com que abrimos de par em par todas as portas do universo, e que fica de longe com o braço erguido num gesto largo nos indicando a estrada por entre as assombrosas galerias do palacio encantado que o Criador construiu.

E' isso o que tendes a fazer, meus jovens amigos.

Descança sobre os vossos hombros a confiança dos vossos superiores e a fé dos vossos soldados. Preparae estes últimos que carecem do

vosso braço como os primeiros carecem do vosso esforço.

Assim como a semente que se atira ao solo no tempo da bonança é o pão que nos alimenta nos dias de penuria, o que fizerdes hoje não será mais que congregar energias que amanhã reunidas formarão a parede que ha de reagir ao arremesso da resaca.

São estas as minhas ultimas palavras.

Eis aberto o caminho, cumpre-vos, pois, progredir.

Quer como apostolo da luz na paz, quer como mensageiros da gloria na guerra, avançae sempre, valorosos sargentos, que é este o vosso dever.

Procrae subir cada vez mais alto que com vosco subirá tambem o nome do vosso berço. Edificae com as vossas mãos o throno da vossa gloria e da vossa terra : sede realizadores do luminoso porvir que nos acena de longe. E como infelizmente no seio da humanidade ainda dorme ameaçador o espirito do mal, se acaso algum dia o bafejo da guerra tentar deste solo a nobreza manchar, fazei resuscitar subitamente dentro em vós a alma varonil do almirante Barroso e no solo estrangeiro ide e escrevei com sangue, á ponta de baioneta, o nome sacrosanto do vosso Brasil amado que os nossos avós immortalizaram no bronze dos seculos!

São estas as palavras dos vossos amigos que vos acclamando numa torrente de flores e de palmas vos mandam dizer que nunca jámais retrogradeis um passo na vossa jornada, porque nesta campanha, sangrenta e desigual, entre o Homem, simplesmente audacioso e forte, e o Mundo gigantesco, cruel e selvagem.

Où morre o homem na luta

Feliz, coberto de glória.

Ou surge o homem com vida

Mestrando em cada ferida

O hymno de uma vitoriosa!

Leucania vicinata.

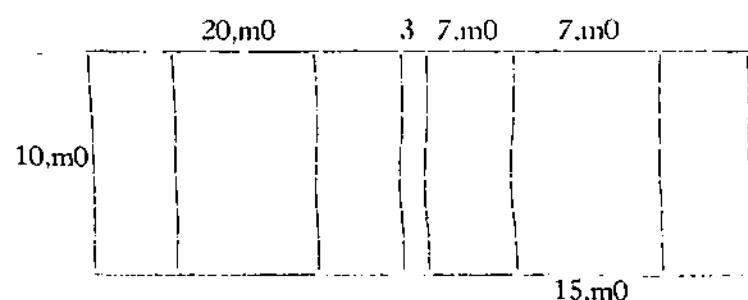
Os professores, os jornalistas, os tribunos são, hoje, os que semeiam a paz ou a guerra. As bocas de fogo sucedem ás bocas da palavra. A penna desbrava o campo á espada. (RUY BARBOSA, *Conferencia em Buenos Aires, 1916*).

EDUCAÇÃO PHYSICA

Cap. Francisco Fonseca

REGRAS DO JOGO DE PETECA

CAMPO



O campo é representado por dois rectângulos de 10 metros de largo sobre 20 metros de fundo e separado por uma zona neutra medindo 10 metros de largura por sobre tres metros de fundo. A zona neutra é limitada por uma réde medindo um metro de altura. A dimensão do campo será de 43 metros. Cada rectângulo será dividido em 2 partes: 7 metros e 15 metros.

PETECA

A peteca deve ser de pelica ou de couro macio semelhante, cheia de crina animal ou sarragem, medindo o seu corpo um diametro de 8 centímetros, tendo o peso variavel de 75 grms. a 85 grammas.

EQUIPES

As equipes são constituidas de 5 jogadores, 2 de ataque, os da frente; 2 de defesa, os detrás e um de ataque e defesa, o do centro. Ou, ainda, 2 na frente, 1 no meio e 2 atrás.

PARTIDAS

As partidas são geralmente em 50 pontos devendo occasionar a mudança de campo aos 25

pontos, entre os partidos, podendo haver descanso de 5 minutos.

O JOGO

A equipe que por sorte perder na escolha do campo, receberá o primeiro saque no inicio da partida. O saque deve ser atirado para cima, de modo que passe sobre os jogadores adversários que estiverem na frente; para efeito do saque os jogadores devem ficar na linha de 15 metros do campo e toda a peteca que passar acima da cabeça dos jogadores, caindo dentro do campo será valido o ponto, não acontecendo o mesmo quando fôr fóra das linhas finais ou passar abaixo do peito dos jogadores da frente. Três saques máus corresponderão à perda de um ponto pela equipe sacadora. São considerados saques máus os que não atingirem ou passarem abaixo da cabeça dos jogadores collocados na linha dos 15 metros do campo para recebê-los e os que passando por cima dos jogadores cairem além das linhas que limitam o campo longitudinalmente ou cairem fóra dos seus limites lateraes. Toda a vez que um dos seus jogadores commetter uma das seguintes faltas a equipe perderá um ponto: — bater mais de tres vezes consecutivas na peteca; prendê-la, entre os dedos, contra o corpo, ou, algum objecto e defendê-la com o pé; levantar as duas mãos para apanhá-la; rebatendo a peteca jogada por cima dos limites do campo. Toda a peteca jogada na zona neutra voltará a equipe que a lançou para ser dado novo saque. Sempre que um ponto não fôr conquistado dentro da regra será nulo e voltará a equipe que o fizer para novo saque. Salvo nos em que os jogadores têm posição determinada para receber a peteca, os jogadores atacantes devem esperá-la do adversario até distante no maximo 7 metros da zona neutra.

As idéas falsas são as grandes devastadoras da historia. Não é com armas materiaes que se combate. O canhão não é senão um servidor do pensamento. Das idéias que vão dirigir os povos dependerá seu destino. (GUSTAVO LE BON — *Primeiras consequencias da guerra*).

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

que continuam como representantes da "A BANDEIRA"

Na Marinha de Guerra

1º Tenente João Dias da Costa

Nos Quadros de Reserva

Capitão Gonçalves Valença

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. João B. Lobato Filho.
D. M. B. — Ten. Léo C. Albuquerque.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo da S. Barros.
1º R. M. — Cap. Edgard de Oliveira.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Hugo Alvini.
E. E. M. — Ten. Pery C. Beviláqua.
E. A. O. — Cap. De Moraes.
E. V. E. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Procopio S. Pinto.
E. M. — Alumno Octacilio Silva.
E. A. M. — Ten. Godofredo Vidal.
C. M. — Ten. H. Sarmento.
1º R. I. — Major Pedro Angelo.
2º R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3º R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1º R. C. D. — Ten. Oswaldo N. Lisbôa.
15º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1º R. A. M. — Ten. Osman V. Mascarenhas.
2º R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1º G. A. Mth. — Cap. Canrobert P. Costa.
1º G. I. A. P. — Ten. Oswaldo de A. Motta.
1º B. E. — Ten. Aurelio de L. Tavares.
1ª Cia. F. U. — Ten. Antonio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Ten. João da C. Braga Junior.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Correia de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2º. D. I. — S. Paulo — Cap. A. Roszannvi.
Q. G. 3º. D. I. — P. Alegre — Cel. Amílcar Magalhães.
Q. G. 4º. D. I. — Ten. José E. Braga.
Q. G. 7º. R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Q. G. 5º. R. M. — Curytyba — Ten. Affonso Fink.
Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Armando Vasconcellos.
Fabr. de Polvora da Estrella — Ten. Pio dos Santos.
Fabr. Polvora — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
Ars. Guerra — Ten. Nestor Souto.
C. M. — P. Alegre — Cap. Raymundo Fontinelli.
4º R. I. — Quitaúna — Ten. Arlindo P. Nunes.
6º R. I. — Cacapava — Ten. Jeronymo Braga.
9º R. I. — Rio Grande — Cap. Frederico B. M.
11º R. I. — S. João d'El-Rey — Ten. Frederico B. M.
Ribeiro. — Cap. Luiz G. S. Leão.
12º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Antonio de F. Barbosa.
2º B. C. — S. Gonçalo — Ten. Alfredo Nobrega Jr.
4º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
6º B. C. — Itapemery — Ten. Clovis F. Santiago.
15º B. C. — Curytyba — Ten. Domingues dos Santos.
9º B. C. — Caxias — Ten. João J. Vieira.
22º B. C. — Paratyba — Ten. Manoel R. de C. Lisbôa.
24º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.

2º R. C. D. — Pirassununga — Cap. Alcides Lauriodó.
4º R. C. D. — Tres Corações — Ten. Celso Banda.
2º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
14º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Hercio M. de Lemos.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
5º R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osvino Alves.
6º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
8º R. A. M. — Pouso Alegre — Ten. Clovis de S. Barros.
9º R. A. M. — Curytyba — Ten. Oscar G. do Amaral.
3º G. I. I. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5º G. I. Mth. — Valença — Cap. Hermes Portella.
1º G. I. Cav. — Itaquy — Cap. Euclides Sarmento.
3º G. I. Cav. — Bagé — Ten. Osmar Brandão.
3º D. C. — Bagé — Ten. Francisco Reischneider.
Força Pública do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Pública do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.
Força Pública de Pernambuco — Cap. J. de Almeida Figueiredo.
Batalha Militar do Rio Grande — Ten. Aleardo Pereira.

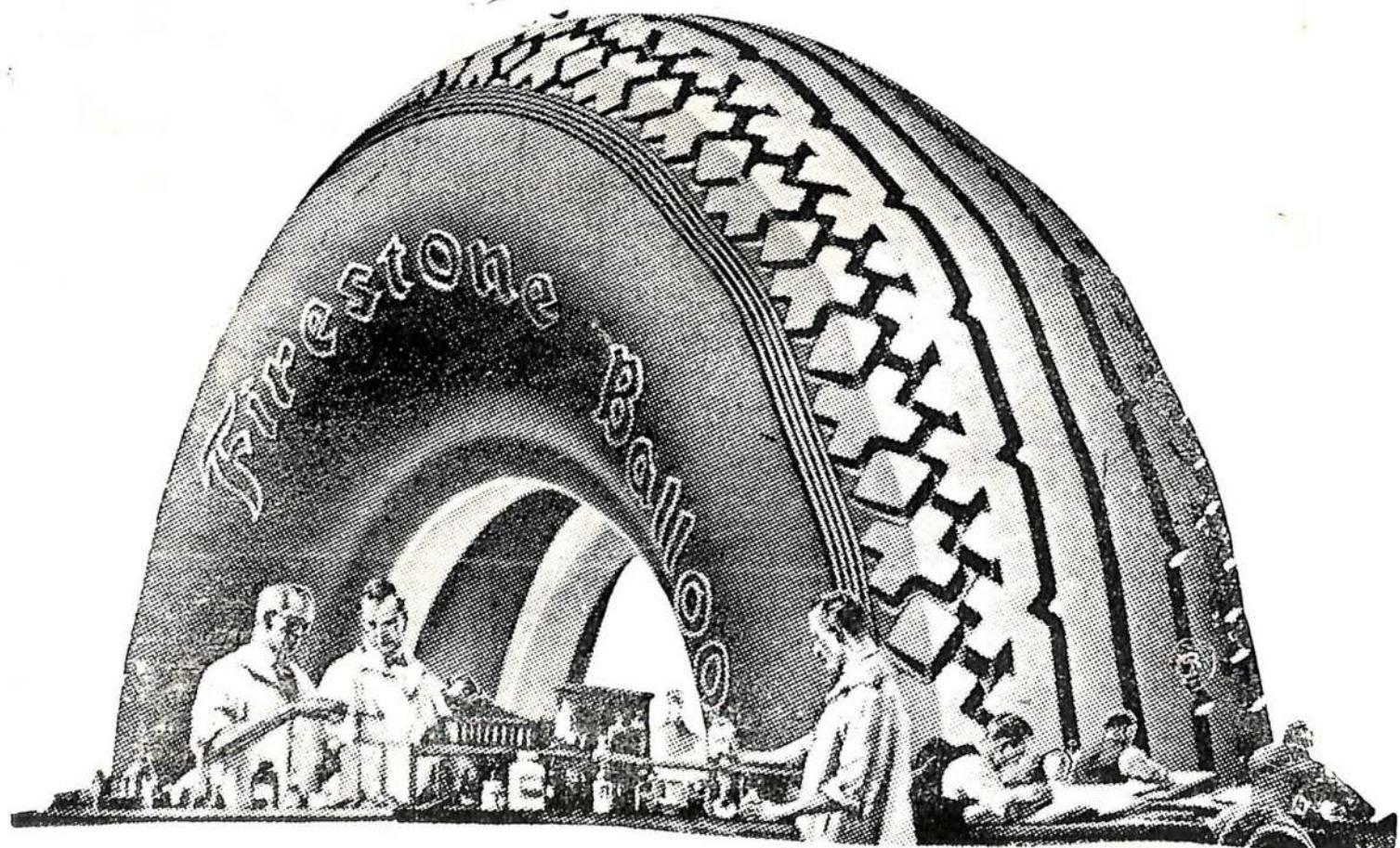
MAIS UMA VEZ
os pneumaticos **Firestone**
DEMONSTRAM SUPERIORIDADE !...

No Campeonato de 200 milhas realizado no "Autodromo de Rockinham" na America do Norte, em 4 de Julho p. passado.

Com o carro equipado, como sempre, com pneumaticos "FIRESTONE" o az do volante Peter de Paolo, alcança o primeiro logar desenvolvendo a velocidade phantastica de 126 milhas por hora, sem que os pneus mostrassem o menor estrago.

Esta prova que equivale para um pneumatico o uso diario de um anno em condicoes normaes, foi ainda por esta vez vencida por :

Firestone



Nas provas mais severas use pneumaticos
e suas camaras de ar vermelhas.

Firestone

Distribuidores:
CARLOS CONTEVILLE & CIA.